

UMA DOBRA NO TEMPO *livro 3*

UM
PLANETA
EM SEU GIRO
VELOZ

MADELEINE
L'ENGLE

 Harper
Collins

MADELEINE
L'ENGLE

UM PLANETA
EM SEU
GIRO VELOZ

livro 3

tradução
ÉRICO ASSIS



Rio de Janeiro, 2018

Copyright © 1962 by Crosswicks, Ltd.

Título original: Swiftly Tilting Planet

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores De Livros, RJ

L584v

L'Engle, Madeleine, 1918-2007

Um planeta em seu giro veloz / Madeleine L'engle ; tradução Érico Assis. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Harper Collins, 2018.

Tradução de: Swiftly Tilting Planet

ISBN: 9788595083509

1. Ficção americana. I. Assis, Érico. II. Título.

17-46120 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Para Hal Vursell

Sumário

- [1. Nesta hora sinistra](#)
- [2. O Céu em toda sua força](#)
- [3. O sol em sua alvura](#)
- [4. A neve em sua brancura](#)
- [5. O fogo em sua potência feroz](#)
- [6. O relâmpago em sua ira veloz](#)
- [7. Os ventos na velocidade atroz](#)
- [8. O mar em sua profundez](#)
- [9. As rochas em sua ingremidez](#)
- [10. A terra em sua aridez](#)
- [11. Todos disponho eu](#)
- [12. Entre mim e as forças das trevas](#)

Nesta hora sinistra

A espaçosa cozinha da casa dos Murry estava iluminada e quentinha. As cortinas haviam sido fechadas contra o escuro lá fora, contra a chuva que vinha do nordeste e ia cruzar a casa. Meg Murry O'Keefe havia preparado um arranjo de crisântemos para a mesa da cozinha, com flores cor de amarelo, bronze e ouro pálido que pareciam acrescentar luz ao aposento. O cheiro delicioso do peru assado saía do forno. Sua mãe estava ao lado do fogão, mexendo o molho de miúdos.

Como era bom estar em casa para o Dia de Ação de Graças, pensou ela. Estar com a família reunida, saber o que cada um vinha fazendo. Os gêmeos Sandy e Dennys, em recesso das faculdades de direito e medicina, estavam ansiosos para saber de Calvin, o marido dela, e do congresso do qual ele fora participar em Londres. Naquele exato instante, quem sabe, ele estaria apresentando um artigo sobre o sistema imunológico dos cordados.

— É uma grande honra para o Calvin, não é, mana? — perguntou Sandy.

— Enorme.

— E como você está, Sra. O'Keefe? — Dennys sorriu para ela. — Ainda me parece estranho chamá-la de Sra. O'Keefe.

— Também acho estranho. — Meg olhou para a cadeira de balanço próxima à lareira, onde a sogra estava sentada, fitando as labaredas; para Meg, ela que era a Sra. O'Keefe. — Estou bem — respondeu a Sandy. — Absolutamente bem.

Dennys, já com pose de médico, pegou o estetoscópio do qual tinha imenso orgulho e levou à barriga crescente de Meg, iluminando-se de alegria ao ouvir o batimento forte do bebê lá dentro.

— Está bem mesmo.

Ela retribuiu o sorriso e depois dirigiu o olhar ao outro lado da cozinha, onde estavam seu irmão mais novo, Charles Wallace, e o pai deles. Os dois estavam em concentração profunda, debruçados sobre o modelo de tesseracto que construía: um quadrado ao quadrado e requadrado: uma edificação da dimensão do tempo. Era uma peça bonita e complexa, com arames, rolamentos e

lucita, peças que giravam e pedaços que balançavam como pêndulos.

Charles Wallace era baixinho para seus quinze anos; um estranho talvez dissesse que ele não tinha mais de doze; mas a expressão em seus olhos azuleiros, ao observar seu pai alterar uma pequena haste no modelo, era de maturidade e inteligência de altíssimo nível. Meg notou que ele passara o dia em silêncio. Ele não era mesmo de falar muito, mas, conforme a tempestade vindoura fazia a casa gemer e as telhas do telhado estalarem, seu silêncio no Dia de Ação de Graças estava diferente da sua falta de papo usual.

A sogra de Meg continuava em silêncio, mas isso não surpreendia ninguém. Surpresa havia sido ela aceitar o convite para o jantar de Ação de Graças na casa dos Murry. A Sra. O'Keefe devia ter poucos anos a mais que a Sra. Murry, mas parecia uma idosa. Havia perdido a maioria dos dentes e seu cabelo era amarelado, desgrenhado, como se houvessem cortado com uma faca cega. Sua expressão habitual era de rancor. A vida não lhe fora gentil. Ela estava irritada com o mundo, principalmente com os Murry. Eles não esperavam que ela fosse aceitar o convite, ainda mais com Calvin em Londres. Ninguém da família de Calvin respondia à simpatia dos Murry. Calvin, como ele mesmo explicara a Meg quando se conheceram, era uma anomalia biológica, totalmente diferente do resto da família. Quando ele concluiu o doutorado, eles entenderam como um sinal de que havia entrado para as fileiras do inimigo. A Sra. O'Keefe ainda compartilhava da postura de muitos naquele vilarejo: de que os dois doutorados da Sra. Murry e suas experiências no laboratório contíguo à cozinha não constituíam devidamente um *trabalho*. Como ela havia alcançado reconhecimento considerável, seu ócio era tolerado; mas aquilo não era trabalho, no sentido de que trabalho é, isto sim, deixar a casa arrumada ou ter um emprego das nove às cinco na fábrica ou na firma.

Como essa mulher pode ter gerado meu marido?, perguntou-se Meg pela centésima vez, imaginando a expressão alerta e o sorriso amplo de Calvin. *A Mãe diz que esta mulher é mais do que aparenta. Eu não sei o que é. Só sei que ela não gosta de mim nem de ninguém da família. Não sei por que ela veio jantar. Preferia que não tivesse vindo.*

Os gêmeos haviam assumido automaticamente sua antiga função de botar a mesa. Sandy, com vários garfos na mão, fez uma pausa para sorrir à mãe.

— O jantar de Ação de Graças é praticamente a única refeição que a Mãe cozinha na cozinha...

— ... e não no laboratório, no bico de Bunsen — concluiu Denny.

Sandy deu um tapinha afetuoso no ombro dela.

— Não que estejamos criticando, Mãe.

— Afinal de contas, estes ensopados no bico de Bunsen levaram ao Prêmio

Nobel. Temos muito orgulho de você, Mãe, embora você e o Pai tenham nos dado uma trabalhadeira para se equiparar.

— Nosso parâmetro é lá em cima — disse Sandy, enquanto pegava uma pilha de pratos do armário da cozinha, contava e arrumava-os em frente à travessa onde ficaria o peru.

Casa, pensou Meg, aconchegada, olhando para os pais e irmãos com gratidão. Eles a haviam aguentado durante todo o período complicado da adolescência e ela ainda não se sentia adulta. Parecia que há poucos meses ela ainda tinha aparelho nos dentes, os óculos tortos sempre que desciam pelo nariz, o cabelo bagunçado de ratinha e a certeza melancólica de que nunca ia crescer e ser uma mulher bela e confiante como sua mãe. A visão que tinha de si ainda era mais da Meg adolescente do que da jovem atraente que havia se tornado. Os aparelhos dos dentes tinham ido embora, os óculos haviam sido substituídos por lentes de contato e, embora seus cabelos castanhos ainda não rivalizassem com o castanho-avermelhado vivaz da mãe, eram grossos, lustrosos e convinham-lhe perfeitamente, levemente afastados do rosto para fazer um nó na nuca. Quando se olhava no espelho, objetivamente, ela sabia que era bonita, mas ainda não estava acostumada ao fato. Era difícil acreditar que sua mãe havia passado pela mesma transição.

Meg perguntou-se se Charles Wallace passaria por uma transformação física como a dela. Seu desenvolvimento aparente fora lento. Os pais achavam que talvez ele viesse a ter um espichão.

Ela sentia mais saudade de Charles Wallace do que dos gêmeos ou dos pais. Sendo a mais velha e o mais novo na família, eles sempre haviam tido enorme afinidade. Charles Wallace sentia intuitivamente as necessidades de Meg, as que não se podiam satisfazer de modo lógico; ele sabia quando havia algo de errado no mundo de Meg e estava lá para ficar ao seu lado, para ajudá-la nem que fosse apenas assegurando-lhe seu amor e confiança. Ela tinha uma sensação profunda de conforto em estar com ele no fim de semana de Ação de Graças, em estar em casa. A casa dos pais dela ainda era seu lar, pois ela e Calvin passavam muitos fins de semana ali. O apartamento deles, próximo ao hospital de Calvin, era pequeno, já mobiliado, com uma placa grande que dizia PROIBIDO ANIMAIS, e uma aura que sugeria que crianças tampouco seriam bem-vindas. Eles torciam que em breve pudessem procurar outro lar. Enquanto isso, ela estava na casa dos pais para o Dia de Ação de Graças. Era bom ver a família reunida, estar cercada pelo amor deles, o que amenizava a solidão de estar separada de Calvin pela primeira vez desde o casamento.

— Tenho saudade do Fortinbrás — disse ela, de repente.

A mãe dela virou-se do forno.

— É mesmo. A casa parece vazia sem um cachorro. Mas Fortin faleceu de ilustre idade.

— Vocês não vão ter outro cachorro?

— Um dia. Ainda não apareceu o cão certo.

— Vocês não podiam procurar?

O Sr. Murry tirou os olhos do tesseracto.

— São os cães que costumam chegar a nós. Se não vier nenhum, eventualmente daremos um jeito.

— Meg, que tal você fazer o molho para o pudim de ameixas? — sugeriu a mãe.

— Ah, é claro. — Ela abriu a geladeira e tirou um bloco de manteiga.

O telefone tocou.

— Eu atendo. — Meg soltou a manteiga em uma pequena tigela a caminho do telefone. — Pai, é para você. Acho que é da Casa Branca.

O Sr. Murry correu ao telefone.

— Sr. Presidente, olá! — Ele estava sorrindo; Meg assistiu ao sorriso ser varrido do rosto e virar uma expressão de quê? *De vazio*, pensou ela.

Os gêmeos pararam de conversar. A Sra. Murry levantou-se, sua colher de pau descansando à boca da caçarola. A Sra. O'Keefe continuou fitando a lareira com rancor. Charles Wallace parecia concentrado no tesseracto.

O Pai só escuta, pensou Meg. O Presidente é quem fala.

Ela sentiu um tremor involuntário. De um instante para outro, a sala tomada de conversas estava tomada de silêncio, todos com movimentos em pausa. Ela tentava escutar atentamente enquanto o pai mantinha o telefone à orelha. O rosto dele parecia sinistro, todas as linhas de riso afundando-se na austeridade. A chuva fustigou as janelas. *Nesta época do ano devia nevar, pensou Meg. Tem alguma coisa errada com o clima. Tem alguma coisa errada.*

O Sr. Murry continuou a escutar em silêncio, e seu silêncio espalhou-se pelo recinto. Sandy estava abrindo a porta do fogão para regar o peru e roubar uma colherada de recheio quando parou, meio curvado, olhando para o pai. A Sra. Murry virou-se levemente do fogão e passou uma mão no cabelo, que começava a revelar toques de prata nas têmporas. Meg havia aberto a gaveta para pegar a batedeira, que segurava com força.

Não era incomum o Sr. Murry receber ligações do presidente. Ao longo dos anos, ele fora consultado pela Casa Branca em questões de física e viagens espaciais; ele já havia tido conversas muito sérias, até perturbadoras. Mas, para Meg, esta era diferente e vinha deixando o caloroso recinto mais frio, menos iluminado.

— Sim, Sr. Presidente, entendi — falou, enfim, o Sr. Murry. — Obrigado pela

ligação. — Ele colocou o telefone no gancho devagar, como se fosse algo muito pesado.

Dennys, com as mãos ainda cheias de talheres, perguntou:

— O que ele disse?

O pai sacudiu a cabeça. Não falou.

Sandy fechou a porta do forno.

— Pai?

— Pai, sabemos que aconteceu alguma coisa. — Meg subiu a voz. — O senhor tem que nos contar. Por favor.

A voz dele saiu fria e distante.

— Guerra.

Meg levou a mão sobre a barriga, como se a defendesse.

— Está falando de guerra nuclear?

A família pareceu se juntar. A Sra. Murry estendeu a mão para incluir a mãe de Calvin. A Sra. O'Keefe, porém, fechou os olhos e excluiu-se.

— É o Mad Dog Branzillo? — perguntou Meg.

— Sim. O Presidente acha que desta vez Branzillo vai fazer valer sua ameaça e aí não teremos outra opção a não ser usar mísseis antibalísticos.

— Como um país daquele tamanho teria um míssil? — perguntou Sandy.

— Vespúgia é quase do tamanho de Israel. E Branzillo tem amigos poderosos.

— Ele tem como cumprir a ameaça?

O Sr. Murry assentiu.

— Estamos em alerta vermelho? — perguntou Sandy.

— Sim. O presidente diz que temos vinte e quatro horas para evitar uma tragédia, mas nunca tinha ouvido-o tão desesperançado. E ele não é de desistir fácil.

O sangue se esvaiu do rosto de Meg.

— Quer dizer que é o fim de tudo, o fim do mundo. — Ela olhou para Charles Wallace, mas ele parecia tão retraído quanto a Sra. O'Keefe. Charles Wallace, que sempre estivera ao lado dela, agora não estava. E Calvin estava a um oceano de distância. Apavorada, ela voltou-se para o pai.

Ele não negou o que ela disse.

A idosa perto da lareira abriu os olhos e torceu os lábios finos em sinal de desdém.

— Mas o que é isso? Por que o presidente dos Estados Unidos ia ligar para cá? Vocês estão de brincadeira comigo? — O medo nos olhos traía suas palavras.

— Não é piada, Sra. O'Keefe — explicou a Sra. Murry. — Faz anos que a Casa Branca tem o hábito de consultar meu marido.

— Eu não sabia que ele... — a Sra. O’Keefe lançou um olhar lúgubre ao Sr. Murry — ... era político.

— Não é. Ele é físico. Mas o presidente precisa de consultoria em questões científicas e que venha de alguém em quem ele confie, alguém que não tenha projetos a financiar ou cargos a defender. Meu marido ficou bastante íntimo do presidente. — Ela mexeu o molho, depois esticou as mãos ao marido em tom de súplica. — Mas por quê? Por quê? Quando todos sabemos que ninguém tem como vencer uma guerra nuclear.

Charles Wallace deu as costas ao tesseracto.

— El Rabioso. É o apelido dele. De Mad Dog Branzillo.

— El Rabioso parece muito apropriado a um homem que derrubou o governo democrático com um golpe de estado selvagem e sanguinário. Ele é louco mesmo, sem razão alguma.

— Um louco em Vespúgia — disse Dennys, contrariado — pode apertar um botão e destruir a civilização. Tudo pelo que Mãe e Pai trabalharam some em um cogumelo nuclear. Por que o presidente não o faz ter sensatez?

Sandy colocou mais uma lenha na fogueira, como se procurasse esperança no calor e no fogo.

— Se Branzillo fizer uma coisa dessas, disparar mísseis —Dennys prosseguiu —, ele pode destruir a raça humana...

Sandy fez uma carranca feroz.

— ... o que talvez nem fosse de todo mal.

— ... e mesmo que algumas pessoas sobrevivam nas montanhas e nos desertos poucos habitados, haveria tanta precipitação radioativa pelo planeta que os filhos delas seriam mutantes. Por que o presidente não consegue fazer com que ele se dê conta? Ninguém quer guerra a este preço.

— Não foi por falta de tentativa — disse o Sr. Murry —, mas El Rabioso merece o apelido que tem. Se ele tiver que cair, prefere levar a raça humana consigo.

— Aí disparam mísseis de Vespúgia, e nós retornamos com mais mísseis, e tudo para quê? — A voz de Sandy rachava de raiva.

— El Rabioso entende como ato de castigo, de retribuição justa. O mundo ocidental consumiu mais que devia da energia mundial, dos nossos recursos, e temos que ser castigados — disse o Sr. Murry. — Somos os responsáveis pelo déficit sério em petróleo e carvão, pelo desflorestamento, pelo prejuízo à atmosfera, e ele vai nos fazer pagar.

— Somos os réus — disse Sandy —, mas se ele nos fizer pagar, Vespúgia vai pagar um preço igualmente alto.

A Sra. O’Keefe estendeu as mãos enrugadas à lareira.

— Em Tara nesta hora sinistra... — resmungou ela.

Meg olhou para a sogra interrogativamente, mas a idosa virou-se.

— Sei que é egoísmo, mas preferia que Calvin não estivesse em Londres apresentando aquele artigo — disse Meg à sala inteira. — Queria ter ido com ele.

— Eu sei, querida — respondeu a Sra. Murry —, mas a Dra. Louise achou melhor você ficar.

— Queria pelo menos telefonar para ele...

— Ainda não aconteceu. — Charles Wallace saiu de seu silêncio reservado para falar. — A guerra nuclear, no caso. Não se disparou míssil algum. Enquanto não tiver acontecido, há chance de não acontecer.

Uma centelha de esperança cruzou o rosto de Meg. *Seria melhor, ponderou, nós estarmos tal como o resto do mundo, sem saber da tenebrosa possibilidade de que nossas vidas podem se apagar antes que o sol se levante? Como vamos nos preparar?*

— ... nesta hora sinistra — resmungou de novo a idosa, mas virou o rosto quando os Murry olharam para ela.

Charles Wallace falou calmamente com a família inteira, mas olhando para Meg.

— É Dia de Ação de Graças e, com exceção de Calvin, estamos todos reunidos, a mãe de Calvin está conosco, o que é importante, e sabemos onde o coração de Calvin está: bem aqui.

— A Inglaterra não comemora Ação de Graças — comentou Sandy.

— Mas nós sim. — A voz do pai era decidida. — Terminem de pôr a mesa, por favor. Dennys, pode servir os copos?

Enquanto o Sr. Murry cortava o peru e a Sra. Murry engrossava o caldo, Meg terminava de preparar o molho e os gêmeos e Charles Wallace traziam à mesa os pratos de arroz, o recheio, os legumes e o molho de amoras. A Sra. O'Keefe não ergueu um dedo para ajudar. Ela só olhava as mãos calejadas, depois as soltava no colo.

— Em Tara nesta hora sinistra...

Desta vez, ninguém a ouviu.

— Lembram da vez que a Mãe tentou fazer biscoitos de aveia — disse Sandy, tentando puxar uma piada — no bico de Bunsen, numa frigideira?

— Ficaram comestíveis — disse Dennys.

— Com seu apetite, o que não é?

— Apetite que, apesar de tudo, segue enorme.

— E é hora de sentarmos à mesa — disse a Sra. Murry.

Quando todos estavam em seus lugares, ela automaticamente estendeu as

mãos, e a família, com a Sra. O'Keefe entre o Sr. Murry e Meg, ficou ligada em torno da mesa.

— Vamos cantar *Dona nobis pacem* — sugeriu Charles Wallace. — É por isso que temos que rezar.

— Seria bom o Sandy começar — disse Meg. — Ele que tem a melhor voz. Depois Dennys e a Mãe, depois o Pai, você e eu.

Eles ergueram as vozes no antigo rondó, cantando repetidamente: *Dai-nos paz, dai-nos paz, dai-nos paz.*

A voz de Meg saiu trêmula, mas ela conseguiu cantar até o fim.

Houve silêncio quando os pratos foram servidos, silêncio em vez do alarido feliz e usual das conversas.

— É estranho — disse a Sra. Murry — que a maior ameaça que já se viu venha de um ditador sul-americano de um paisinho quase desconhecido. Quer da carne branca, Meg?

— Da escura também, por favor. Não é uma ironia isto acontecer no Dia de Ação de Graças?

— Lembro da minha mãe me contar de uma primavera, muitos anos atrás — disse a Sra. Murry —, quando as relações entre Estados Unidos e União Soviética estavam tão tensas que todos os especialistas previam guerra nuclear até o verão terminar. Não eram alarmistas nem pessimistas; era uma previsão sensata. E minha Mãe disse que saiu caminhando pela rua, questionando se os salgueiros-gatos voltariam a florir. Depois daquilo, em todas as primaveras ela ficou esperando os salgueiros-gatos florescerem, sempre lembrando daquilo, e nunca mais tratou aquelas flores como algo banal.

O marido concordou.

— Então tivemos um alívio. Talvez tenhamos de novo.

— Mas é provável? — Os olhos castanhos de Sandy estavam lúcidos.

— Naquela época não era provável. Os salgueiros-gatos, mesmo assim, têm florescido há muitas primaveras. — Ele passou o molho de amoras à Sra. O'Keefe.

— Nesta hora sinistra — resmungou ela, recusando o molho.

O Sr. Murry inclinou-se na direção dela.

— Como é?

— Em Tara nesta hora sinistra — disse ela, irritada. — Não lembro. É importante. Você não conhece?

— Infelizmente não. O que é?

— Runa. A runa. A runa de Patrício. Preciso dela agora.

A mãe de Calvin sempre fora taciturna. Em casa, ela comunicava-se sobretudo aos grunhidos. Seus filhos, com a exceção de Calvin, haviam demorado para

falar pois raramente haviam escutado uma frase completa até entrarem no colégio.

— Minha avó da Irlanda. — A Sra. O’Keefe foi apontar para Charles Wallace e derrubou seu copo.

Dennys pegou toalhas de papel e limpou o líquido derramado.

— Em termos cósmicos, suponho que não faz muita diferença se nosso planetinha de segunda vai explodir ou não.

— Dennys! — berrou Meg, antes de virar-se para sua mãe. — Desculpe usar de exemplo, mas, Den, lembra de quando a Mãe isolou as farândolas de uma mitocôndria?

— Claro que eu lembro —interrompeu ele. — Por isso que ela ganhou o Prêmio Nobel.

A Sra. Murry ergueu a mão.

— Deixe a Meg falar.

— Pois então: as farândolas são tão minúsculas e insignificantes que não parece possível que tivessem importância. Ainda assim, elas têm uma relação simbiótica com as mitocôndrias...

— Ok, captei. E as mitocôndrias nos dão energia, de forma que, se algo afeta as farândolas, pode afetar nossas mitocôndrias

— E — concluiu Meg —, se isso acontece, podemos morrer de falta de energia, como você muito bem sabe.

— Prossiga — disse Sandy.

— Então, se explodirmos nosso planeta, certamente haveria um pequeno efeito no nosso sistema solar, e isto poderia afetar nossa galáxia, e isto poderia...

— A velha teoria da reação em cadeia? — perguntou Sandy.

— Mais que isso. Interdependência. Não só uma coisa leva a outra, em cadeia, mas existe uma inter-reação entre tudo e todos e todo lugar.

Dennys jogou fora as toalhas de papel molhadas, botou um guardanapo limpo sobre a toalha de mesa manchada e encheu novamente o copo da Sra. O’Keefe. Apesar das janelas reforçadas para tempestades, as cortinas fechadas agitaram-se e uma corrente passou pelo recinto. Gotas pesadas de chuva pingaram pela chaminé, fazendo a lareira chiar.

— Eu ainda acho — disse ele — que vocês exageram a importância deste planeta. Nós fizemos uma bagunça muito grande. Talvez seja melhor se ele explodir.

— Dennys, você é médico — repreendeu Meg.

— Ainda não — disse Sandy.

— Mas vai ser! E ele tem se importar, tem que proteger a vida.

— Desculpe, mana — disse Dennys, rapidamente.

— É o jeito dele de não deixar a peteca cair. — Sandy serviu-se de arroz e molho, depois ergueu o copo à irmã. — Se for para acabar com tudo, que seja de estômago cheio.

— Estou falando sério, mas também não estou falando sério — disse Dennys. — Eu acho que, como seres humanos, estamos com prioridades erradas. Esquecemos o que vale a pena salvar e o que não vale. Não fosse assim, não estaríamos nessa bagunça.

— Fala sério, não fala sério — resmungou a Sra. O’Keefe. — Nunca entendo o que vocês ficam dizendo. Nem você. — E mais uma vez ela apontou para Charles Wallace, desta vez sem derrubar seu copo.

Sandy deu um olhar para o irmão menor do outro lado da mesa, que parecia pálido e pequeno.

— Charles, você mal comeu e não fala nada.

— Estou escutando — respondeu Charles Wallace, olhando não para Sandy, mas para a irmã.

Ela apurou os ouvidos.

— Escutando o quê?

Ele fez um não tão leve com a cabeça que só ela viu; Meg parou de questionar.

— Em Tara, nesta hora sinistra, disponho o Céu em toda sua força! — A Sra. O’Keefe apontou para Charles e derrubou seu copo de novo.

Desta vez, ninguém se mexeu para limpar.

— Minha avó da Irlanda. Ela que me ensinou. Dava muito valor. Disponho o Céu em toda sua força... — As palavras dela começaram a perder-se.

Os filhos chamavam a Sra. O’Keefe de Mamãe. De todos, fora Calvin, soava como ofensa. Meg achava difícil chamar sua sogra de qualquer coisa, mas agora ela estava empurrando sua cadeira da mesa para ajoelhar-se ao lado da idosa.

— Mamãe — disse ela, com toda delicadeza —, o que sua avó ensinou?

— Dava muito valor para afugentar as trevas.

— Mas dava muito valor ao quê?

— ... *O Céu em toda sua força,*

disse a Sra. O’Keefe, cantarolante,

— *E o sol em sua alvura,*

E a neve em sua brancura

E o fogo em sua potência feroz...

Naquele instante foi como se um balde d’água houvesse se derramado pela

chaminé até apagar a lareira. As chamas bruxulearam loucamente e rajadas de fumaça entraram no recinto.

— O fogo em sua potência feroz — repetiu Charles Wallace, com firmeza.

As toras de macieira chiaram, mas as chamas ganharam força e voltaram a arder forte.

A Sra. O’Keefe levou a mão áspera ao ombro de Meg e apertou com força, como se aquilo fosse ajudá-la a lembrar.

— *E o o relâmpago em sua ira veloz,
E os ventos na velocidade atroz...*

O vento deu uma tremenda rajada. A casa sacudiu com o impacto, mas manteve-se firme.

A Sra. O’Keefe apertou Meg a ponto que ela mal conseguia suportar.

— *E o mar em sua profundez,
E as rochas em sua ingremidez,
E a terra em sua aridez...*

Usando o ombro de Meg de apoio, ela pôs-se de pé e ficou encarando as chamas fortes na lareira.

— *Todos disponho eu
Com a graça e auxílio onipotentes de Deus
Entre mim e as forças das trevas.*

Sua voz ergueu-se, triunfal.

— Agora esse Mad Dog Bran-sei-lá vai aprender.

Os gêmeos se olharam como se tivessem vergonha. A Sra. Murry cortou mais peru; seu rosto era sereno e reservado. Charles Wallace olhava para a Sra. O’Keefe, pensativo. Meg ergueu-se do chão e voltou à cadeira, fugindo da pressão pesada da mão da sogra. Ela tinha certeza que seu ombro ficaria com marcas roxas e azuis daqueles dedos.

Enquanto Meg se levantava, parecia que a Sra. O’Keefe murchava. Ela desabou na cadeira.

— Dava muito valor, minha avó. Fazia anos que eu não lembrava. Não queria pensar. Então por que me ocorreu esta noite? — Ela soltou um suspiro, como se estivesse exausta.

— Parece a *Couça de São Patrício* — disse Sandy. — Cantamos no clube

de canto da faculdade. Era das minhas prediletas. Harmonias maravilhosas.

— Não é uma música — contradisse a Sra. O’Keefe. — É uma runa. A runa de Patrício. Para se defender dos perigos. Nesta hora sinistra, disponho o Céu em toda sua força...

Sem aviso, as luzes se apagaram. Uma rajada de vento correu pela mesa, apagando as velas. O zumbido da geladeira parou. O bramir da fornalha no porão cessou. A umidade gelada tomou conta da sala, enchendo suas narinas com um fedor a podre. As labaredas da lareira se encolheram.

— Diga, Mamãe! — exclamou Charles Wallace. — Diga toda!

A voz da Sra. O’Keefe estava fraca.

— Eu esqueci...

Os raios do lado de fora eram tão brilhantes que a luz penetrava as cortinas fechadas. Um estrondo tremendo de trovão se seguiu imediatamente.

— Eu entoo com você. — A voz de Charles Wallace era premente. — Mas terá que me ajudar. Vamos lá. Nesta hora sinistra, disponho o Céu em toda sua força...

Raios e trovões vieram quase simultâneos. Então eles ouviram um enorme estrépito.

— Uma das árvores foi atingida — disse o Sr. Murry.

— O Céu em toda sua força — repetiu Charles Wallace.

A voz da idosa assumiu as palavras.

— E o sol em sua alvura...

Dennys riscou um fósforo e acendeu as velas. De início as chamas bruxulearam e tremaram loucamente. Depois firmaram-se e arderam retas e fortes.

*— E a neve em sua brancura,
E o fogo em sua potência feroz
E o relâmpago em sua ira veloz...*

Meg ficou esperando que o relâmpago brilhasse de novo, que a própria casa fosse atingida. Em vez disso, a energia voltou tão abrupta quanto havia caído. A fornalha começou a zumbir. A sala encheu-se de luz e calor.

*— ... E o mar em sua profundez,
E as rochas em sua ingremidez,
E a terra em sua aridez
Todos disponho eu
Com a graça e auxílio onipotentes de Deus*

Entre mim e as forças das trevas.

Charles Wallace puxou as cortinas do canto da janela.

— A chuva virou neve. O chão está branco, lindo.

— Certo... — Sandy percorreu o recinto com o olhar. — O que está havendo? Eu sei que alguma coisa aconteceu, mas o quê?

Por um instante, ninguém falou. Então Meg disse:

— Talvez haja esperança.

Sandy fez pouco caso do que ela disse.

— Ora, Meg, seja sensata.

— Por quê? Não vivemos em um mundo sensato. Uma guerra nuclear não é uma coisa sensata. A sensatez não nos levou a lugar algum.

— Mas você não pode jogar ela fora. Branzillo está louco e ele não é sensato.

— Ok, Sandy, concordo com você — disse Dennys. — Mas o que aconteceu?

Meg olhou Charles Wallace de relance, mas ele estava em seu olhar retraído, de ouvinte.

— Por mais que gostaríamos — respondeu Sandy —, um capricho no clima aqui no nordeste dos Estados Unidos não tem nada a ver com um maluco sul-americano apertar ou não o botão que lança a guerra que provavelmente será a guerra que acabará com todas as guerras.

O bebê mexeu-se dentro de Meg, uma forte afirmação de vida.

— Pai, o presidente vai ligar de novo?

— Ele disse que ligaria quando... quando houver mais notícias. Sejam quais forem.

— Em vinte e quatro horas?

— Sim. Eu não queria estar na posição dele neste momento.

— Nem na nossa — disse Dennys. — Me ocorreu que o mundo inteiro está nessa junto.

Charles Wallace continuou a olhar pela janela.

— A neve vai parar. O vento mudou para noroeste. As nuvens estão em movimento. Vejo uma estrela. — Ele deixou a cortina cair.

A Sra. O'Keefe apontou-o com o queixo.

— Você. Chuck. Eu vim por sua causa.

— Por quê, Mamãe? — perguntou ele com delicadeza.

— Você sabe.

Ele fez que não.

— Detenha ele, Chuck. Detenha Mad Dog Bran... Detenha ele. — Ela parecia velha, diminuída, e Meg ficou se perguntando de onde ela tinha tirado tanta força para apertar seu ombro. Além disso, era a segunda vez que a Sra. O'Keefe

chamava Charles Wallace de *Chuck*. Ninguém o chamava de Chuck, nunca. Às vezes era apenas Charles, mas nunca Charlie nem Chuck.

— Sra. O’Keefe — perguntou a Sra. Murry —, gostaria de um chá? Ou um café?

A Sra. O’Keefe deu uma gargalhada desprovida de humor.

— Isso. Não me ouçam. Fiquem achando que eu sou biruta. Tola assim eu não sou não. O Chuck sabe. — Ela fez um aceno a Charles Wallace. — Acordei essa manhã, não ia vir. Então uma coisa me disse para vir, goste ou não, e não sabia por que até ver você com esses olhos gigantes, com esses olhos antigos, e a runa começar a voltar para mim, e eu fiquei sabendo de novo que Chuck não é idiota. Eu não pensava na runa desde a minha avó e desde o Chuck, até agora. Ela é sua, Chuck. Use. — O fôlego dela se esgotou. Foi o maior discurso que já haviam ouvido da Sra. O’Keefe. Ofegante, ela encerrou. — Quero ir para casa. — E, como ninguém se pronunciou: — Alguém me leve para casa.

— Mas, Sra. O’Keefe — Dennys tentou chantageá-la —, ainda nem comemos a salada, que tem bastante abacate e tomate, e depois temos o pudim de ameixa flambado.

— Que se flambe. Fiz o que vim fazer. Alguém me leve em casa.

— Pois bem, Sra. O’Keefe. — O Sr. Murry levantou-se. — Den ou Sandy, podem levar a Sra. O’Keefe de carro?

— Eu levo — disse Dennys. — Vou buscar o casaco da senhora.

Quando o carro partiu, Sandy disse:

— Quase dá para levar ela a sério.

Os pais Murry trocaram olhares, e a Sra. Murry respondeu:

— Eu levo.

— Ah, qual é, Mãe, esse negócio de runa, e do Charles Wallace deter o Mad Dog Branzillo por conta própria?

— Isto não necessariamente. Mas levo a Sra. O’Keefe a sério.

Meg deu um olhar nervoso para Charles Wallace, mas falou com a mãe.

— A senhora sempre disse que ela é mais do que aparenta. Acho que acabamos de ver esse mais.

— Acho mesmo que vimos — disse seu pai.

— Tudo bem, então, do que se tratava? Foi muito... muito anormal.

— O que é normal? — perguntou Charles Wallace.

Sandy ergueu as sobrancelhas.

— Ok, maninho, então o que você entendeu disso tudo? Como planeja deter Branzillo?

— Não sei — respondeu Charles Wallace, sério. — Usarei a runa.

— Lembra dela? — perguntou Meg.

— Lembro.

— Ouviu ela chamando você de Chuck?

— Ouvi.

— Mas nunca chamam você de Chuck. De onde ela tirou?

— Não sei ao certo. Do passado, quem sabe.

O telefone tocou e todos deram um pulo. O Sr. Murry correu à mesa do telefone, depois recuou por um instante antes de tirá-lo do gancho.

Mas não era o presidente. Era Calvin, ligando de Londres. Ele falou brevemente com todos, estava triste de ter perdido a mãe e Dennys; mas estava muito animado por ela ter aparecido; seu artigo havia ido muito bem; o congresso era interessante. No final ele pediu para falar com Meg de novo, disse apenas “Eu te amo” e desligou.

— Eu sempre me desmancho em ligações transatlânticas — disse ela —, então acho que ele não notou. Não há sentido em lhe contar se ele não pode fazer nada. Seria horrível para ele... — Ela virou-se quando Dennys entrou em casa, soprando os dedos.

— Calvin ligou de Londres. — Ela engoliu as lágrimas. — Mandou abraços.

— Que pena que perdi. Que tal uma salada agora e depois o pudim de ameixa?

Por que estamos tentando agir como se tudo estivesse normal?, perguntou-se Meg, mas não colocou seu pensamento em voz alta.

Charles Wallace, mesmo assim, respondeu.

— É como o barbante que sustenta o pacote, Meg. Se não houvesse, todos íamos desabar.

O pai dela disse:

— Sabem, meus caros, o mundo é anormal há tanto tempo que esquecemos como é viver em clima pacífico e sensato. Se devemos ter paz ou razão, temos que criá-las em nossos corações e lares.

— Até num momento que nem este? — perguntou Meg. A ligação de Calvin e o som da voz do marido quase haviam derrubado seu autocontrole.

— Principalmente em um momento como esse — disse sua mãe, com toda delicadeza. — Não sabemos o que as próximas vinte e quatro horas trarão. Se forem o que tememos, então a paz e tranquilidade dentro de nós virão em nosso auxílio.

— Virão? — A voz de Meg hesitou de novo.

— Lembre — disse o Sr. Murry — que eu e sua mãe levamos a Sra. O’Keefe a sério.

— Pai — intrometeu-se Sandy —, o senhor é um cientista puro. Não pode levar aquela mulher a sério.

- Eu levo a sério a reação dos elementos à runa que ela entoou.
- Coincidência — disse Dennys, não muito confiante.
- Minha formação em física me ensinou que não existem coincidências.
- Charles Wallace ainda não disse nada. — Meg olhou para o caçula.
- E então, Charles? — perguntou Dennys.

Ele balançou a cabeça devagar. Parecia perplexo.

— Eu não sei. Acho que eu devia fazer algo, mas não sei o quê. Mas se devo fazer, me será dito.

— Pelos homenzinhos do espaço? — perguntou Sandy.

— Algo dentro de mim vai dizer. Não creio que algum de nós queira mais salada. Vamos desligar as luzes e deixar o Pai flambar o pudim.

— Não sei se quero apagar as luzes — disse Meg. — Talvez nunca mais tenhamos eletricidade. Vamos aproveitar enquanto temos.

— Prefiro aproveitar a luz do pudim de ameixa — disse Charles Wallace.

A Sra. Murry pegou o pudim da panela de banho-maria, onde estava fervendo, e virou-o sobre uma travessa. Dennys pegou um ramo de azevinho e cravou no topo do pudim. O Sr. Murry pegou uma garrafa de conhaque e derramou copiosamente sobre a sobremesa. Ao acender o fósforo, Charles Wallace apagou as luzes e Sandy apagou as velas. O conhaque queimou com uma chama azul fulgurosa; parecia mais forte do que na lembrança que Meg tinha de outros Dias de Ação de Graças. Aquela sempre fora a sobremesa tradicional do dia porque, como a Sra. Murry comentou, não há como fazer torta em um bico de Bunsen e suas tentativas de torta de carne ou de abóbora não haviam tido êxito.

O Sr. Murry inclinou o prato para todo o conhaque queimar. As chamas continuaram, fortes, claras e azuis, um azul que conservava o calor de um céu veranil ao invés do frio do inverno.

— E o fogo em sua potência feroz — disse Charles Wallace delicadamente.

— Mas que tipo de potência? — perguntou Meg. Ela olhou as toras estalando alegremente na lareira. — Ele pode deixar você quentinho, mas, caso saia do controle, pode incendiar sua casa. Pode destruir florestas. Pode queimar cidades inteiras.

— A potência sempre pode ser usada tanto para destruir quanto criar — disse Charles Wallace. — Este fogo serve para ajudar e curar.

— Assim espero — disse Meg. — Ah, assim espero.

O Céu em toda sua força

Meg sentou-se escorada nos travesseiros na velha cama do sótão e tentou ler. Pensar doía demais. Não era nem pensar, mas projetar um futuro temeroso. E Calvin não estava ao lado dela, para compartilhar, para lhe dar força... Ela deixou o livro cair; era um dos seus velhos compêndios de contos de fadas. Olhou em volta do quarto, procurando conforto no que era familiar. Seu cabelo já estava solto para dormir e caía suave sobre os ombros. Ela se olhou no espelho velho e ondulado em cima do gaveteiro e, apesar do nervosismo, estava satisfeita com seu reflexo. Parecia criança de novo, mas uma criança mais bonita do que fora.

Seus ouvidos eriçaram-se quando ouviu um pisar suave, aveludado, e um gatinho listrado veio pata por pata nas tábuas compridas, pulou na cama e começou a aprumar-se enquanto ronronava. Sempre havia pelo menos um gatinho por ali. Ela sentia falta do velho cachorrão preto. O que Fortinbrás diria dos acontecimentos daquela noite? Ela estaria mais feliz se o velho cão estivesse no local proibido de sempre, aos pés da cama. Mesmo para um cão, ele tinha um grau incomum de previdência em relação a qualquer coisa que pudesse ajudar ou prejudicar sua família humana.

Meg sentiu frio e puxou sua colcha surrada até os ombros. Lembrou da Sra. O'Keefe convocando o Céu em toda sua força e, estremeçando, considerou que trocaria aquilo por um cachorro grande e querido. O Céu havia demonstrado poder considerável naquela noite, e era muito selvagem e descontrolado para lhe dar consolo.

E Charles Wallace. Ela queria o irmão. A Sra. O'Keefe havia dito a Charles para deter Branzillo: precisaria de todos os poderes que o Céu pudesse lhe dar.

Ele havia dado boa noite a Meg de modo brusco e preocupado, e lhe dera um rápido relance que a fez deixar a luz acesa e o livro aberto. Dormir, de qualquer modo, era uma opção distante, perdida em algum ponto daquela noite destroçada pelo telefonema do presidente.

O gatinho botou-se de pé, deu três voltas completas e caiu, com peso para uma

criatura tão pequena, sobre a curva do corpo dela. O ronronar sumiu aos poucos e ele dormiu. Meg perguntou-se se ela voltaria a dormir daquele jeito seguro, cedendo a consciência sem medo do que poderia acontecer à noite. Seus olhos pareciam secos de fadiga, mas ela não queria fechá-los e afastar-se da segurança da luminária de estudo e seus globos amarelos, as prateleiras arqueadas que ela havia feito com tábuas e tijolos, as cortinas de estampa azul na janela; a bainha das cortinas que estava caída há mais tempo que ela se daria ao trabalho de lembrar e que ela tinha intenção de costurar desde antes do casamento. *Amanhã*, pensou ela, *se houver amanhã*.

Quando ouviu passos na escada do sótão, ela se retesou, mas em seguida relaxou. Todos tinham o hábito de pular automaticamente o sétimo degrau, que não só rangia quando pisado, mas às vezes parecia fazer um barulho de tiro. Ela e Charles Wallace haviam aprendido a botar um pé na extrema esquerda do degrau, para ele soltar um lento suspiro; quando algum deles fazia isso, era sinal de que haveria uma conferência.

Ela o ouviu avançar pelo sótão, ouviu o balançar do velho cavalo de madeira quando ele deu o tapinha afetuoso e costumeiro no lombo, seguido do *ving* de um dardo entrando na cortiça: todos os avisos que eles haviam combinado ao longo dos anos.

Ele abriu os fios com continhas de arroz que serviam de cortina na entrada, parou e pousou o queixo na grade alta ao pé da cama. Olhou para ela sem sorrir, depois escalou a cama tal como fazia quando era criança e sentou-se de pernas cruzadas aos pés de Meg.

— Ela espera mesmo que eu tome uma atitude.

Meg concordou.

— Desta vez eu tenho mais simpatia pelos gêmeos do que pela Mãe e pelo Pai. Os gêmeos acham que é uma coisa muito insensata e impossível.

— Bom... lembre que a Mãe sempre disse que ela é mais do que aparenta.

— E a runa?

Meg soltou um suspiro.

— Ela lhe deu.

— O que eu faço com aquilo?

— Detenha Branzillo. E acho que eu penso o mesmo que os gêmeos. Não faz sentido.

— Você já conversou com ela? Você ao menos a conhece?

— Não. Acho que ninguém conhece. Calvin acha que há muito tempo ela evita se machucar se impedindo de amar qualquer um ou qualquer coisa.

— Qual é o sobrenome de solteira dela? — perguntou Charles Wallace de repente.

Meg fez uma careta.

— Não sei. Por quê?

— Não tenho certeza. Estou completamente às escuras. Mas ela disse que a avó deu a runa para ela... Sabe o primeiro nome dela?

Meg fechou os olhos e pensou.

— Branwen. É isso. E ela me deu lençóis de linho de presente de casamento. Que estavam imundos. Eu tive que lavar meia dúzia de vezes e ficaram lindos. Devem ser do enxoval dela. Tinham iniciais bordadas: bMz.

— Z e M do quê?

— Não lembro...

— Pense, Meg. Deixe eu tentar desvelar.

Mais uma vez, ela fechou os olhos e tentou relaxar. Era como se a intensidade consciente do pensar deixasse seu cérebro rígido e fechado; se ela respirasse devagar e fundo, o cérebro se abria, e memórias e pensamentos se soltavam para chegar a sua consciência, onde ela podia dividi-los com Charles Wallace.

— O M... — falou Meg devagar. — Acho que é de Maddox.

— Maddox. Maddox me diz alguma coisa, mas não sei o quê. Meg, quero que me diga tudo que puder sobre ela.

— Não sei muita coisa.

— Meg... — As pupilas dos olhos dele se alargaram tanto que a íris virou um anel azul-claro. — De um modo ou de outro tem a ver com Branzillo.

— Mas isso... isso...

— ... é absurdo. É o que os gêmeos diriam. E é. Mas ela veio hoje, logo hoje, sendo que nunca havia se disposto a vir. E você ouviu ela dizer que não queria vir, mas se sentiu incitada. E aí começou a lembrar de uma runa da qual não se lembrava desde criança, e me disse para usá-la para deter Branzillo.

— E disse que nós a achávamos biruta.

— Mas ela não é. A Mãe e o Pai sabem que ela não é. E ninguém pode acusá-los de terem miolos moles e ficarem só em devaneios. O que quer dizer o Z?

Meg fez não com a cabeça mais uma vez.

— Não sei. Não lembro nem se eu perguntei, embora eu ache que tenha perguntado.

— Branwen Maddox. Branwen Z. Maddox. — Ele passou os dedos na testa.

— Maddox. Aí tem uma pista.

O gatinho bocejou e fez *brrrtt* como se eles estivessem incomodando. Meg esticou as mãos e fez um cafuné delicado naquela cabecinha, depois coçou o pelo suave sob o queixo até ele voltar a ronronar e fechar os olhos.

— Maddox tem uma música, ou uma balada, sobre dois irmãos que brigam, parecida com o *Childe Harold*. Ou é um poema narrativo... — Ele enfiou a cara

nas mãos. — Como é que eu não consigo lembrar? — perguntou-se, irritado.

— É tão importante assim?

— Sim! Não sei por quê, mas é. Maddox que luta com o irmão e enfurece os deuses...

— Mas, Charles... o que essa historinha antiga teria a ver com o resto?

— É uma pista. Mas eu não consigo sacar... Está muito frio lá fora?

Meg fez cara de surpresa.

— Acho que não. Por quê?

Charles Wallace espiou pela janela.

— A neve não derreteu, mas não há muito vento. Preciso escutar.

— O melhor lugar para escutar é a rocha de observação estelar.

Ele fez um sim, ainda contemplativo. Ela estava falando da rocha glacial grande e plana que restava do tempo em que oceanos de gelo haviam lançado-se sobre o continente. A pedra que a família chamava de rocha de observação estelar porque lhes dava uma visão total e desimpedida do céu. Era mesmo bom lugar para se escutar. Quando deitavam-se nela para observar as estrelas, eles olhavam direto dos vales até os morros. Atrás da rocha havia uma pequena floresta. Vez por outra eles ouviam o rugir de um caminhão na estrada ao longe, um avião cruzando o céu. Mas geralmente fazia tanto silêncio que tudo que eles ouviam era a música natural das estações. Às vezes, na primavera, Meg achava que podia ouvir a grama crescendo. No outono, as pererecas cantavam entre si como se não suportassem deixar as alegrias do verão passarem. No inverno, quando a temperatura caía rapidamente, às vezes ela ficava assustada com o som de gelo congelando com um barulho agudo de estalo, como o coice de uma espingarda. Aquela noite de Ação de Graças, caso não acontecesse mais nada incomum ou terrível, seria tranquila. Era tarde demais no ano para pererecas, gafanhotos e cigarras. Talvez ouvissem algumas poucas folhas suspirarem de cansadas nos galhos, ou o trilar da grama alta abrindo-se para um pequeno animal noturno a passear noite afora.

— Boa ideia — disse Charles Wallace. — Vou lá.

— Vou junto.

— Não. Fique aqui.

— Mas...

— Você sabe que a Dra. Louise ficou com medo que você pegasse pneumonia na semana passada, quando teve aquele resfriado sério. Você não pode arriscar outro resfriado, pelo bem do bebê.

— Tudo bem, Charles, mas, ah...

— Meg — falou ele delicadamente. — Tem alguma coisa me bloqueando e preciso me desbloquear. Tenho que ficar sozinho. Mas preciso que você desvele

comigo.

Ela pareceu incomodada.

— Estou sem prática — Desvelar era a possibilidade de estar com alguém, independente de quanto vocês estivessem distantes; era conversar em uma língua mais profunda que as palavras. Charles Wallace nascera com este dom; aos poucos ela foi tornando-se capaz de ler os pensamentos que ele lhe enviava, saber o que ele queria que ela soubesse. Desvelar era muito mais que a percepção extrassensorial comum. Embora para Charles fosse algo tão natural quanto respirar, para Meg era algo que exigia concentração intensa. Charles Wallace e Calvin eram os únicos dois com quem ela era apta a dar e receber a língua que ia além das palavras.

Charles Wallace lhe assegurou.

— É como nadar ou andar de bicicleta. Quando se aprende, nunca se esquece.

— Eu sei... mas quero ir junto. — Ela tentou conter a ideia — Para protegê-lo.

— Meg. — A voz dele era premente. — Vou precisar de você, mas vou precisar *aqui*, para desvelar comigo, ao longo de todo o caminho.

— Todo o caminho até onde?

O rosto dele estava branco e tenso.

— Ainda não sei. Tenho a sensação de que será um longo caminho, e o que precisa ser feito, será com pressa.

— Por que você?

— Talvez não seja eu. Não temos certeza. Mas tem que ser alguém.

Se não for alguém, pensou Meg, então o mundo, pelo menos o mundo como o conhecemos, provavelmente chegará ao fim.

Ela estendeu os braços para dar um abraço e um beijo no irmãozinho.

— Que você vá em paz.

• • •

Ela desligou a luz e deitou-se para esperar até que o ouvisse em sua mente. O gatinho se esticou, bocejou e dormiu; sua indiferença era reconfortante. Então o som agudo de um cão latindo fez Meg se sentar.

Os latidos continuaram, afiados e exigentes, tal como Fortinbrás quando pedia atenção. Ela acendeu a luz. Os latidos pararam. Silêncio. Por que haviam parado?

Ela desceu da cama e vestiu apressada roupão e pantufas. Desceu as escadas

sem lembrar do sétimo degrau, que fez um gemido alto. Na cozinha, viu os pais e Charles Wallace acariciando um cão grande e sem raça definida.

A Sra. Murry olhou para Meg sem surpresa.

— Acho que nosso cão nos encontrou.

O Sr. Murry passava a mão delicadamente pela orelha esticada do cão; a outra era caída.

— É uma “guaipeca” de aparência, mas parece delicada e inteligente.

— Não tem coleira nem nada — disse Charles Wallace. — Está com fome, mas não está esquelética.

— Prepara alguma coisa para ela comer, Meg? — perguntou a Sra. Murry. — Ainda tem um pouco de ração do Fortinbrás na despensa.

Enquanto Meg misturava ração, pensou: *Todos estão agindo como se esta cadela fosse ficar um bom tempo conosco.*

A chegada da cachorra não era o estranho, nem a aceitação casual do bicho. Fortinbrás havia chegado a eles do mesmo modo, simplesmente aparecendo na porta, um filhote já crescido. Foi a normalidade da situação que fez lágrimas pinicarem seus cílios.

— Como vamos chamá-la? — perguntou a Sra. Murry.

Charles Wallace falou com tranquilidade:

— Ela chama-se Ananda.

Meg olhou para ele, mas ele deu apenas um sorriso de leve. Ela soltou a ração no chão e a cadela comeu avidamente, mas com asseio.

— Ananda — disse a Sra. Murry, pensativa. — Isso me lembra alguma coisa.

— É sânscrito — disse Charles Wallace.

— Tem um significado? — perguntou Meg.

— A alegria da existência sem a qual o universo há de se desfazer e desmoronar.

— Que nome poderoso para uma cachorra carregar nas costas — disse a Sra. Murry.

— É uma cachorra grande e é o nome dela — respondeu Charles Wallace.

Quando Ananda terminou de comer, lambendo a velha tigela de Fortinbrás até ficar limpa, ela foi até Meg, o rabo abanando, e estendeu uma pata. Meg a pegou; as patas passavam uma sensação de rigidez, mas ao tempo eram suaves.

— Você é linda, Ananda.

— Está longe de ser — disse o Sr. Murry, sorrindo —, mas com certeza sabe se sentir em casa.

A chaleira começou a apitar.

— Estou fazendo chá para combater o frio. — A Sra. Murry desligou a boca e encheu o bule. — Então é melhor irmos para a cama. Está muito tarde.

— Mãe — perguntou Meg —, você sabe qual é o primeiro nome da Sra. O’Keefe? É Branwen?

— Acho que sim, mas duvido que um dia vou me sentir à vontade para chamá-la pelo primeiro nome. — Ela deixou uma xícara fumegando em frente a Meg.

— Lembra dos lençóis que ela nos deu?

— Sim, lençóis de linho antigos e muito elegantes.

— Com iniciais. Um M maiúsculo no meio, b e z minúsculos de cada lado. Sabe o que quer dizer o Z?

— Zoe ou Zillah ou outra coisa estranha. Por quê?

Meg respondeu com outra pergunta.

— O nome Branwen lhe diz alguma coisa? É meio estranho.

— É comum na Irlanda. Acho que a primeira Branwen foi uma rainha irlandesa, embora fosse natural da Inglaterra. Talvez fosse dos pictos. Não tenho certeza.

— Quando? — perguntou Charles Wallace.

— Não sei exatamente. Há muito tempo.

— Mais de dois mil anos?

— Talvez três mil. Por quê?

Charles Wallace serviu leite no seu chá e ficou analisando o líquido nebuloso.

— É que pode ser importante. Afinal de contas, é o nome da Mamãe O’Keefe.

— Ela nasceu bem aqui no vilarejo, não foi? — perguntou Meg.

— Os Maddox estão por aqui desde as lembranças mais distantes — respondeu seu pai. — Ela é a última com este nome, mas eles foram uma família importante nos séculos dezoito e dezenove. Desde então passaram por tempos difíceis.

— O que houve? — Charles Wallace quis saber.

O Sr. Murry fez não com a cabeça.

— Eu sempre penso que um ano sua mãe ou eu teremos tempo de fazer uma pesquisa sobre os primórdios deste vilarejo. Nossas raízes também estão aqui, enterradas no passado. Eu herdei esta casa de uma tia-avó que eu mal conheci, bem na época em que estávamos decidindo deixar a pressão da cidade grande e seguir com a nossa pesquisa em um ambiente tranquilo. Ganhar a casa fez a balança pender.

— Quanto ao tempo para outros interesses... — A Sra. Murry souou lamentosa. — Não temos nenhum tempo a mais em relação ao que tínhamos na cidade. Mas pelo menos aqui a pressão para trabalhar é nossa, não é imposta.

— Esta Branwen... — insistiu Charles Wallace—, ela foi uma rainha importante?

A Sra. Murry ergueu as sobrancelhas finas.

— Por que este interesse repentino e intenso?

— Branwen Maddox O’Keefe foi extraordinariamente interessante esta noite.

A Sra. Murry tomou um pouco de chá.

— Não tenho pensado na mitologia das Ilhas Britânicas desde que vocês chegaram à idade de ler sozinhos na hora de dormir. Suspeito que Branwen possa ter sido importante, senão eu não lembraria mesmo. Desculpem não poder contar mais. Tenho pensado mais em citologia do que mitologia nesses últimos anos.

Charles Wallace terminou o chá e deixou a xícara na pia.

— Tudo bem se eu sair para caminhar?

— Melhor não — disse seu pai. — Está tarde.

— Por favor, Pai, eu preciso escutar. — Ele soava e parecia muito jovem.

— Não consegue escutar daqui?

— Muitas distrações, muita gente pensando pelo caminho...

— E não pode esperar?

Charles Wallace olhou para o pai sem responder.

O Sr. Murry deu um suspiro.

— Nenhum de nós leva na brincadeira a Sra. O’Keefe e o que aconteceu esta noite, mas você sempre teve uma tendência a tomar tudo para si.

A voz do menino se reforçou.

— Desta vez não estou tomando tudo para mim. Foi a Sra. O’Keefe que me encarregou.

O pai lhe dirigiu um olhar sério, depois concordou.

— Onde você vai?

— Não vou longe. Só até a rocha de observação estelar.

O Sr. Murry lavou sua xícara, depois mais uma vez e mais outra.

— Você ainda é uma criança.

— Tenho quinze anos. E não tem nada que possa me machucar no caminho entre a nossa casa e a rocha de observação estelar.

— Tudo bem. Não fique muito tempo.

— Não mais que o necessário.

— Leve Ananda junto.

— Preciso ficar a sós. Por favor, Pai.

O Sr. Murry tirou os óculos, olhou para o filho com eles de longe, colocou de novo.

— Tudo bem, Charles.

Meg olhou para a mãe e supôs que ela estava segurando-se para dizer ao filho caçula que não esquecesse de colocar as botas e um casaco quente.

Charles Wallace sorriu para sua mãe.

— Vou vestir a jaqueta azul que Calvin me trouxe da Noruega. — Ele dirigiu o resto de sorriso à sua irmã e depois entrou na despensa, fechando a porta da cozinha com firmeza ao passar.

— Hora de nós irmos para a cama — disse a Sra. Murry. — Você em especial, Meg. Não queira pegar outro resfriado.

— A Ananda vai comigo.

O pai foi contra.

— Não sabemos nem se ela é domesticada.

— Ela comeu como um cão adestrado.

— Então, você que decide.

Meg não sabia por que estava tão aliviada com a chegada da grande cadela amarelada. Afinal de contas, Ananda não poderia ser dela. Quando Calvin voltasse de Londres, eles voltariam para o apartamento alugado onde bichos de estimação eram proibidos e Ananda ficaria com os Murry. Mas tudo bem; Ananda, pensava ela, era necessária.

A cachorra seguiu Meg até o andar de cima como se tivesse passado a vida com os Murry, trotando pelo sótão bagunçado até o quarto de Meg. O gatinho estava dormindo na cama, e a cachorrone fungou o pequeno pompom de pelo, balançando o rabo em um êxtase de afabilidade. O rabo dela era grande e comprido, com um punhado de padrões dourados, que talvez sugerissem sangue de perdigueiro ou labrador nos genes; o tipo de rabo que renderia tanto caos em uma loja de porcelana quanto um touro. O gatinho abriu os olhos, deu um sibilo curto, desinteressado, e voltou a dormir. Com um salto, Ananda caiu na cama, batendo-se pesada e feliz com seu poderoso rabo. O gatinho se levantou e foi caminhando devagar até o travesseiro.

Tal como dissera tantas vezes a Fortinbrás, Meg anunciou:

— Dormir na cama é proibido.

Os olhos âmbar de Ananda lhe olharam como se implorassem, e ela gemeu baixinho.

— Bom... só aqui em cima. Lá embaixo, nunca. Se você quer fazer parte da casa, vai ter que entender.

Ananda continuou batendo na cama; a luz da luminária de estudo cintilou contra seus olhos, fazendo-os ficarem dourados. Seu pelo tinha um brilho saudável.

— Abram espaço pra mim. — Meg voltou à cama. — Agora, Ananda — ela estava reconfortando-se em voltar ao hábito infantil de falar em voz alta com os animais da família —, o que nós vamos fazer é escutar, com muita atenção, o Charles Wallace. Você tem que me ajudar a desvelar, ou vai ter que descer da

cama. — Ela passou a mão no pelo de Ananda, que cheirava a samambaia, musgo e amoras outonais, e sentiu um suave formigamento, que vibrou pela sua mão e braço acima. Em sua mente veio a imagem clara de Charles Wallace caminhando pelo que já fora o pomar dos gêmeos, mas que agora era um pequeno bosque de jovens árvores de Natal, um projeto do qual eles podiam cuidar durante as férias. O magnífico pomar tinha sido arado quando eles entraram na faculdade. Meg sentia saudades daquele espaço, mas sabia que tanto o pai quanto a mãe estavam ocupados demais para cuidar de mais que uma pequena horta de alface e tomate.

• • •

Charles Wallace seguia caminhando pela rota já conhecida.

Com a mão sobre Ananda, o calor formigante fluindo entre eles, Meg seguiu os passos do irmão. Quando ele chegou ao espaço aberto onde ficava a rocha de observação estelar, a respiração de Ananda acelerou; Meg conseguia sentir o subir e descer da grande caixa torácica da cachorra sob sua mão.

Não havia lua, mas a luz das estrelas tocava as grammas inverniais com prata. A mata atrás da rocha era uma sombra escura. Charles Wallace olhou para além do vale, além da crista escura de pinheiros, até as sombras dos morros ao longe. Então jogou a cabeça para trás e chamou:

— *Nesta hora sinistra*
Recorro ao Céu em toda sua força!

O brilho das estrelas cresceu. Charles Wallace continuava mirando para o alto. Ele focou-se em uma estrela que pulsava com intensidade peculiar. Um raio de luz forte como uma escada, mas transparente como água, fluiu entre a estrela e Charles Wallace. Era impossível dizer se a luz vinha do azul-prateado penetrante da estrela ou dos olhos azul-claros do garoto. O feixe foi ficando mais forte e mais firme e então toda a luz determinou-se em um raio de esplendor ao lado do menino. Aos poucos a radiância tomou forma, até que se encarnou no corpo de um grande animal branco, com crina e cola ondulantes. De sua testa brotava um chifre prata que continha o resíduo da luz. Uma criatura de perfeição total e absoluta.

O menino colocou a mão contra os grandes flancos brancos, que arfavam como se a criatura tivesse acabado de correr. Sentiu o sangue quente fluindo

pelas veias tal como a luz havia fluído entre estrela e menino.

— Você é real? —perguntou ele, com voz de dúvida.

A criatura deu um relincho prata que se traduziu na mente do menino como: “Não sou real. Ainda assim, de certo modo sou aquilo que é a única realidade.”

— Por que você veio? — A respiração do garoto era veloz, não tanto de apreensão, mas por empolgação e expectativa.

— Você que me chamou.

— A runa... — sussurrou Charles Wallace. Ele olhou com apreço para a criatura gloriosa ao seu lado na rocha de observação estelar. Um casco prateado bateu de leve, e a rocha souou alta e clara. — Um unicórnio. Um unicórnio de verdade.

— É assim que você me chama. Sim.

— O que você é na verdade?

— O que *você* é, na verdade? — contrapôs o unicórnio. — Você me chamou e, como há grande necessidade, aqui estou.

— Você sabe da necessidade?

— Vi na sua mente.

— Como que você fala minha língua?

O unicórnio relinchou de novo, um som translúcido como bolhas de prata.

— Eu não falo. Falo conforme a antiga harmonia.

— Então como eu entendo?

— Você é muito novo, mas faz parte da Antiga Música.

— Você sabe meu nome?

— Aqui, neste Onde e Quando, você se chama Charles Wallace. Um nome corajoso. Bastará.

Charles Wallace esticou-se na ponta dos pés para envolver o pescoço do grande animal com os dois braços.

— Como devo chamá-lo?

— Pode me chamar de Gaudior. — As palavras caíram na rocha como pequenos sinos.

Charles Wallace olhou pensativo para a radiância do chifre.

— Gaudior. *Mais alegre* em latim.

O unicórnio relinchou em aquiescência.

— A alegria da existência sem a qual...

Gaudior pateou a rocha delicadamente, fazendo o som de uma trombeta prateada.

— Não force demais sua compreensão.

— Mas eu não estou errado quanto a Gaudior?

— Em certo sentido, sim; em certo sentido, não.

— Você é real e não é real; eu estou errado e estou certo.

— O que é real? — A voz de Gaudior era cristalina como seu chifre.

— O que devo fazer, agora que convoquei o Céu em toda sua força e você veio?

Gaudior relinchou.

— O Céu pode ter enviado-me, mas meus poderes têm definição exata e limitação estreita. E nunca havia sido enviado ao seu planeta. É considerado uma missão dificultosa. — Ele olhou para baixo, desculpando-se.

Charles Wallace analisou a rocha coberta de neve a seus pés.

— Não fizemos muito bem ao planeta, fizemos?

— Há muitos que gostariam de deixar que vocês se extinguissem. Porém, isto nos afetaria a todos; quem sabe o que vai acontecer? E enquanto houver aqueles que pertencem à Antiga Música, mesmo que poucos, vocês ainda serão nossos irmãos e irmãs.

Charles Wallace acariciou o nariz comprido e aristocrático de Gaudior.

— Então o que eu faço?

— Estamos nisto juntos. — Gaudior ajoelhou-se delicadamente e sugeriu que Charles Wallace devia subir nas suas costas. Mesmo com o unicórnio de joelhos, foi com dificuldade que o menino escalou e sentou-se com uma perna para cada lado, rumo a seu grande pescoço, de modo que conseguiu se segurar na crina prateada. Ele apertou os pés em botas de borracha o mais forte que podia contra os flancos do unicórnio.

— Você já cavalgou o vento? — perguntou Gaudior.

— Não.

— Temos que ter cuidado com os Ectroi — alertou Gaudior. — Eles tentam cavalgar o vento e nos tiram do rumo.

— Ectroi... — Os olhos de Charles Wallace anuviaram-se. — Significa “os inimigos”.

— Ectroi — repetiu Gaudior. — Os antigos inimigos. Aqueles que distorcem a harmonia e que armaram um exército de aniquiladores. Eles estão por todo o universo.

Charles Wallace sentiu uma onda de frio atravessar sua espinha.

— Segure minha crina — sugeriu o unicórnio. — Sempre existe a possibilidade de encontrar um Ectros. Caso encontremos, tentarei derrubá-lo.

As juntas de Charles Wallace ficaram brancas quando ele agarrou a crina grossa. O unicórnio começou a correr, deslizando pela parte alta das grammas, subindo, morro acima, lançando-se contra o vento e cavalgando-o enquanto subia, subia, passando as estrelas...

O sol em sua alvura

Em seu quarto do sótão, Meg observava Ananda, que batia o enorme rabo de maneira amigável.

— Mas o que é isso? — Meg quis saber.

Ananda apenas bateu o rabo de novo, acordando o gatinho, que lhe dirigiu um *brrtt* desanimado e saiu pisando no travesseiro.

Meg olhou para seu rádio-relógio surrado, que estava no lugar de sempre da estante. Os ponteiros aparentemente não tinham se mexido.

— Seja lá o que está acontecendo, eu não entendi.

Ananda ganiu baixinho, um gemido comum que vinha de um cão comum de antecedentes questionáveis, uma vira-lata tal como muitos do vilarejo.

— Gaudior — murmurou Meg. — Mais alegre. Bom nome para um unicórnio. *Gaudior, Ananda*: a alegria sem a qual o universo há de se desfazer e entrar em colapso. Será que o mundo perdeu a alegria? Por isso que estamos nessa bagunça? — Ela acariciou Ananda enquanto pensava, depois ergueu a mão que estava apertando o flanco do cachorro. Ela brilhava com calor radiante. — Eu falei ao Charles Wallace que estou sem prática no desvelo. Pode ser que tenha me acomodado no mundo dos adultos. Como sabia que precisávamos de você, Ananda? E quando eu a toco, eu consigo desvelar mais do que nunca. — Ela pôs a mão de volta no flanco aconchegante e fechou os olhos, tremendo com o esforço de se concentrar.

• • •

Ela não viu nem Charles Wallace nem o unicórnio. Não viu nem a planície conhecida com a rocha de observação estelar, nem a mata, nem os morros, nem o céu noturno de incontáveis galáxias. Ela não via nada. Nada. Não havia vento a cavalgar ou para soprá-la.

Nada era. Ela não era. Não havia escuro. Não havia luz. Nem visão nem som

nem toque nem olfato nem gosto. Nem dormir nem acordar. Nem sonhar, nem saber.

Nada.

E, de repente, uma efusão de alegria.

Todos os sentidos vivos e despertos e tomados de alegria.

Havia a escuridão, e a escuridão era boa. Assim como a luz.

Luz e trevas dançando juntas, nascidas juntas, uma nascida da outra, sem uma precedente ou uma antecedente, ambas completamente sendo, em ritmo alegre.

As estrelas da manhã cantaram juntas e as harmonias antigas foram renovadas e tudo era bom. Era muito bom.

E então uma estrela ofuscante deu as costas ao escuro e engoliu o escuro, e ao engolir o escuro ela tornou-se o escuro, e havia algo de errado com o escuro, assim como havia algo de errado com a luz. E não era bom. A glória da harmonia foi cindida pela estridência, pelo sibilar, pelo riso que não trazia felicidade alguma, mas, pelo contrário, horrenda, repugnante cacofonia.

• • •

Com estranha confiança, Meg sabia que estava passando pela mesma experiência que Charles Wallace. Ela não enxergava nem Charles Wallace nem o unicórnio, mas sabia através do saber de Charles Wallace.

A quebra da harmonia era dor, era angústia bruta, mas a harmonia continuava crescendo mais que a dor, e a alegria pulsava com luz, e luz e escuro voltaram a se conhecer e fizeram parte da alegria.

Estrelas e galáxias passaram em velocidade, chegaram mais perto, mais perto, até que muitas galáxias viraram uma galáxia só, uma galáxia era um sistema solar, um sistema solar era um planeta. Não havia como saber qual planeta, pois eles ainda estavam em formação. O vapor veio borbulhando de sua superfície derretida. Nada conseguia viver neste caldeirão primordial.

Então vieram os cavalgantes do vento, de quando todos os cavalgantes cantavam as antigas harmonias e a melodia ainda era nova, e suaves brisas resfriavam o arder. E o ferver, o sibilar, o flamejar, o fumegar transformaram-se em chuva, éons de chuva, nuvens que se derramavam em tormentas contínuas de chuva que cobriram o planeta com as trevas da cura, até que as nuvens quase se esvaziaram e uma luz fraca atravessou os véus e tocou a água do oceano até ele reluzir pálido como uma grande pérola.

A terra emergiu dos mares, e no mar o verde começou a espriar. Pequenos

brotos verdes cresceram até tornarem-se grandes árvores, samambaias maiores que os maiores carvalhos. O ar era fresco e cheirava a chuva e sol, ao verde de árvores e plantas, ao azul do céu.

O ar ficou pesado de umidade. O sol ardeu como metal sob a gaze densa das nuvens. O calor cintilava no horizonte. Uma samambaia imponente foi empurrada de lado por uma pequena cabeça esverdeada em um pescoço comprido e grosso, que emergia do imenso corpo. O pescoço dobrou-se sinuosamente enquanto os pequenos olhos espiavam.

Nuvens cobriram o sol. A brisa tropical aumentou, virou vento frio. As samambaias vergaram e murcharam. Os dinossauros se esforçaram para sair do frio, morrendo conforme seus pulmões entravam em colapso devido à mudança radical na temperatura. O gelo movimentou-se inexoravelmente sobre a terra. Um grande urso passou por ali, fungando, à procura de comida.

Gelo e neve, depois chuva de novo, e enfim a luz do sol irrompeu pelas nuvens, e o verde de novo, o verde da grama e das árvores, o azul do céu de dia, o faiscar das estrelas à noite.

• • •

Unicórnio e menino estavam em uma clareira verde e delicada, cercados por árvores.

— Onde estamos? — perguntou Charles Wallace.

— Estamos aqui — respondeu o unicórnio, com impaciência.

— Aqui?

Gaudior bufou.

— Não reconhece?

Charles Wallace olhou ao redor, conferindo a paisagem desconhecida. Samambaias espalhavam sua fronde rumo ao céu como se bebessem do azul. Outras árvores pareciam erguer seus galhos para captar a brisa. O garoto virou-se para Gaudior.

— Eu nunca estive aqui.

Gaudior sacudiu a cabeça, perplexo.

— Mas é o seu Onde, mesmo que não seja seu Quando.

— Meu o quê?

— Seu Onde. Onde você esteve e convocou o Céu em toda sua força e eu lhe fui enviado.

Mais uma vez Charles Wallace vistoriou a paisagem desconhecida e balançou

a cabeça.

— É um Quando muito diferente — reconheceu Gaudior. — Não está acostumado a deslocar-se no tempo?

— Eu já me desloquei quinze anos.

— Mas em uma direção só.

— Ah... — O entendimento chegou ao garoto. — Esse tempo não é o meu, certo? Quer dizer que o Onde em que estamos é o mesmo ponto da rocha de observação estelar, da floresta e da casa, mas é um tempo diferente?

— Para os unicórnios é mais fácil deslocar-se no tempo do que no espaço. Até que saibamos mais quanto ao que devemos fazer, fico mais à vontade se estivermos no mesmo Onde.

— Então você sabe Onde estamos? Quer dizer... Quando estamos? É o tempo passado ou o tempo por vir?

— É, creio eu, o que você chamaria de Era Uma Vez, Há Muito Tempo.

— Então não estamos no presente.

— Claro que estamos. Onde quer que estivermos é presente.

— Não estamos no *meu* presente. Não estamos Quando estávamos quando você veio a mim.

— Quando eu fui convocado a você — Gaudior o corrigiu. — E o Quando não é importante. O que importa é o que acontece no Quando. Está pronto para ir?

— Mas... mas você não disse que estamos bem aqui? Onde ficava... quer dizer, ficará... a rocha de observação estelar?

— Foi o que eu disse. — O casco de Gaudior tocou o verde exuberante da grama nova. — Se você quer realizar o que foi convidado a realizar, terá que entrar e sair.

— Entrar e sair do tempo?

— Do tempo, sim. E das pessoas.

Charles Wallace lhe deu um olhar de pavor.

— Como é?

— Você foi convidado a encontrar um Pode-Ter-Sido e, para tanto, terá que ser enviado Adentro.

— Adentro... Adentrar alguém? ... Mas não sei se eu consigo.

— Por que não? — Gaudior quis saber.

— Mas... se eu Adentrar outra pessoa... o que acontece com meu corpo?

— Será bem cuidado.

— Eu o terei de volta?

— Se tudo correr bem.

— E se tudo não correr bem?

— Vamos nos ater a que tudo corra bem.

Charles Wallace envolveu-se com os próprios braços como se quisesse se aquecer.

— E você acha que eu não tenho medo?

— Claro que você tem medo. Eu também tenho.

— Gaudior, é muito assustador alguém me dizer assim, casualmente, que vou ficar dentro do corpo de alguém. O que vai acontecer *comigo*?

— Não sei ao certo. Mas você não se perde. Você continua sendo você. Se tudo der certo.

— Mas eu também vou ser outra pessoa.

— Se você se abrir.

— Se eu estou em outro corpo, eu tenho que ser forte pelos dois?

— Talvez — ressaltou Gaudior — seu hospedeiro seja o mais forte dos dois. Está disposto?

— Não sei — Parecia que ele estava ouvindo Meg avisando-o que era sempre um desastre quando ele decidia que era capaz de assumir, por conta própria, mais do qualquer outra pessoa deveria assumir.

— Ao que parece — disse Gaudior —, você foi convocado. E o chamado nunca é aleatório, mas sempre conforme o propósito.

— Qual propósito?

Gaudior o ignorou.

— Parece que você é dotado para ir Adentro.

— Mas eu nunca...

— Você não é capaz de Adentrar sua irmã?

— Quando nós desvelamos, sim, um pouco. Mas não Adentro Meg literalmente, nem me torno a Meg. Ainda sou eu.

— Ainda é?

Charles Wallace considerou.

— Quando estou desvelando com Meg, estou totalmente ciente dela. E quando ela desvela comigo, então ela fica mais ciente de mim do que ela de si. Acho que desvelar é similar ao seu Adentrar... assim não soa tão assustador.

Gaudior mexeu na barba.

— Agora você foi convocado a Adentrar do modo mais profundo que há. E eu fui convocado para lhe ajudar. — A luz em seu chifre pulsou e diminuiu. — Você viu o princípio.

— Sim.

— E viu que um aniquilador, quase desde o princípio, vem tentando destruir as antigas harmonias?

— De onde veio o aniquilador?

— Do bem, é claro. O Ectros queria toda a glória para si, e quando isto acontece o bem torna-se não bem; outros seguiram o primeiro Ectros. Onde quer que vão os Ectroi, seguem as sombras e tentam cavalgar o vento. Há lugares onde ninguém sequer ouviu as antigas harmonias. Mas sempre há um momento onde há um Pode-Ter-Sido. O que temos que fazer é encontrar os Pode-Ter-Sido que conduziram a este mal específico. Já vi muitos Pode-Ter-Sido. Se tal e tal coisa houvessem sido feitas, a luz se associaria ao escuro ao invés de ser apagada. É possível que você entre no momento de um Pode-Ter-Sido e transforme-o.

Os dedos de Charles Wallace apertaram a crina prateada.

— Sei que não posso evitar desastres apenas porque a Sra. O’Keefe me mandou. Posso ser arrogante, mas não tanto. Mas minha irmã está esperando um filho, e eu posso ser forte o bastante para tentar impedir desastres pelo bem dela. E a Sra. O’Keefe me deu a runa... — Ele olhou em volta, para o mundo verde de frescor. Embora ainda estivesse de botas e com a jaqueta norueguesa quentinha, não estava desconfortável. De repente as canções o cercaram e uma revoada de pássaros dourados assentou-se nas árvores. — Então onde estamos? Há quanto tempo?

— Muito. Eu nos trouxe até antes dos Pode-Ter-Sido deste planeta, antes de as pessoas chegarem, brigarem e aprenderem a matar.

— Como chegamos aqui... há tanto tempo?

— Pelo vento. O vento sopra para onde quer.

— E ele nos levará Onde... Quando... você quer que a gente vá?

A luz no chifre do unicórnio pulsou, e a luz no chifre, mantendo o azul do céu, refletiu-se nos olhos de Charles Wallace.

— Antes de as harmonias partirem-se, unicórnios e ventos dançavam juntos com alegria e sem medo. Agora há Ectroi que são ávidos pelo vento, assim como por tudo mais, portanto há vezes em que eles cavalgam o vento e transformam-no em tornado, e é bom você agradecer por não termos pego um destes: é sempre um risco. Mas nós chegamos ao Quando que eu queria, para nos dar algum tempo de recuperar o fôlego.

Os pássaros dourados passaram agitados por eles, e então o céu foi tomado por uma nuvem de borboletas, que acompanhou os pássaros desenhando um padrão no céu. Pequenos lagartos com joias disparavam pela grama.

— Aqui o vento não foi perturbado — disse Gaudior. — Venha. Este vislumbre é tudo que posso lhe dar desta época de ouro.

— Temos que partir tão em breve?

— A necessidade é premente.

Sim, a necessidade era de fato premente. Charles Wallace ergueu os olhos ao

unicórnio.

— Onde vamos agora?

Gaudior passou as patas pelo verde exuberante com impaciência.

— Não Onde; você não consegue botar nessa cabeça? Quando. Até sabermos mais do que sabemos hoje, ficaremos bem aqui no nosso Onde. Aqui há algo a se aprender, e temos que descobrir o quê.

— Você não sabe?

— Sou mero unicórnio. — Gaudior fechou seus cílios prateados com modéstia. — Tudo que sei é que há algo de importante para o futuro bem aqui neste lugar onde você observa estrelas. Mas, seja lá o que for, não aconteceu até que a antiga música das esferas se distorceu. Por isso agora iremos a um Quando das pessoas.

— Você sabe quando fica este Quando?

A luz no chifre de Gaudior diminuiu e piscou, o que Charles Wallace começava a identificar como sinal de que o unicórnio estava inquieto ou incerto.

— Um Onde distante. Podemos cavalgar o vento sem medo, pois aqui as antigas harmonias não estão mais partidas. Mas ele pode encrespar se o Quando em que entrarmos for dissonante. Segure-se firme. Eu o levarei Adentro.

— Adentro... Adentro quem? — Charles Wallace enroscou a crina entre os dedos.

— Perguntarei ao vento.

— Você não sabe?

— Perguntas, perguntas. — Gaudior bateu um casco prata. — Não sou um computador. Só as máquinas têm respostas loquazes para tudo. — A luz no chifre pulsou com o brilho; faíscas voaram dos cascos de Gaudior, e estavam se apagando enquanto subiam. Os flancos macios ficaram fluidos e, aos poucos, grandes asas ergueram-se e mexeram-se com o vento.

O menino sentiu o vento passar sob e por eles. Cavalgando o unicórnio, cavalgando o vento, sentiu-se íntegro em liberdade e alegria; vento, unicórnio, garoto mesclaram-se em uma só ligeireza.

• • •

Estrelas, galáxias, circundadas em um padrão cósmico, e a alegria da unidade era maior que qualquer desordem interna.

• • •

E então, quase sem transição, eles estavam em um local com rochas e árvores e grama alta e um grande lago. O que, muitos séculos depois, se tornaria a rocha de observação estelar era um montinho de pedras. A mata atrás da rocha era uma floresta de samambaias imponentes e gigantes árvores umbrosas que ele não sabia identificar. Em frente da rocha, em vez do vale do Quando de Charles Wallace, havia um lago que se estendia até os montes, cintilando à luz do sol. Entre a rocha e o lago havia estranhos barracos de pedra e couro, meio casa, meio tenda, formando um crescente à beira do lago.

À frente e ao redor das habitações havia movimentação e riso, homens e mulheres tecendo, transformando a argila do lago em tigelas e pratos, pintando a cerâmica com cores vívidas e padrões geométricos complexos. Crianças brincavam à beira d'água, jogando água umas nas outras e fazendo pedrinhas pularem.

Um garoto sentava-se em um afloramento rochoso, esculpindo uma lança com pedra afiada. Era bronzeado e esguio, com cabelos brilhantes da cor da asa de um melro, e olhos pretos que cintilavam como a água do lago. As maçãs de seu rosto eram altas, e seus lábios eram cheios. Ele usava toda sua concentração para fabricar a lança. Olhou para as águas cintilantes do lago e sentiu cheiro de peixe. Então voltou-se para sua lança, mas suas narinas sensíveis tremularam quase imperceptivelmente enquanto ele cheirava o verde da grama, depois o azul do céu, depois o sangue vermelho dos animais da floresta, um por vez. Não parecia notar o unicórnio atrás de si, no morro de pedra. Se notava, tomava a bela criatura como nada de mais. As asas de Gaudior estavam dobradas para trás nos flancos, de forma que ficavam invisíveis; a luz no chifre mantinha-se firme.

• • •

Meg pressionou a mão forte contra Ananda. A cadela virou a cabeça e lambeu sua mão com a língua cálida e vermelha, buscando tranquilizá-la.

Meg viu seus sentidos acossados por uma consciência que ela nunca sentira com tanta intensidade, nem mesmo na infância. O azul do céu era tão brilhante que ofuscava seu olho interno. Embora fizesse frio no sótão, ela sentia o calor radiante do dia; sua pele absorvia a amabilidade do céu. Ela nunca havia sentido o cheiro de pedras, tampouco a riqueza da terra escura, nem o sabor da brisa, tal como os sentia agora.

Por quê? Como? Ela via o unicórnio, mas não conseguia ver Charles Wallace. Onde ele estava?

Foi então que ela entendeu.

Charles Wallace havia Adentrado o garoto na rocha. Em certo estranho sentido, Charles Wallace *era* o garoto na rocha, enxergava por seus olhos, ouvia por seus ouvidos (e nunca ouvira um pássaro gorjear com clareza tão cristalina), cheirava por seu nariz e desvelava tudo que seus sentidos despertos recebiam.

• • •

Gaudior soltou um leve relincho.

— Você precisa ter cuidado — alertou. — Você não é Charles Wallace Murry. Você tem que se deixar levar, tal como faz quando desvela com sua irmã. Você tem que se tornar o hospedeiro.

— Meu hospedeiro...

— Harcels, do Povo do Vento. Você não pode saber mais do que ele sabe. Quando você pensar pensamentos que não os do hospedeiro, deve ocultá-los. É melhor até que não os pense.

Charles Wallace agitou-se acanhadamente dentro de Harcels. Como que ele, aquela pessoa, aceitaria a intrusão de outra? Será que ele já sofrera uma intrusão assim?

— Não — respondeu Gaudior, falando apenas com a parte de Charles Wallace que ficava à parte da unidade total com Harcels. — Não mandamos ninguém Adentrar a não ser que o perigo seja maior que...

— Que...

A luz de seu chifre piscou.

— Você conhece algumas das suas possibilidades se o seu planeta explodir.

— Algumas — respondeu Charles Wallace, duro. — Pode deslocar o equilíbrio das coisas, de forma que o sol iria explodir em supernova.

— Sim, é uma das possibilidades. Tudo que acontece dentro da Ordem criada, independente de quão pequena, tem seu efeito. Se você está irritado, esta irritação soma-se a todo o ódio que os Ectroi usam para distorcer a melodia e destruir as harmonias antigas. Quando você é amável, esta amabilidade une-se à música das esferas.

Charles Wallace sentiu uma onda de desconforto passar sobre ele.

— Gaudior... o que eu devo fazer... ao Adentrar Harcels?

— Pode começar aproveitando estar Adentro — sugeriu Gaudior. — Neste

Quando, o mundo ainda conhece a Antiga Música.

— Ele o vê, tal como eu?

— Sim.

— E não se surpreende.

— Para a alegria, nada surpreende. Relaxe, Charles. Desvele com Harcels. *Seja* Harcels. Deixe-se levar. — Ele bateu um casco contra a pedra, soltando faíscas, saltou traçando um grande arco no ar e saiu galopando pela mata.

Harcels levantou-se e esticou-se languidamente. Ele também saltou da rocha com a tranquilidade antigravitacional de um bailarino, aterrissou na grama elástica, rolou por ela com felicidade, pôs-se de pé e correu até a beira d'água, chamando as crianças, os tecelões, os ceramistas.

À beira do lago ele ficou muito parado, isolando-se da movimentação à sua volta. Franziu os lábios e assobiou, uma longa e doce intimação, depois chamou gentilmente:

— Finna, Finna, Finna!

A meio caminho no lago houve um agitar da água e uma grande criatura veio nadando, saltando, voando em direção a Harcels, que por sua vez lançou-se na água e nadou com agilidade para encontrá-la.

Finna era similar a um golfinho, embora não tão grande quanto, e sua pele era de um verde-azulado iridescente. Tinha o sorriso gracioso de um golfinho e a mesma familiaridade com mar e ar. Ao alcançar Harcels, ela soltou uma pequena fonte de água pelo seu respiradouro, encharcando o garoto, que berrou de alegria.

Durante alguns instantes, tiveram uma peleja. Em seguida, Harcels estava cavalgando Finna, saltando pelo ar, segurando-se firme quando Finna imergia, nas profundezas sob a superfície, arfando ao agitarem-se mais uma vez à luz do sol, soltando borrifos de água para todos os lados.

Era alegria pura.

O que Charles Wallace conhecera em lampejos ocasionais de beleza era o modo de vida de Harcels.

• • •

No quarto do sótão, Meg seguia com a mão sobre Ananda. Um estremecer passou como onda pelas duas.

— Oh, Ananda — disse Meg —, por que não poderia ter continuado daquele jeito? O que aconteceu?

• • •

Quando?, perguntou-se Charles Wallace . *Quando estamos?*

Para Harcels, todos os Quando eram Agora. Havia o ontem, que era passado, que era apenas um sonho. Havia o amanhã, que era uma visão não muito diferente de hoje. O Quando era sempre Agora, pois pouco se olhava para trás ou para frente neste mundo jovem. Se o Agora era bom, o ontem, embora sonho agradável, não era necessário. Se o Agora era bom, amanhã provavelmente também seria.

O Povo do Vento era carinhoso e harmonioso. Nas raras ocasiões em que havia diferenças de opinião, elas eram mediadas pelo Harmonizador e seu juízo sempre era aceito. Pescavam peixes, disparavam contra a caça com arco e flecha, nunca mais que o necessário. Cada pessoa na tribo sabia o que havia nascido para fazer e nenhuma dádiva era considerada maior ou menor que outra. O Harmonizador tinha cargo não mais eminente que o jovem cozinheiro que aprendia a fazer uma fogueira ou limpar um peixe.

Um dia, um javali selvagem de tamanho monstruoso perseguiu uma pequena comitiva de caçadores, e o menor e mais lento destes foi escornado no flanco. Harcels ajudou a levá-lo até em casa e passou a noite ajoelhado junto ao Curandeiro, trazendo musgo fresco e gelado para passar na ferida febril, cantando as orações de cura conforme cada estrela fazia sua dança determinada no céu.

Pela manhã havia grande regozijo, pois não só a ferida ardente arrefecia, mas reconhecia-se que Harcels havia descoberto seu dom e seria aprendiz do Curandeiro, e quando o Curandeiro fosse habitar com aqueles que se movem entre as estrelas, Harcels tomaria seu lugar.

A melodia era clara e pura. A harmonia não tinha distorções. O tempo ainda era jovem e o sol era claro de dia e, à noite, movimentava-se sem medo de descansar no reino das estrelas distantes.

Harcels tinha muitos amigos entre seu povo, mas suas companhias do coração eram animais: Finna e Eyrn, grande pássaro que lembrava um meio-termo entre águia e gaivota gigante, grande o bastante para Harcels montar. As penas de Eyrn eram brancas, com pontas cor-de-rosa e uma gradação até o roxo. Era coroada com um tufo de penas rosadas e seus olhos eram rubi. Quando Harcels montava firme, ela voava alto, alto, mais alto, até o ar ficar rarefeito e o menino arfar para respirar. Ela voava alto e longe, para que ele pudesse ver as habitações de tribos distantes, pudesse ver o oceano que aparentemente se estendia por todo o restante do mundo.

Harcels perguntou ao Contador de Contos sobre as outras tribos.

— Deixe estar — disse o Contador de Contos, na voz mais firme que já se ouvira dele.

— Mas conhecê-las pode ser divertido. Talvez elas tenham algo a nos ensinar.

— Harcels — disse o Contador de Contos —, eu também já cavalguei uma criatura como Eyrn, e fiz meu corcel descer a um local oculto, para poder observar sem ser visto. Vi homem matar homem.

— Mas por quê? Por que um homem mataria outro?

O Contador de Contos olhou demoradamente nos olhos claros do garoto.

— Vamos torcer para que você nunca tenha que saber.

• • •

Era fácil para Charles Wallace viver Adentro Harcels, ao brilho do sol jovem, onde a escuridão era amiga da luz. Um dia, quando Harcels estava montado em Eyrn, eles voaram sobre um aglomerado de habitações, e o menino começou a pedir para Eyrn descer, mas Charles Wallace delicadamente conduziu seus pensamentos ao prazer de voar, quando Eyrn lançou-se em um jorro de vento e planou com o mínimo movimento das asas. Charles Wallace não tinha certeza se esta pequena interferência era permitida; sabia apenas que se Harcels aprendesse os modos das tribos que sabiam matar, sua alegria sumiria junto a sua inocência.

• • •

O que você fez foi certo, Meg desvelou a ele, decidida. Tem que ter sido certo.

Ela olhou de novo para o relógio. Os ponteiros mal haviam se mexido. Enquanto uma estação seguia a outra em sucessão veloz naquele Outro Tempo onde Charles Wallace vivia Adentro Harcels, o tempo estava parado no momento presente de Meg. O tempo andava apenas naquele Quando no qual a terra que lhe era tão familiar e preciosa era diferente, onde a rocha plana de observação estelar era um morro de pedras, onde o vale verde era um lago e a pequena mata era uma floresta negra.

Ela soltou um suspiro dolorido por aquela época tão plena de alegria que era difícil perceber que já fora real.

• • •

• • •

Ananda ganiu e olhou para Meg com olhos arregalados e nervosos.

— O que foi? — perguntou Meg, alarmada. Ouviu o relincho de Gaudior e viu um pulsar de luz prata, a luz diamante que iluminava o chifre do unicórnio.

• • •

Charles Wallace estava montado no grande pescoço de Gaudior, olhando de dentro de seus olhos para Harcels, Adentro o qual ele conhecera espontaneidade e alegria em níveis que sua própria consciência jamais iria partilhar. Ele roçou a bochecha delicadamente contra o pescoço prateado do unicórnio.

— Obrigado — sussurrou.

— Não agradeça a mim. — Gaudior bufou. — Não sou eu que decide quem você Adentra.

— Então quem é?

— O vento.

— O vento lhe diz?

— Só depois de você já estar Adentro. E não espere que seja sempre assim. Suspeito que você tenha sido enviado Adentro Harcels para ajudá-lo a se acostumar a Adentrar do modo mais fácil possível. E você tem que se deixar levar de modo ainda mais profundo nos seus hospedeiros se pretende identificar os devidos Pode-Ter-Sido.

— Se eu me deixar levar, como vou identificá-los?

— Isto terá que descobrir por conta própria. Só posso dizer que é assim que funciona.

— Serei enviado Adentro de novo agora?

— Sim.

— Não estou com tanto medo quanto antes. Mas ainda estou com medo, Gaudior.

— Não há problema — disse Gaudior.

— E se eu me deixar levar, como vou desvelar devidamente com Meg?

— Se é para fazer, você fará.

— Vou precisar dela...

— Por quê?

— Não sei. Só sei que vou.

Gaudior soprou três bolhas iridescentes.

— Segure-se firme, bem firme. Estamos no vento e desta vez podem haver Ectroi que tentarão derrubá-lo das minhas costas e lançá-lo pela beirada do mundo.

A neve em sua brancura

O grande unicórnio lançou-se ao vento e eles estavam pairando entre as estrelas, fazendo parte da dança, parte da harmonia. Conforme cada sol flamejante girava em seu eixo, uma cantoria surgiu da fricção tal como um dedo passando pela beirada de uma taça de cristal gera um canto, e a música varia em altura e tom de copo para copo.

Mas esta música era requintada, de tal modo que nenhum cristal, madeira ou metais poderia ser. A mescla de melodia e harmonia era tão perfeita que quase fez Charles Wallace relaxar sua mão na crina do unicórnio.

• • •

— Não! — gritou Meg em voz alta. — Segure-se, Charles! Não solte!

• • •

Uma rajada de vento gelado cortou a beleza do voo, um frio que trazia o fedor de morte e decomposição.

Com ânsia de vômito, Charles escondeu o rosto na crina de Gaudior, os dedos agarrados aos filamentos prateados conforme o vento Ectroi tentava varrê-lo das costas do unicórnio. O fedor era tão abominável que teria feito ele soltar a mão, não houvesse o cheiro pungente da carne viva de Gaudior salvado-o quando ele apertava o rosto contra o couro prata, respirando a estranheza do suor do unicórnio. As asas claras de Gaudior batiam dolorosamente contra as asas invisíveis das trevas que as atacavam. O unicórnio relinchou de angústia, seus tons claros perdidos no uivar da tempestade.

De repente seus cascos bateram em algo sólido. Ele relinchou de tensão.

— Segure-se firme, não solte — avisou. — Fomos soprados para uma Projeção.

Charles Wallace não tinha como se segurar com mais intensidade à crina.

— Uma o quê?

— Fomos soprados para uma Projeção, um futuro possível, um futuro que os Ectroi querem tornar real. — Sua respiração veio em lufadas ofegantes; seus flancos arfavam forte sob as pernas de Charles Wallace.

O menino tremeu ao lembrar daquelas asas debatendo-se ameaçadoramente e do odor nauseante. Seja lá o que os Ectroi queriam tornar real, era algo temível.

Eles estavam em uma planície que parecia lava solidificada, embora tivesse uma luminosidade suave que pouco semelhava lava. O céu estava coberto por uma nuvem rosa piscante. O ar cáustico fazia eles tossirem. O calor era intenso, e Charles Wallace transpirava em profusão sob a leve jaqueta, que retinha o calor tal como uma fornalha.

— Onde estamos? — perguntou ele, querendo que Gaudior lhe dissesse que não estavam no seu Onde, que este não tinha como ser o local da rocha de observação estelar, a poucos minutos de caminhada da casa.

As palavras de Gaudior eram trêmulas de preocupação.

— Ainda estamos aqui, no seu Onde, embora ainda não seja um Onde real.

— E será?

— É uma das Projeções à qual fomos enviados para tentar impedir. Os Ectroi farão de tudo que podem para torná-la real.

Um estremecer sacudiu a constituição frágil do garoto conforme ele observava a paisagem devastada.

— Gaudior... o que fazemos agora?

— Nada. Você não pode soltar-se da crina. Eles querem que nós façamos algo, e qualquer coisa que fizermos pode ser o que eles precisam para tornar esta Projeção real.

— Não podemos ir embora?

As orelhas do unicórnio sacudiam de aflição.

— É muito difícil encontrar um vento para cavalgar quando se é soprado para uma Projeção.

— Mas o que fazemos?

— Não há nada o que fazer, fora esperar.

— Sobrou alguém vivo?

— Não sei.

Em torno deles, um vento sulfuroso começou a soprar. Tanto garoto quanto unicórnio começaram a convulsionar em acessos de tosse, mas Charles Wallace não se soltou. Quando as convulsões pararam, ele secou os olhos lacrimejantes

na crina prateada.

Quando ergueu o olhar de novo, seu coração desabou de terror. Vindo na direção deles, bamboleante, por cima da areia petrificada, havia uma criatura monstruosa de corpo imenso e intumescido, pernas que eram tocos e braços compridos, as mãos arrastando-se no chão. O que sobrava do rosto era rugoso e supurado. A coisa olhou para o unicórnio com seu único olho, virou a cabeça como se chamasse alguém ou alguma coisa atrás de si, e correu na direção deles o mais rápido que seus tocos permitiam.

— Ó, Poderes Celestes, salvem-nos! — O relincho de Gaudior riscou prata.

O grito angustiado fez Charles Wallace voltar a si. Ele gritou:

— *Com Gaudior nesta hora sinistra*
Recorro ao Céu em toda sua força
E ao sol em sua alvura,
E à neve em sua brancura...

Ele respirou fundo. O ar quente cauterizou seus pulmões e mais uma vez ele foi atacado por um acesso de tosse indomável. Enterrou o rosto na crina do unicórnio e tentou controlar o espasmo que o abalou. Foi só depois de a tosse quase passar que ele tomou consciência de algo gelado passando por seu rosto ardente.

Ele ergueu os olhos e com gratidão reverente viu neve, neve branca e pura a cair do céu tortuoso, cobrindo a terra arruinada. O monstro havia contido sua abordagem ponderosa e estava olhando para o céu, a boca aberta para pegar os flocos cadentes.

Junto à neve veio uma brisa, um vento fresco.

— Segure-se! — gritou Gaudior, e ergueu as asas para pegar o vento. Seus quatro cascos deixaram o chão e ele lançou-se ao vento com uma explosão de poder.

Charles Wallace segurou-se, tentando apertar suas pernas ao redor do pescoço grosso do unicórnio. Ele sentia a batida selvagem do coração de Gaudior, que com pancadas potentes lançava-se pelo vento através das trevas do espaço sideral, até que de repente eles estouraram em uma fonte de estrelas, e o fedor e o horror sumiram.

A respiração do unicórnio se dava em grandes lufadas de ar estrelado, as asas batendo menos frenéticas; eles estavam seguros em cavalgar o vento de novo e a canção das estrelas era clara e plena.

— Agora — disse Gaudior — vamos.

— Aonde? — perguntou Charles Wallace.

— Não a Onde — disse Gaudior. — A Quando.

• • •

Subindo, subindo pelas estrelas até os confins distantes do universo onde as galáxias rodopiavam na dança estrelada, urdindo o tempo.

Exausto, Charles sentiu suas pálpebras pesarem.

— Não vá dormir — alertou Gaudior.

Charles Wallace debruçou-se sobre o pescoço do unicórnio.

— Não sei se consigo evitar — balbuciou.

— Então cante — ordenou Gaudior. — Cante para manter-se acordado. — O unicórnio abriu as mandíbulas poderosas e música começou a sair em harmonia completa e magnífica. A voz de Charles Wallace mal se alterava de um agudo puro a um tenor caloroso. Agora era o agudo, suave como uma flauta, que se unia aos potentes tons de órgão de Gaudior. Ele cantava uma melodia que não conhecia, e ainda assim as notas derramavam-se da sua garganta com toda a segurança da familiaridade.

Eles deslocaram-se pelos confins de tempos girantes de uma galáxia distante, e Charles Wallace percebeu que a galáxia em si era parte de uma potente orquestra, e cada estrela e planeta dentro da galáxia somava seu próprio instrumento à musica das esferas. Enquanto se cantassem as antigas harmonias, o universo não perderia sua alegria de vez.

Ele estava longe da consciência quando os cascos de Gaudior bateram no chão e a melodia diminuiu até tornar-se apenas beleza penetrante de fundo. Com um suspiro profundo, Gaudior deteve sua potente canção e dobrou as asas sobre os flancos.

• • •

Meg suspirou conforme a beleza da melodia diminuiu e tudo que ela ouviu foi o suave movimento do vento nas árvores expostas. Percebeu que o quarto estava frio, apesar do aquecedor elétrico que se somava ao ar quente que subia dos radiadores lá de baixo pela escada do sótão. Ela se esticou por cima de Ananda até os pés da cama, depois puxou seu antigo edredom e enrolou em torno das duas. Um sopro de vento bateu na janela, que sempre sacudia se não estivesse segura com um pedacinho de papelão dobrado ou uma lasca de madeira presa

entre janela e caixilho.

— Ananda, Ananda — disse ela, com toda suavidade —, a música... era mais... mais real que qualquer música que eu já ouvi. Será que ouviremos de novo?

O vento parou tão repentino quanto tinha soprado, e mais uma vez ela conseguiu sentir o calor vindo do aquecedorzinho.

— Ananda, ele é mesmo um garotinho... Aonde Gaudior vai levá-lo agora? Quem ele irá Adentrar? — Ela fechou os olhos, pressionando a palma da mão firme contra o cão.

• • •

Era o mesmo Onde do Onde de Harcels, mas havia diferenças sutis, embora ainda fosse o que Gaudior chamara de Era Uma Vez, Há Muito Tempo, então talvez os homens ainda vivessem em paz e Charles Wallace não corresse riscos. Mas não: ela sentia que o tempo, embora ainda jovem, não era tão jovem quanto antes.

O lago marulhava perto da grande rocha e se estendia pelo vale até o horizonte, um lago maior do que o lago do tempo de Harcels. A rocha em si fora aplainada pelo vento, pela chuva e pela erosão, de modo que parecia um tampo de mesa gigantesco, levemente torto. A floresta era escura e profunda, mas as árvores eram familiares: pinheiro, cicuta, carvalho e olmo.

• • •

Alvorada.

O ar estava puro e azul e tomado de fragrâncias da primavera. A grama em torno da rocha parecia ter sido coberta por neve fresca, mas a neve era uma flor similar ao narciso, de odor picante.

Sobre o tampo da rocha, um rapaz.

Ela não via Charles Wallace. Ela não via o unicórnio. Apenas o rapaz.

Um rapaz mais velho que Charles Wallace. Harcels era mais novo. Este rapaz era mais velho. Talvez não tanto quanto Sandy e Dennys, mas tinha mais de quinze anos. Ela não via sinal de Charles Wallace dentro do homem, mas sabia que, de algum modo, ele estava lá. Tal como Charles Wallace fora ele mesmo e ainda assim fora Harcels, Charles Wallace havia Adentrado este rapaz.

Ele estivera lá a noite inteira, às vezes deitado de costas para assistir às estrelas movendo-se lentamente pelo céu; às vezes com os olhos fechados, ao ouvir o marulhar das ondinhas na areia pálida, os estrépitos dos sapos, o piar de um pássaro noturno, o som de um peixe deslizando pela água. Às vezes ele não ouvia nem via; não dormia, mas abandonava os sentidos e deitava na rocha, pacientemente abrindo-se ao vento.

Talvez fosse seu dom de desvelo praticado com Meg que ajudava Charles Wallace a entrar cada vez mais fundo em outro ser.

Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd.

Madoc, na alvorada do dia de seu casamento.

• • •

Os olhos de Meg abaixaram-se devagar; seu corpo relaxou com o calor do edredom; mas sua mão permaneceu sobre Ananda conforme ela caía no sono.

• • •

Madoc!

Para Charles Wallace, foi como se uma janela trancada se abrisse de repente. Não era nem de balada nem de música que ele tentava lembrar — era de um livro sobre um príncipe galês chamado Madoc.

Ele ouviu o relincho de alerta de Gaudior.

— Você Adentrou Madoc. Não o perturbe com pensamentos externos.

— Mas, Gaudior, Madoc era uma figura-chave no livro... ah, *por que* não consigo lembrar mais!

Gaudior cortou-o de novo.

— Pare de tentar pensar. Seu trabalho agora é deixar-se levar em Madoc. Deixe-se.

Deixe-se levar.

Era quase como afundar, progressivamente, nas águas de uma piscina, cada vez mais fundo.

Deixar-se levar.

Cair em Madoc.

Deixar-se.

• • •

Madoc ergueu-se da rocha e olhou para o leste, aguardando o nascer do sol com expectativa exaltada. Sua pele clara estava bronzeada, com uma vermelhidão que mostrava que ele era estranho ao sol tão forte. Olhou na direção da linha índigo do horizonte, entre lago e céu, com olhos tão azuis que, comparado a eles, o céu lhe parecia pálido. Seu cabelo, cheio e dourado como juba de leão, estava quase coberto com uma coroa elaborada de flores do início da primavera. Uma corrente opulenta de flores deitava sobre seu pescoço e um dos ombros. Usava um saiote de samambaia.

O céu iluminou-se e o sol mandou raios de fogo sobre a beira do lago, chegando até o céu, puxando-se, pingando, das águas da noite. Quando parecia que o sol ia dar um salto do escuro, Madoc começou a cantar com voz de barítono, forte e alegre:

— *Senhores do fogo, da terra, da água*
Senhores da chuva, do vento, da neve
Quando chegará a filha do Ancião?
Já veio? Virá? No tempo que leve?
Nata da aliança, nata da oposição?

Senhores da água, da terra e do fogo
Senhores da neve, da chuva, do vento
Onde está o que quer meu coração?
Terá sua vida, como tal, nascido em sofrimento?
Está por vir? Encontrará minha mão?

Quando ele encerrou, ainda olhando para a água, sua música foi pega como se por um eco, um eco estranho, fino, rachado, e então saiu da floresta um idoso, vestido com a mesma abundância de flores que Madoc.

Madoc agachou-se e ajudou o idoso a subir na rocha. Apesar da idade do Ancião, seus músculos de aparência firme eram fortes, e embora seu cabelo fosse branco, sua pele negra tinha um brilho de saúde.

— *Senhores da neve, da chuva, do vento,*
Senhores da água, do fogo e da terra,
Virá ela com lágrimas ou contentamento?
Teremos vida ou teremos guerra?
Cantaremos por morte ou nascimento?

Quando o estranho dueto se encerrou, o idoso estendeu a mão em gesto de benção.

— Chegou o dia, meu filho que veio de longe.

— Chegou o dia, meu pai-a-ser. Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd, será Madoc, filho de Reschal, o Ancião do Povo do Vento.

— Um ano atrás, você cantou a música durante seu delírio — disse Reschal — e foi o filho da minha velhice que o encontrou na floresta.

— E é contentamento que se pede — afirmou o jovem —, e hoje cantaremos pelo nascimento, pelo nascer do novo Uno que Zyll e eu nos tornaremos após nossa união.

— Na noite em que Zyll nasceu — disse o Ancião —, sonhei com um estranho de terra distante, do outro lado de lago bem maior que o nosso...

— Do outro lado do oceano — o jovem deitou a mão delicadamente sobre o ombro do Ancião —, do mar que bate nas margens de Cymru, o mar que achávamos que ia e ia até que um navio caísse no fim do mundo.

— O fim do mundo... — começou a dizer o idoso, mas interrompeu-se para ouvir.

O rapaz também ficou escutando, mas nada ouviu.

— Será o vento?

— Não é o vento. — Reschal olhou para o rapaz e deixou a mão áspera sobre o braço musculoso. — Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd... como estas sílabas nos soam estranhas. Não sabíamos o que é um rei, tampouco sabemos agora.

— Vocês não têm necessidade de rei, Ancião do Povo do Vento. Owain, meu pai, há muito foi enterrado: estou a uma vida de Gwynedd de Cymru. Quando a vidente olhou no cristal e previu a morte de meu pai, também viu que eu passaria meus dias longe de Gwynedd.

O idoso mais uma vez ergueu a cabeça para escutar.

— É o vento? — Madoc continuava sem ouvir nada além dos sons do início da manhã, o marulhar do lago contra a costa, o agitar do vento nas cicutas que fazia um rugido distante, que sempre o lembrava do mar que ele deixara para trás.

— Não é o vento. — Não havia emoção no rosto do idoso, apenas o escutar contínuo e controlado.

O rapaz não conseguia esconder a impaciência na voz.

— Quando Zyll vem?

O misterioso Ancião sorriu para ele com afeto.

— Você aguardou quantos anos?

— Tenho dezessete.

— Então pode esperar um pouco mais, enquanto as amas de Zyll a preparam. E ainda há perguntas que preciso fazer-lhe. Tem certeza, no seu coração, de que nunca vai querer deixar Zyll e este pequeno povo interiorano e voltar à grande água, ao seu navio com asas?

— Meu navio foi destruído por vento e onda quando tentamos atracar nas margens rochosas desta terra. As velas se rasgaram e não têm conserto.

— Pode-se construir outro navio.

— Ancião, mesmo que eu tivesse as ferramentas para derrubar árvores e fazer as toras para um novo navio, mesmo que não tivessem meus irmãos e companheiros perecido, eu nunca teria desejado deixar Zyll e meus novos confrades.

— E seu irmão e companheiros?

— Morreram — disse Madoc, frio.

— Mas você ainda os guarda, de modo que não podem prosseguir em jornada.

— Estamos longe de casa — disse Madoc, delicadamente. — É longa a jornada para seus espíritos.

— Os deuses de Gwynedd seriam tão fracos que não podem cuidar dos seus?

Os olhos azuis de Madoc estavam negros de pesar.

— Quando deixamos Gwynedd em Cymru, devido às disputas entre meus confrades quanto ao trono de meu pai, já era como se os deuses nos houvessem abandonado. Pois irmãos desejando se matar pelo poder é enfurecer os deuses.

— Talvez — disse o idoso — você deva deixar que os deuses de Gwynedd se vão, tal como deve libertar seus companheiros.

— Eu os conduzi à morte. Quando meu pai faleceu e meus irmãos embriagaram-se da ânsia por poder, tal como nenhum vinho consegue inebriar o homem, senti os deuses partirem. Em sonho vi eles darem as costas às nossas disputas. Eu os vi de modo tão claro quanto os adivinhos em seus cristais. Quando despertei, chamei Gwydyr e disse que não ia ficar para assistir irmão contra irmão, mas que iria encontrar a terra que os Sábios disseram ficar no lado distante do mar. Gwydyr objetou, de início.

— Ele achou que podia tornar-se rei?

— Sim, mas Gwydyr e eu éramos os mais novos. O trono provavelmente não seria nosso enquanto os outros cinco estivessem vivos.

— Ainda assim você, Madoc, o sétimo filho, foi o favorecido no povo.

— Tivesse eu deixado proclamarem-me rei, o derramamento de sangue seria inevitável. Deixei Gwynedd para evitar o horror de irmão contra irmão.

— Mas você... — o idoso fitou Madoc — deixou-a de fato?

— Deixei. Gwynedd, em Cymru, ficou para trás. Ela será governada por aquele que os deuses escolherem. Não desejo saber. Pois agora sou Madoc,

filho-a-ser de Reschal, em breve marido de Zyll do Povo do Vento.

— E Gwydyr? Deixou ele ir?

Madoc fitou o lago.

— De certo modo, parecia que eu era mais velho que ele, embora tivéssemos sete anos de diferença. Quando chegamos à tribo do Outro Lado do Lago, ele tinha medo das peles e cabelos escuros e do cantar estranho, cheio de pios e uivos, e correu deles. Eles me mantiveram como convidado, mas eu era um cativo, pois eles não me deixariam entrar na floresta para procurar meu irmão. Mandaram uma comitiva de guerreiros para encontrá-lo e, quando voltaram, traziam apenas o cinto com a fivela crivada de joias que o simbolizava filho do rei. Disseram-me que ele havia sido morto por uma cobra; Gwydyr não sabia o que era uma cobra, pois não as temos em Gwynedd. Disseram-me que ele gritou meu nome antes de morrer, e que me deixara a Canção dos Filhos do Rei. E enterraram-no na floresta. Enterraram meu irmão sem mim e nem sei o local onde jaz.

— Assim são os modos do Povo do Outro Lado do Lago — disse o Ancião.

— Eles temem os mortos e tentam fugir do antigo terror.

— Antigo terror?

Reschal olhou para o céu delicado do início da manhã.

— Aquele que deu errado. Antes não havia espíritos malignos que acometiam a lavoura, que traziam seca ou enchente. Antes não havia nada a temer, nem mesmo a morte.

— E o que aconteceu que trouxe o medo?

— Quem sabe dizer? Faz muito tempo. Mas não foi também assim em Gwynedd?

— É assim em Gwynedd — respondeu Madoc, incólume —, ou irmão não haveria voltado-se contra irmão. Sim, também conhecemos o que você chama de antigo terror. A morte, acredita-se, ou ao menos o medo da morte, vinha com ele. Reschal, eu gostaria de saber onde aqueles do outro lado do lago deitaram meu irmão, para que eu possa fazer as orações que libertarão sua alma.

— É dos modos deles deixar os mortos longe de si e esquecer o local. Eles escondem os mortos até de si mesmos, para que seus espíritos não cheguem ao lago e mantenham os peixes à distância.

— E o seu povo?

O idoso ergueu-se de orgulho.

— Não tememos os espíritos dos mortos. Se houve amor durante a vida, por que isto mudaria após a morte? Quando um de nós parte, fazemos um banquete de honra e depois enviamos o espírito em sua jornada pelas estrelas. Nas noites claras sentimos o cantar de seu amor. Você não sentiu na noite passada?

— Eu observei as estrelas... e senti que elas me aceitaram.

— E o seu irmão? Sentiu a luz dele?

Madoc fez não com a cabeça.

— Quem sabe se eu pudesse encontrar o local onde o enterraram...

— Você tem que deixar que ele se vá. Pelo bem de Zyll, deve deixar que ele se vá.

— *Quando chegará a filha do Ancião?* — perguntou Madoc. — Procurei o Povo do Outro Lado do Rio para tentar encontrar o túmulo de meu irmão, e me perdi na floresta quase de imediato. Fiquei vagando por dias, tentando achar o caminho de volta, cada vez me afastando mais deles. Eu estava quase morto quando Zyll veio caçar as ervas de cura que se encontram apenas nas profundezas da floresta. *Quando chegará a filha do Ancião? Onde está o que quer meu coração?* Aqui, Reschal.

— Você deixará Gwydyr chegar a seu lugar entre as estrelas?

— *Virá ela com lágrimas ou contentamento? Cantaremos por morte ou nascimento?* — Madoc cantou delicadamente. — Já derramei lágrimas pelo passado. Hoje será por contentamento. Por que você me arrastou de novo às lágrimas?

— Para que você as deixe para trás — disse Reschal, e ergueu o braço murcho ao sol. O lago, a costa, a rocha, a floresta atrás de si, ficaram banhadas em luz dourada. Como se em resposta ao gesto de Reschal veio o som de música, uma estranha canção selvagem de primavera e flores e sol e grama crescendo e a batida do coração de todos que são jovens e apaixonados. E as lágrimas de Madoc secaram, e a lembrança de seus companheiros e irmão falecidos recuaram conforme o cantar preencheu-os com alegria e expectativa.

As crianças da tribo vieram primeiro, usando correntes de flores que oscilavam contra as barrigas marrons enquanto dançavam. Madoc, brilhando de prazer, virou-se das crianças para o Ancião. Mas os olhos de Reschal estavam focados na distância invisível do outro lado do lago e ele ouvia não as crianças, mas o som que estava esforçando-se para escutar antes. E agora Madoc também achava que ouvia um pulsar, como um coração batendo ao longe.

— Ancião, agora eu ouço. O que é?

Reschal fitou as águas.

— É o Povo do Outro Lado do Lago. São os tambores deles.

Madoc ficou escutando.

— Já ouvimos os tambores deles, quando o vento sopra do sul. Mas hoje o vento sopra do norte.

A voz do idoso traía incômodo.

— Sempre vivemos em paz, nós, Povo do Vento, e aqueles do Outro Lado do

Lago.

— Talvez — Madoc sugeriu — eles venham à cerimônia de casamento.

— Talvez.

As crianças haviam juntado-se em torno da rocha e olhavam com expectativa para Madoc e Reschal. O Ancião ergueu mais uma vez o braço e a cantoria afogou a batida contínua dos tambores. Os homens e mulheres da tribo, que iam de meninos e meninas vivazes até homens e mulheres de cabelo branco e pele enrugada, vieram dançando na direção da grande rocha. Em meio a eles, circulando por um grupo de mulheres jovens, estava Zyll. Ela usava uma coroa similar à de Madoc, e uma saia curta toda de flores primaveris. Sua pele de cobre brilhava como se iluminada de dentro pelo sol, e seus olhos deitaram-se sobre os de Madoc com uma centelha de amor.

Não havia lugar, pensou Madoc, onde os trajes matrimoniais seriam mais lindos, não importa quanto ouro fosse trançado ao tecido, nem quantas joias decorassem veludos e cetins.

A multidão ornada em flor abriu-se para deixar Zyll chegar à rocha. Madoc agachou-se para segurar as mãos dela, e ergueu-a gentilmente para ficar entre ele e Reschal. Ela curvou-se ao pai e então começou os movimentos da dança ritual de matrimônio. Madoc, no ano que passara com o Povo do Vento, já vira Zyll dançar diversas vezes: ao nascer de cada lua; ao banquete do sol recém-nascido no inverno; nos equinócios de primavera e outono, dançar para os Senhores do lago, do céu, da chuva e do arco-íris, da neve e do vento.

Porém, para os Dançarinos do Vento, assim como era em outros Povos do Vento com seus vários dons, havia apenas uma Dança do Matrimônio.

Madoc estava transfixado de alegria conforme o corpo de Zyll movimentava-se com a leveza natural da brisa primaveril. Seu corpo saltou para o alto e pareceu que a gravidade não exercia o poder de puxá-la à terra. Ela vagava delicadamente do céu à rocha conforme as pétalas caíam das árvores em flor.

Então ela estendeu as mãos a Madoc e ele entrou na dança, maravilhando-se ao sentir parte da facilidade dos movimentos de Zyll tomar conta de seus próprios membros.

No início, quando Zyll descobriu Madoc moribundo na floresta e o trouxe ao Povo do Vento, tinham medo dele. Dos olhos azuis, da pele clara, avermelhada pelo sol, de seu cabelo castanho-amarelado, diferente de tudo que eles já haviam visto. Eles o abordaram acanhados, como se fosse uma fera estranha que podia voltar-se contra eles. Alguns do Povo do Vento proclamaram-no deus. Mas então sua raiva reluziu como um raio, e embora houvessem os que dissessem que sua fogsidade o anunciava Senhor da tempestade, ele não tolerava as tentativas que eles faziam de distingui-lo.

— Fiquem com seus deuses do vento —ordenava. — Vocês os serviram bem, e vivem à luz da generosidade deles. Eu também servirei os Senhores deste lugar, pois é por obséquio deles que ainda vivo.

Aos poucos o Povo do Vento começou a aceitá-lo como um dos seus, a esquecer suas diferenças aparentes. O Ancião disse:

— Não é fácil recusar que o venerem.

— Quando as pessoas são veneradas, cria-se um rastro de raiva e ciúme. Não serei venerado, tampouco serei rei. As pessoas deviam venerar os deuses, não a si mesmas.

— Você é mais sábio que diz a idade, meu filho — disse Reschal.

— Meu pai não queria ser venerado. Alguns de seus filhos queriam. Por isso que estou aqui.

• • •

Do outro lado do lago, os tambores estavam em silêncio.

O Ancião assistiu Madoc e Zyll conforme seus corpos encerravam, lentamente, os movimentos da dança. Então ele ergueu a mão de Madoc e posicionou-a sobre a de Zyll, e depois levou as mãos à cabeça de cada um. E, ao fazê-lo, o som dos tambores retomou. Alto e próximo. Ameaçador.

Uma onda passou pelo Povo do Vento conforme eles viram três pirogas chegando em velocidade. Na proa da piroga do meio, havia um homem alto, de pele clara e olhos azuis.

Com um grito de alegria, Madoc correu até a beira d'água.

— Gwydyr!

O fogo em sua potência feroz

No sótão, Meg estava deitada na cama, tranquila e de olhos fechados. Sua mão continuava a esfregar Ananda ritmicamente, recebendo em troca o calor formigante. Por trás das pálpebras, os olhos se mexiam como se ela estivesse sonhando. O gatinho ergueu-se, esticando suas costas até formar um arco, bocejou e se enrolou nos pés dela, ronronando.

• • •

Charles Wallace-Adentro-Madoc sentiu o acesso de alegria do garoto ao ver o irmão vivo — o irmão que ele considerara morto e enterrado em local esquecido da floresta.

O homem na piroga pulou da nau e correu, esparramando água até a margem.

— Gwydyr! Você está vivo! — Madoc abriu os braços ao irmão.

Gwydyr não foi abraçá-lo. Seus olhos azuis eram frios e muito próximos. Foi então que Madoc percebeu a argola em torno da cabeça do irmão. Não de flores, mas de ouro.

— Gwydyr, irmão maior. — A alegria aos poucos deixou o azul radiante dos olhos de Madoc. — Achei que houvesse morrido.

A voz de Gwydyr saiu fria como seus olhos.

— Assim eu quis que pensasse.

— Mas por que desejar algo assim?

À dor na voz de Madoc, Zyll desceu delicadamente da rocha e veio postar-se ao seu lado.

— Em Gwynedd, você não aprendeu que só há espaço para um rei?

Os olhos de Madoc sempre voltavam à coroa dourada de Gwydyr.

— Foi por este motivo que deixamos Gwynedd, para achar um local de paz.

Gwydyr fez um sinal às costas e os tocadores de tambor começaram lentamente a atacar a pele tesa dos instrumentos. Os homens descansaram os

remos e pularam à água rasa, puxando as pirogas até a margem.

Gwydyr ergueu os cantos dos lábios para formar o que era mais careta do que sorriso.

— Vim reclamar a filha do Ancião.

O som dos tambores era dor lancinante nos ouvidos de Madoc.

— Meu irmão, chorei por sua morte. Pensei que regozijaria ao vê-lo com vida.

Gwydyr continuou com paciência amargurada, como se falasse com uma criança de miolo mole.

— Não há espaço para mais de um rei neste local, irmãozinho, e eu, que sou o mais velho, sou este rei. Em Gwynedd, contra seis irmãos, eu não tinha esperança. Mas aqui sou rei e deus e vim avisar ao Povo do Vento que impero nos lagos e em todas as terras ao redor. A filha do Ancião é minha.

Zyll apertou-se contra Madoc, os dedos firmes no seu braço.

Reschal falou com a voz rouca:

— O Povo do Vento é povo da paz. Sempre vivemos de modo amistoso com aqueles do Outro Lado do Lago.

Mais uma vez os lábios de Gwydyr distorceram-se em sorriso.

— A paz continuará desde que vocês nos deem metade de seus peixes e metade de sua caça. E se eu levar comigo, para o lado de lá, a princesa que se encontra ao lado de meu irmão.

Zyll não saiu do lado de Madoc.

— Chegou muito tarde, Irmão Maior. Madoc de Reschal e eu já somos Unos.

— Madoc de Reschal. Rá! Minhas leis são mais fortes que as suas. — Gwydyr fez um gesto imperioso. Os homens dos remos puxaram espadas das bainhas e as deixaram em riste.

Um grito unido de descrença, depois raiva, emergiu do Povo do Vento.

— Não! — gritou Madoc, o ultraje concedendo tal volume à sua voz que afogou a batida do tambor, o grito dos guerreiros com as lanças, a ira do Povo do Vento. — Não haverá derramamento de sangue aqui por conta dos filhos de Owain. — Ele tomou distância de Zyll e de Reschal para enfrentar Gwydyr. — Irmão, isto é entre você e eu. — E agora ele sorria. — A não ser, evidente, que tenha medo de Madoc e precise de seus selvagens com lanças para protegê-lo.

Gwydyr fez um gesto de raiva.

— E o seu pacífico Povo do Vento?

Então Madoc viu que os jovens já haviam tirado as guirlandas festivas, jogadas em uma pilha em frente à grande rocha. Em vez de flores, portavam lanças, arcos e flechas.

Reschal olhou para ele com expressão agravada.

— Tenho ouvido tambores de guerra desde o pôr do sol. Achei melhor estar

preparado.

Madoc abriu bem os braços. Havia autoridade sinistra em sua voz.

— Abaixem as armas, irmãos. Vim a vocês em paz. Não serei causa de guerra.

Os jovens olharam primeiro para Madoc, depois para o Povo do Outro Lado do Lago, as lanças ainda em ameaça.

— Irmão — disse Madoc a Gwydyr —, mande seus homens baixarem as lanças. Ou tem medo de me enfrentar em combate justo?

Gwydyr rosnou uma ordem e os homens na margem atrás de si deixaram as lanças cuidadosamente sobre a areia, ainda ao alcance.

Então o Ancião fez um sinal para os jovens e eles também baixaram as armas.

Gwydyr berrou:

— Se vamos lutar pela filha do Ancião, irmãozinho, eu escolho a arma.

— É justo — respondeu Madoc.

Zyll soltou um leve gemido de nervosismo e pousou a mão sobre o braço dele.

— Escolho o fogo — anunciou Gwydyr.

Madoc cantou:

— *Senhores da água, terra e fogo,
Onde está o que quer meu coração?*

— Fogo será, portanto. Mas em que forma?

— Você tem que *fazer* fogo, irmãozinho — disse Gwydyr. — Se o seu fogo não superar o meu, então serei rei do Povo do Vento assim como daqueles do Outro Lado do Lago, e tomarei a filha do Ancião por minha. — Seus olhos estreitos cintilaram de cobiça.

Reschal foi caminhando devagar até ele.

— Gwydyr, sexto filho de Owain, o orgulho transformou a luz sob seus olhos em gelo, de modo que você não enxerga mais como devia. Nunca tomará minha filha.

Gwydyr deu um empurrão forte no idoso, de modo que ele caiu na praia com o rosto para baixo. Zyll deu um grito que ficou suspenso no ar.

Madoc saltou para ajudar o idoso e apoiou um joelho no chão para erguer Reschal. Mas seus olhos seguiram os do Ancião até uma pequena poça em um declive na areia, e seus movimentos, tal como o grito de Zyll, ficaram suspensos. A única coisa que se mexia era o reflexo na pequena poça d'água. O rosto de Gwydyr tremia na imagem agitada pelo vento, sua frente tão igual e tão diferente da de Madoc. Os olhos eram do mesmo azul, mas por trás deles não havia ouro. Eles eram levemente voltados para o nariz espremido, tomados de crueldade e desejo. Este, pensou Madoc, não era o irmão que viera com ele ao Novo Mundo.

Ou era, e ele nunca havia visto o irmão antes, apenas Gwydyr como ele torcia que fosse?

As ondas passaram pela oval rasa e o reflexo tremeluziu como os reflexos no cristal das videntes em Gwynedd.

Madoc sempre temera o cristal das videntes; por isso, temeu a pequena oval de água que refletia o rosto de Gwydyr, cada vez maior, cada vez mais escuro, tremendo até não ser mais o rosto de um homem, mas de um bebê aos berros. O rosto recuou até que Madoc viu uma mulher de cabelos pretos segurando e sacudindo o bebê.

— Você será grande, pequeno Madog — disse ela — e chamará o mundo de seu, para manter ou destruir conforme sua vontade. O mundo é maligno, pequeno Madog.

O bebê olhou para ela e seus olhos eram próximos, como os de Gwydyr, levemente voltados para dentro, e sua boca franziu de desgosto. Mais uma vez o rosto foi crescendo na oval negra, até deixar de ser um rosto de bebê e sim de um homem com modos arrogantes e raivosos.

— Então vamos destruí-la, Mãe — disse o homem, e o rosto ondulou até virar uma esfera pequena, quase em forma de pera, e na esfera haviam manchas de verde e marrom que eram terra, e de azul e cinza como os mares, e um escuro suave para nuvens, e das nuvens vieram estranhos objetos escuros que caíam sobre a terra e caíam sobre o mar, e onde caíam, subiam grandes nuvens, que encobriam terra e mar; e sob as nuvens bulbiformes havia fogo, em cólera rubra loucamente agitada pelo vento.

A voz de Gwydyr ondulou pela oval adivinha da água.

— Eu escolho o fogo, irmão menor. Onde está seu fogo?

As chamas sumiram e a oval era apenas uma piscina rasa que refletia nada além que a nuvem que passava pelo sol.

O tempo voltou a correr, e o grito de Zyll prosseguiu como se nunca houvesse se partido. Madoc ergueu Reschal da praia, pisando na poça, respingando a água rasa na areia.

— Para trás, Ancião — disse ele. — Vou partir o cristal. — E pisou uma vez mais na água que sobrara na poça, até não haver mais para manter o mínimo reflexo.

Da piroga central veio um dos guerreiros, carregando um braseiro fumegante. Gwydyr pegou uma das lanças e deixou a ponta afiada sobre o carvão.

— Você tem que fazer seu próprio fogo, Madoc! — Ele riu, zombeteiro.

Madoc voltou-se para a rocha onde os jovens haviam deixado suas correntes de flores. Juntou as flores nos braços e soltou-as em pilha sobre a oval onde antes havia água. Então pegou a coroa de flores de sua cabeça e somou-a às

guirlandas. Como se respondesse a uma deixa, Zyll jogou sua coroa na pilha fragrante. Um a um, homens, mulheres, filhos do Povo do Vento jogaram seus adereços na pilha de flores, Reschal por último.

— O que você pensa que está fazendo? — gritou Gwydyr, dançando na areia, fazendo estocadas de sua lança flamejante contra o irmão.

Madoc saltou para o lado.

— Espere, Gwydyr. Você escolheu o fogo. Você deve deixar-me enfrentar fogo com fogo.

— Você, você apenas deve fazer o fogo. Estas são minhas regras.

Madoc respondeu com calma:

— Você sempre foi de fazer suas próprias regras, Irmão Gwydyr.

— Eu sou o rei, está ouvindo? Eu sou o rei! — A voz de Gwydyr cresceu em histeria.

Madoc, movimentando-se como se em sonho, deixou as palavras do irmão de lado e focou o fogo azul de seus olhos na grande pira de flores. O aroma das florescências esmagadas subiu como fumaça. Madoc enfiou seus braços até os ombros nas guirlandas e jogou-as de lado para ver a oval mais uma vez. Uma fina película de água havia erguido-se da areia.

— Chega dos pesadelos de Gwydyr — ordenou, olhando fixamente para a água, que cintilava do sol. A água ondulou e tremeluziu e fixou-se mais uma vez em uma mãe segurando um bebê, mas um bebê diferente, os olhos distantes, com o luzir do sol cintilando pelo azul, um bebê sorridente, alegre.

— Você fará o bem pelo seu povo, El Zarco dos Olhinhos Azuis — sussurrou a mãe. — Seus olhos são uma profecia, um sinal de paz. A oração foi atendida em você, azul de nascimento, azul de contentamento.

Então a oval se rompeu em tremeluz e tudo que se refletiu foi o céu nublado. Madoc então olhou para o céu e gritou alto:

— *Eu, Madoc, nesta hora sinistra
Disponho o Céu em toda sua força
E o sol em sua alvura,
E a neve em sua brancura,
E o fogo em sua potência feroz*

O sol eclodiu detrás das nuvens e atacou as guirlandas. O cheiro das rosas misturou-se ao fino filete de fumaça que se ergueu das pétalas esmagadas. Quando a fumaça foi acompanhada de uma pequena labareda de chamas, Madoc saltou na direção do irmão.

— Ali está meu fogo, Gwydyr. — Ele arrancou a lança do irmão e jogou com

toda a força no lago. — Agora lutaremos em combate justo. — E ele abraçou Gwydyr contra si como se fossem apaixonados.

Por horas atemporais, os dois irmãos lutaram próximos ao lago, os dois ofegantes do esforço, sem que um parecesse mais cansado que o outro. Os corpos oscilaram para lá e para cá em estranha dança, enquanto o Povo do Vento e aqueles do Outro Lado do Lago assistiam em silêncio.

O sol finalizou a jornada no céu e caiu na floresta para o descanso da noite. Os irmãos seguiam agarrados em contenção angustiada e sua respiração era mais alta que o vento nas árvores.

O vento consumiu levemente as guirlandas. Quando não sobrava nada além de um punhado de cinzas, Madoc forçou Gwydyr ao lago, e segurou-o para baixo até as bolhas lhe dizerem que o irmão gritava por misericórdia. Então ele ergueu-o do lago e a água cuspidada da boca de Gwydyr era tão escura quanto o sangue. Ele pendia, sem força, dos braços de Madoc.

Madoc fez um sinal para o Povo do Outro Lado do Lago.

— Tragam seus barcos e levem seu rei de volta a sua terra. — Sua voz trazia desdém e trazia dor e seus olhos azuis eram suavizados por lágrimas.

Os três barcos voltaram à água. As lanças-remos voltaram às bainhas. Madoc soltou Gwydyr como um saco de grãos na piroga central.

— Vão. Que nunca mais ouçamos o som de tambores de guerra. — Ele levou a mão à piroga para pegar a argola dourada da cabeça de Gwydyr e jogá-la longe no lago.

Então deu as costas ao irmão e veio salpicando água até a margem.

Zyll o aguardava.

Madoc olhou para ela e cantou:

*— Senhores da água, da terra e do fogo
Senhores da chuva, da neve, da água,
Já tenho minha a filha do Ancião
A nada mais aspiro, nada peço à lua,
Já tenho o que quer meu coração.*

E a ele Zyll cantou:

*— Agora temos lágrimas de contentamento
Cantamos não morte, mas nascimento.*

Madoc a abraçou forte.

— Amanhã eu lamentarei meu irmão, pois esta morte é pior que outra. Mas

hoje à noite vamos celebrar.

As crianças ergueram as vozes e começaram a cantar, e então todo o Povo do Vento estava cantando, e Reschal cochichou a Madoc:

— Aquilo que seu irmão queria que acreditássemos, no cristal, faz parte do pesadelo. Talvez nossos sonhos sejam mais fortes.

— Sim, Ancião — disse Madoc, embora pensasse nas coisas que vira caindo do céu, nas estranhas nuvens em cogumelo e no fogo. Estremeceu. Olhou para a água que havia corrido para a oval. Tudo o que viu foi o sorriso da lua.

• • •

A lua deslizou para trás das árvores para juntar-se, brevemente, a seu irmão, o sol. As estrelas dançavam seu complexo ritual pelo céu. O Povo do Outro Lado do Lago olhou para Gwydyr e sua coroa de ouro se fora, assim como seu poder.

• • •

Os braços de Madoc circundaram Zyll e ele gritou enquanto dormia, e lágrimas escorreram de suas pálpebras fechadas e molharam seus cílios. Enquanto ele ainda dormia, Zyll o abraçou e fez suas lágrimas partirem com beijos.

• • •

— Venha — disse Gaudior.

Charles Wallace estava ao lado do unicórnio, piscando os olhos.

— Terá sido um sonho? — Ele olhou para o lago negro que batia na costa, na rocha inclinada; estava vazia.

Gaudior soprou bolhas de prata que ricocheteava da sua barba.

— Você havia Adentrado Madoc, desta vez um Adentrar profundo.

— Madoc, filho de Owain, rei de Gwynedd. O Madoc do livro. E não há uma teoria recorrente de que navegadores galeses chegaram aqui antes de Leif Ericson?... Tinha uma coisa com índios de olhos azuis ou cinzentos...

— Você tem como saber — repreendeu-o Gaudior. — Você Adentrou Madoc.

— Nem tudo pode ter sido real.

— A realidade era diferente naqueles tempos — disse Gaudior. — Era real para Madoc.

— Até o fogo entre as guirlandas?

— Rosas muitas vezes queimam. A chama delas é a mais purificadora que há.

— E o cristal... o que Madoc viu na água... aquilo era uma espécie de Projeção?

A luz no chifre de Gaudior piscou.

— Gwydyr estava do lado do mal, por isso estava aberto às Projeções dos Ectroi.

— Então o bebê temível era uma Projeção que os Ectroi queriam que acontecesse?

— Nunca tenho certeza total quanto a Projeções — admitiu Gaudior.

— E havia o outro bebê... — Charles Wallace fechou os olhos para tentar visualizar o cristal. — O bebê de olhos azuis, a resposta à oração, que ia trazer a paz. Então ele é igualmente possível, não é?

— É tudo muito confuso — Gaudior sacudiu a crina —, pois eu e você trilhamos dimensões distintas.

Charles Wallace passou os dedos na testa tal como havia feito no quarto de Meg.

— Tudo está no mesmo livro, em algum lugar. Por que eu sou bloqueado neste livro? — O unicórnio não respondeu. — Um livro contra a guerra, um livro sobre a lenda de Madoc e Gwydyr, que veio de Gales até esta terra... e o que mais? Eu não entendo...

— Deixe estar — recomendou Gaudior.

Charles Wallace encostou-se no unicórnio, pressionando a testa contra a pele prateada, pensando em voz alta:

— Tudo que sabemos é que um príncipe galês chamado Madoc veio de fato ao Novo Mundo com o irmão Gwydyr e que Madoc casou-se com Zyll do Povo do Vento. Se, sem saber, enquanto eu estava Adentro Madoc, eu lhe dei a runa, eu alterei um Pode-Ter-Sido?

O unicórnio respondeu sem ajudar muito:

— Tudo é complexo.

— Ou... Madoc já tinha a runa? Mas como, se ela veio da Irlanda e de São Patrício?

Gaudior ergueu a cabeça e recuou o prateado escuro dos lábios em uma careta feroz, exibindo seus dentes perigosos. Mas tudo que ele fez foi abrir a boca e beber o vento como se contivesse uma sede tremenda.

Charles Wallace olhou em volta e, ao olhar, a cena ondulou como as águas na oval cristalina da praia. O lago recuou até que ele estava olhando um vale

invernal, e a rocha não era mais uma mesa levemente caída, mas a rocha plana de observação estelar, com uma fina camada de neve.

Gaudior abaixou a cabeça e sorveu o vento dos lábios.

— Gwydyr não continuou com o Povo do Outro Lado do Lago.

— Não achei que ele ficaria, mas como sabe?

Gaudior ergueu sobrancelhas grossas.

— Acabei de conversar com o vento. Gwydyr deixou o lago em desgraça e mudou-se para o sul, foi parar na América do Sul.

Charles Wallace bateu a mão contra a testa.

— É isso! Está no livro também. Gwydyr foi para a Patagônia. E Vespúgia faz parte da Patagônia. E havia uma conexão que se perdeu e teve que ser encontrada, mas *qual*? Eu chego perto de lembrar, e aí é como se alguém batesse uma porta na minha memória.

Gaudior deu uma fungada.

— Ectroi, provavelmente. Eles vão tentar barrar qualquer coisa que seja pista do Pode-Ter-Sido que eles não querem que você descubra.

Charles Wallace concordou.

— Mad Dog Branzillo nasceu em Vespúgia. Mas, bem aqui onde estamos, Madoc veio e casou-se com Zyll e fez as rosas queimarem pela paz. O que aconteceu com o Povo do Vento? Onde estão agora?

— Eram amantes da paz — respondeu Gaudior, curto. — Seu planeta não trata os amantes da paz com carinho.

Charles Wallace sentou-se na rocha, a leve borda de neve crepitando sob ele. Colocou a cabeça nos joelhos.

— Acho que tenho que descobrir qual é o vínculo entre Gales e Vespúgia, entre Madoc, Gwydyr e Mad Dog Branzillo.

• • •

Meg remexeu-se e abriu os olhos. Sua mão estava sobre Ananda.

— Que sonhos, Fortinbrás — ela murmurou —, que sonhos estranhos. — Seus olhos sonolentos arrastaram-se até fixar o relógio e de repente ela estava bem acordada. — Ananda! Por um instante achei que você fosse o Fortin. E não foi sonho, foi? Era um desvelo, mas não claro e afinado, tal como era quando Charles Wallace estava Adentro Harcels. Ele estava mais a fundo em Madoc, por isso tive que me aprofundar mais para desvelar. E Charles quer que eu descubra uma coisa para ele... mas o quê? — Ela passou os dedos pelo cabelo, fechou bem

os olhos e concentrou-se, sua mão pressionada contra Ananda. — Alguma coisa a ver com um lago... rosas queimando... e dois irmãos brigando... sim... Mad Dog Branzillo e o País de Gales. É isso. Ele quer que eu encontre uma ligação entre Mad Dog Branzillo e o País de Gales. E isso não me parece muito possível, muito menos provável. — Ela ficou ouvindo os sons no silêncio da noite, os barulhos que eram tão familiares que faziam parte do silêncio. A casa antiga rangeu, aconchegante. O vento roçou delicadamente a janela. *Não deve ter ninguém dormindo, não hoje. Sandy é aficionado por história. Vou perguntar para ele.*

Ela saiu da cama, botou os pés nas pantufas peludas e desceu a escada. Havia uma luz brilhando sob a porta do quarto dos gêmeos, então ela bateu.

— O que está fazendo acordada, Mana? — perguntou Dennys. — Você tem que dormir.

— Você também, doutorzinho. Estou acordada pelo mesmo motivo.

— Eu costumo estudar até tarde — disse Dennys. — O que podemos fazer por você?

— O que você sabe de Vespúgia?

— Você parece ter quinze anos com o cabelo solto assim — disse Dennys.

— Sou uma velha casada. E Vespúgia?

— Eu acabei de ler na enciclopédia — respondeu Sandy. — Faz parte do que antes era a Patagônia. Mais ou menos entre Argentina e Chile.

— Branzillo nasceu lá?

— Sim.

— Quem colonizou a Vespúgia?

— Ah, aquela mistura de sempre. Espanhóis, uns ingleses e um grupo do País de Gales quando ainda fazia parte da Patagônia.

Madoc era do País de Gales. Ela perguntou com cuidado:

— País de Gales... quando foi isso?

— Existe a lenda de que galeses vieram à América do Norte antes até de Leif Ericson, e que um deles foi para o sul, à procura de um clima mais quente, e acabou se fixando em Vespúgia... ou onde hoje fica a Vespúgia. Mas é só uma lenda. Porém, é fato que em 1865 uma comitiva deixou o País de Gales em direção à Patagônia e se fixou nas terras ermas e vastas próximas ao Rio Chubut.

— Então talvez Mad Dog Branzillo tenha sangue galês?

— É perfeitamente possível, mas Branzillo não parece nome galês.

— Em que ano vocês disseram que o grupo deixou o País de Gales?

— 1865.

— E são as únicas vezes em que Gales é mencionado junto a Vespúgia.

— Nesta enciclopédia, sim.

Ela parou para pensar.

— Tudo bem. O que aconteceu em 1865 que eu devia saber?

— Meg, se quer que o Sandy dê uma aula de história, sente-se — disse Dennys. — Isso tem a ver com a gravidez, tipo desejo de comer morango?

— Amoras. E acho que não tem a ver com a gravidez.

— Deixe eu pegar a *Linha Cronológica da História*. — Sandy esticou a mão até a estante e puxou um livro grande e surrado, depois começou a folhear. — Arrá. 1865. Batalha de Appomattox em 9 de abril, Lincoln assassinado no dia catorze. A Guerra da Secessão terminou em 26 de maio.

— Que ano.

— Arrã. Na Inglaterra, Lorde Palmerston faleceu e foi sucedido como Primeiro-Ministro pelo Lorde John Russell.

— Não sei muita coisa dele.

— E aí, voltando aos Estados de-novo-Unidos, a Décima Terceira Emenda aboliu a escravidão.

— Será que tinha escravidão em Vespúgia?

— Não sei direito. Bolívar morreu em 1830 e sua influência teria chegado até Vespúgia. Então duvido que lá teria escravos.

— Ora, que bom.

— Ok. Foi em 1865 também que terminaram o cabo transatlântico. Ah, uma coisa pra você, Den: Lister provocou um escândalo ao insistir em cirurgias antissépticas e usar ácido carbólico em fraturas expostas.

Dennys aplaudiu.

— Você é uma enciclopédia quase do nível de Charles Wallace.

— Charles tem tudo na cabeça, enquanto eu tenho que procurar em livro. Minha esfera de conhecimento é consideravelmente mais limitada. Foi naquele ano que Mendel surgiu com a lei da hereditariedade — ele espiou no livro de novo —, que a Ku Klux Klan foi fundada, que Edward Whymper escalou o Matterhorn. E que Lewis Carroll escreveu *Alice no País das Maravilhas*.

— De fato, 1865 foi um grande ano — disse Dennys. — O que você aprendeu, Meg?

— Acho que muita coisa. Obrigada aos dois.

— Volte para a cama — repreendeu Dennys. — Você não vai querer pegar frio vagando por este celeiro velho e ventoso no meio da noite.

— Estou bem aquecida. — Ela apontou para o roupão grosso e as pantufas. — E estou me cuidando. Mas obrigada.

— Se prepararmos chocolate quente, você toma conosco?

— Não posso tomar chocolate quente.

— Um consomê? Um *bouillon*?

— Não, obrigada, é sério, eu não quero nada. Vou voltar para a cama.

Sandy a chamou:

— Além disso, em 1865 Rudyard Kipling nasceu, Verlaine escreveu *Poèmes saturniens*, John Stuart Mill escreveu *Comte e o Positivismo*, e foram fundadas as universidades de Purdue, Cornell e do Maine.

Ela acenou de volta a ele, aí fez uma pausa para ele prosseguir:

— E publicou-se o primeiro livro de Matthew Maddox, *Unidos Mais Uma Vez*.

Ela virou-se, perguntando com a voz bem medida:

— Maddox? Acho que nunca ouvi falar desse autor.

— Você ficou só na matemática no colégio.

— Arrã, o Calvin sempre me ajudou nos trabalhos de inglês. Este Matthew Maddox escreveu algo mais?

Sandy folheou o livro.

— Deixe eu ver. Nada em 1866, 1867. 1868, aqui: *A Corneta da Alegria*.

— Ah, esse — disse Dennys. — Agora lembrei. Tive que fazer uma aula de literatura no segundo ano da faculdade e fiz literatura norte-americana do século 19. Lemos esse, o segundo e último livro de Matthew Maddox, *A Corneta da Alegria*. Minha profe disse que, se ele não tivesse morrido, estaria no mesmo nível que Hawthorne e James. Era um livro estranho, vigorosamente antiguerra, que eu lembre, e voltava lá no passado, e tinha uma teoria estranha de que o futuro influenciava o passado... longe de ser meu livro preferido.

— Mas você ficou com ele na memória — comentou Meg.

— Sim, fiquei, não sei por quê. Tinha um príncipe galês e os irmãos brigavam pelo trono. E ele deixava o País de Gales com um dos irmãos, naufragava e ia parar na costa da Nova Inglaterra. Tinha mais, mas não consigo lembrar agora.

— Obrigada — disse Meg. — Muito obrigada.

• • •

Ananda a recebeu com alegria na ponta da escada. Meg acariciou a orelha caída da cadela.

— Eu gostaria muito de tomar algo para me aquecer, mas não queria que Sandy e Dennys viessem no sótão e ficassem conversando quando preciso me concentrar para desvelar com Charles Wallace. — Ela voltou à cama. Ananda pulou atrás dela e se aquietou. Os ponteiros do relógio já tinham andado quinze minutos, o tempo que ela passara com Sandy e Dennys. E o fator tempo era

essencial. Mas ela sentiu que descer as escadas tinha valido a pena. Encontrara o autor e o título do livro para Charles Wallace. E encontrara um vínculo entre o País de Gales e Vespúgia em 1865. Mas o que significava este vínculo? Madoc era galês, mas ele não foi à Vespúgia, ele veio aqui e casou-se aqui.

Ela sacudiu a cabeça. Talvez Charles Wallace e Gaudior tirassem algo dali. E como que algo ali teria relação com a Sra. O'Keefe? Mistério.

O relâmpago em sua ira veloz

— Obrigado, Meg — sussurrou Charles Wallace. — Ah, Gaudior, que ajuda que ela nos deu. Ela e os gêmeos. — Ele curvou-se para descansar a bochecha contra o pescoço do unicórnio. — O livro era de Matthew Maddox. Acho que nunca li, mas lembro de Dennys falar dele. E a Sra. O’Keefe era Maddox, então *tem* que descender de Matthew.

— Descender... — Gaudior bufou. — Parece que ela está caindo.

— Se você ver a Sra. O’Keefe, é bem isso — admitiu Charles Wallace. — 1865. Podemos ir até lá?

— Até então — corrigiu o unicórnio. — Até Quando. Podemos tentar, se você acha importante. Torcemos por um vento favorável.

Charles Wallace pareceu alarmado.

— Quer dizer que podemos ser jogados para outra Projeção?

— É sempre um risco. Sabemos que os Ectroi estão atrás de nós para nos deter. Você tem que se segurar.

— Vou me segurar como se minha vida estivesse em risco. A última coisa que eu quero é ser jogado em outra Projeção.

Gaudior soltou um leve sopro entredentes.

— Acho que nossa última informação não auxilia muito.

— Mas pode ser importante. Um grupo de galeses indo para a América do Sul em 1865. Acho que devíamos tentar ir a Vespúgia.

— O caminho é longo, e unicórnios não viajam bem para diferentes Ondes. E tentar se movimentar *tanto* no espaço *quanto* no tempo... não gosto. — Ele sacudiu a cauda.

— Então quem sabe tentar deslocar-se a 1865, bem aqui, o ano em que Matthew Maddox publicou seu primeiro livro? Aí poderíamos tentar ir de 1865 aqui até 1865 em Vespúgia. E talvez pudéssemos aprender algo com Matthew Maddox.

— Pois bem. É menos perigoso ir a outro Quando primeiro do que tentar ir a outro Quando e outro Onde simultaneamente. — Ele começou a galopar e, ao

lançar-se em uma rajada de vento, as asas se ergueram e eles decolaram.

Assim que eles passaram por uma chuva de estrelas, o ataque foi totalmente inesperado. Uma rajada de vento gelado atingiu o vento no qual eles cavalgavam, tirando o fôlego de Charles Wallace. Suas juntas esbranquiçaram quando ele segurou a crina, que parecia ter virado fio de aço para ele agarrar-se. Ele teve uma sensação terrível, de que Gaudior lutava contra trevas que eram como um antiunicórnio, um agitar de asas negativas e cascos de ferro. A crina prateada foi arrancada de suas mãos no mesmo instante em que ele se viu acossado pelo fedor que acompanhava os Ectroi. Asas pretas derrubaram-no das costas do unicórnio e ele sentiu o frio cáustico do espaço sideral. Era mais horrível que qualquer Projeção. Seus pulmões racharam por falta de ar. Ele ia se tornar um corpo desgastado, um satélite a circundar o sol mais próximo por todo o sempre...

Um puxão potente e o ar correu a seus pulmões prejudicados. Charles Wallace sentiu um puxão na nuca e a jaqueta azul apertou-se na garganta. O fedor agonizante passou e ele se viu cercado pelo cheiro de hálito de unicórnio, o cheiro de estrelas e geada. Gaudior estava carregando-o na boca, grandes dentes de marfim firmando-se contra o tecido forte da jaqueta.

As asas iridescentes de Gaudior bateram contra o escuro. Charles Wallace segurou a respiração. Se Gaudior o soltasse, os Ectroi estavam à espera. Suas axilas tinham cortes por causa da jaqueta, mas ele sabia que precisava fazer força. O hálito de Gaudior soprou dolorosamente entre os dentes cerrados.

Então os cascos prata tocaram pedra. Estavam mais uma vez seguros, na rocha de observação estelar. Gaudior abriu os dentes e soltou o garoto. Nos primeiros instantes, Charles Wallace estava tão fraco que desabou na rocha. Então ele se esforçou para ficar de pé, ainda trêmulo do quase desastre. Esticou os braços para massagear as axilas e ombros doloridos. Gaudior respirava em lufadas grandes, ofegantes, seus flancos arfando.

A brisa suave em torno deles preencheu-se e curou os pulmões chamuscados.

Gaudior revirou os lábios e deu uma boa tragada de ar límpido. Então agachou-se e aninhou Charles Wallace no primeiro gesto de afeto que demonstrou.

— Eu não tinha certeza se conseguiríamos fugir. Os Ectroi estão fulos que o vento conseguiu mandá-lo Adentro Madoc, e estão tentando impedi-lo de Adentrar outros.

Charles Wallace acariciou o focinho do unicórnio.

— Você me salvou. Eu estaria desabando espaço sideral afora se você não tivesse segurado minha jaqueta.

— Foi uma chance em um milhão — admitiu Gaudior. — E o vento me

ajudou.

Charles Wallace esticou os braços para envolver o pescoço curvo de Gaudior.

— Mesmo com ajuda, não foi fácil. Obrigado.

Gaudior fez um dar de ombros de unicórnio; sua barbicha crespa vibrou.

— Unicórnios acham vergonhoso que lhes agradeçam. Favor cessar.

Era um dia quente de verão, com nuvens negras em massa no horizonte. O lago se fora, e o vale conhecido se estendia até os morros. A mata era uma floresta de olmos e carvalhos e cicutas imponentes. Ao longe se via o que parecia um amontoado de cabanas de madeira.

— Acho que isso aqui não é 1865 — disse a Gaudior.

— Disso você entende mais que eu. Não tive muitas oportunidades de conhecer a história da Terra. Nunca imaginei que teria esta função.

— Mas, Gaudior, temos que saber Quando estamos.

— Por quê?

Charles Wallace tentou domar sua impaciência, que estava bem mais afiada depois do terror do ataque.

— Se há um Pode-Ter-Sido que temos que descobrir, temos que saber Quando é, não?

A impaciência do próprio Gaudior manifestou-se com um saracoteio.

— Por quê? Não temos que saber de tudo. Temos um encargo e temos que ver aonde ele nos leva. Você quer tanto mandar em tudo que quase fomos pegos pelos Ectroi.

Charles Wallace não disse nada.

— Talvez — Gaudior aceitou a contragosto — a culpa não tenha sido inteiramente sua. Mas acho que não deveríamos tentar controlar os Quandos e Ondes, mas sim ir Onde formos enviados. E dados todos os contratempos com os Ectroi, ainda estamos no nosso próprio corpo, e era para você ter Adentrado.

— Ah. O que eu devia fazer?

Gaudior soprou com força pelas narinas dilatadas.

— Terei que questionar o vento. — E ele ergueu a cabeça e abriu as mandíbulas. Charles Wallace esperou ansiosamente até que o unicórnio abaixou a cabeça e ergueu uma asa, estendendo-a até o limite. — Chegue perto de mim — ele ordenou.

Charles Wallace passou para baixo da asa e encostou-se no flanco de Gaudior.

— O vento disse Quando estamos?

— Você faz perguntas demais — repreendeu-o Gaudior, e dobrou a asa até Charles Wallace sentir-se sufocado. Arquejando, ele tentou abrir caminho até o ar, mas a asa o segurava com firmeza, e enfim o esforço cessou.

Quando ele abriu os olhos, o dia havia sumido, e árvores e rocha eram

banhados pelo luar.

• • •

Ele havia Adentrado. Deitado na rocha, com os olhos voltados para o céu banhado pelo luar. Apenas as estrelas mais brilhantes conseguiam competir com a luz prateada. Ao seu redor, os sons do verão cantavam com doçura. Uma pomba lamentosa reclamava de seu morada no fundo das sombras mais escuras. Um velho sapo estrondeava seu alarido másculo. Um gorjeio puro de passarinho fez ele levantar-se e berrar uma saudação:

— Zylle!

Uma jovem saiu das sombras da floresta. Era alta e esguia, com exceção da barriga, que era tomada por um rebento.

— Obrigada por me encontrar, Brandon.

Charles Wallace-Adentro-Brandon Llawcae lhe deu um abraço veloz.

— Tudo que faço com você é divertido, Zylle.

Mais uma vez, tal como quando ele estava Adentro Harcells, ele era mais novo que seus quinze anos, talvez onze ou doze, ainda muito criança, uma criança ávida, inteligente, adorável.

Ela sorriu para ele ao luar.

— As ervas de que preciso para acalmar o parto de meu bebê só se encontram quando a lua está cheia, e apenas aqui. Ritchie teme que Goody Adams ficaria ofendida, caso ela soubesse.

Goody, apelido de Goodwife, ou Boa Esposa. Era o que os Peregrinos diziam no lugar de Senhora. Aquilo com certeza não era 1865. Mais de um século antes, talvez dois. Brandon Llawcae devia ser filho dos primeiros colonos...

— Deixe-se levar. — Gaudior ressoou em tom sinistro. — Deixe-se ser Brandon.

— Mas por que estamos aqui? — objetou Charles Wallace. — O que temos a aprender aqui?

— Pare de fazer perguntas.

— Mas eu não quero perder tempo — disse Charles Wallace, ansioso.

Gaudior soltou um relincho irritado.

— Você está aqui, e você está em Brandon. Deixe-se levar.

Deixe-se levar.

Seja Brandon.

Seja.

• • •

— Então — Zylle prosseguiu — é melhor que Ritchie também não saiba. Sempre posso confiar em você, Brandon. Não abra sua boca e escancare tudo, pois sabe que isso não faria bem algum.

Brandon abaixou a cabeça, tímido, mas rapidamente voltou os olhos para cima, olhando nos olhos de Zylle, de um azul assustador em seu rosto marrom.

— Aprendi com o Povo do Vento que não há mal em guardar segredo no coração.

Zylle suspirou.

— Não, não há mal. Mas me angustia que você e eu não possamos compartilhar nossos dons com aqueles que amamos.

— Minhas visões. — Brandon concordou. — Meus pais querem que eu me esforce para não ter visões.

— Entre meu povo — disse Zylle— você seria conhecido como Vidente e estaria em treinamento de oração e confiança para manter seu dom próximo dos deuses, de quem o dom advém. Meu pai esperava que Maddok tivesse o dom, pois é raro ter dois de olhos azuis na mesma geração. Mas o dom de meu irmãozinho é conhecer o clima, quando plantar e quando colher, e é um dom bom, um dom necessário.

— Sinto falta de Maddok. — Bran fez uma carranca para a rocha. — Ele não vem mais à colônia.

Zylle deixou sua mão delicadamente sobre o ombro.

— Agora que há mais famílias, a colônia mudou. Maddok não se sente mais bem-vindo.

— Eu o receberia!

— Ele sabe. E ele também sente saudade. Mas não é só porque a colônia está maior. Maddok está mais velho e tem mais tarefas em casa. Mas ele sempre será seu amigo.

— E eu sempre serei dele. Sempre.

— Suas visões... — Zylle olhou para ele atentamente. — Você consegue ficar sem vê-las?

— Nem sempre. Quando observo algo que faz reflexo, às vezes a visão surge, queira eu ou não. Mas tento pedir que não venham.

— Quando você tem suas visões, você pode me contar o que vê, tal como contava a Maddok.

— Ritchie tem medo das visões.

Ela apertou o ombro dele com delicadeza.

— A vida não tem sido nada fora trabalho duro para Ritchie, sem tempo para visões ou sonhos. Sua mãe me diz que no País de Gales há pessoas que são dotadas da segunda visão e que estas pessoas podem ser temidas por causa do dom, mas não são vistas com desprezo.

— Ritchie diz que eu seria desprezado. Aqui é diferente do País de Gales. Principalmente desde que o Pastor Mortmain veio, construiu a igreja e faz cara feia sempre que Maddok visita a colônia ou eu vou ao povoado indígena.

— O Pastor Mortmain quer separar o povo branco dos indígenas.

— Mas *por quê?* — Brandon quis saber. — Nós éramos amigos.

— E ainda somos — Zylle lhe assegurou. — Quando você teve uma visão pela última vez?

— Esta noite — disse ele. — Eu vi o reflexo de uma vela do lado da chaleira de cobre que a Mãe havia acabado de polir, e tive uma visão daqui, exatamente deste lugar, mas a rocha estava muito mais alta, e lá — ele apontou para o vale — era tudo um lago, com o sol cintilando na água.

Ela olhou para ele com assombro.

— Meu pai, Zillo, diz que o vale já foi leito de um lago.

— E eu vi Maddok... mas não era Maddok, pois estava mais velho e sua pele era clara, mas parecia-se muito com Maddok, de início achei que fosse.

— A lenda — murmurou ela. — Ah, Brandon, sinto que você e eu somos muito próximos. Talvez por termos que manter nossos dons ocultos, isso nos dá mais proximidade. — Enquanto eles conversavam, ela vinha colhendo uma pequena planta que crescia na grama. Ela estendeu as flores ao luar. — Sei onde encontrar as ervas curativas, ervas que impedem que bebês asfixiem até a morte no inverno, ou de morrer da doença do verão quando o clima está quente e abafado como agora. Mas sua mãe me avisou que não devo oferecer estes dons; que não seriam bem recebidos. Mas, para mim, e para o nascimento do meu bebê com Ritchie, não ficarei sem as ervas que me ajudarão a ter um bom parto e uma bela criança.

Ela começou a espalhar as flores delicadas pela rocha. Conforme o luar os tocou, tanto pétalas quanto folhas pareceram brilhar com prata interno. Zylle ergueu os olhos à lua e cantou:

— *Senhores do fogo, da terra, da água*
Senhores da lua, do vento, do céu,
Venham agora à filha do Ancião,
Venham de pais que se foram ao léu,
O azul de olho distante trarão.

*Senhores da água, da terra e do fogo
Senhores da neve, da chuva, do vento
Entreguem-me o que quer meu coração.
A vida, como tal, vem com sofrimento,
Mas o azul voltará com razão.*

Então ela se ajoelhou e inspirou a fragrância dos botões, depois pegou-os nas mãos e apertou-os contra a testa, contra os lábios, contra os seios, contra a rotundidade da sua barriga.

— Levamos as flores para casa? — perguntou Brandon.

— Não queria que Goody Adams as visse.

— Quando Ritchie e eu nascemos, não havia parteira na colônia.

— Goody Adams é ótima parteira. — Zylle lhe garantiu. — Estivesse ela aqui, sua mãe talvez não houvesse perdido os pequenos que perdeu entre você e Ritchie. Mas ela não aprovaria o que acabei de fazer. Deixaremos as flores do parto aqui para os passarinhos, a lua, o vento. Elas já me deram ajuda.

— Quando... ah, Zylle, você sabe quando o bebê vai chegar?

— Amanhã. — Ela levantou-se. — É hora de irmos para casa. Não quero que Ritchie acorde e descubra que não estou a seu lado.

Brandon tentou tocar nos dedos compridos e gelados de Zylle.

— O dia em que Ritchie casou com você foi o melhor do mundo.

Ela sorriu rápido, escondendo um princípio de preocupação nos olhos.

— O povo da colônia vê um indígena em seu meio com desconfiança. Ainda mais um indígena de olhos azuis.

— Se ouvissem nossa história que vem do País de Gales, e a sua história...

Ela apertou os dedos dele.

— Ritchie me adverte a não falar da lenda do homem branco que veio a nós nos tempos em que só havia índios no continente.

— Há muito tempo?

— Há muito, muito tempo. Ele veio do outro lado do mar, de uma terra na outra ponta do mundo, e era um homem de coragem, valoroso, que não tinha ânsia por poder nem por terras. Meu irmão menor ficou com o nome dele.

— É a canção? — perguntou Brandon.

— É antiga, muito antiga, a oração por um bebê de olhos azuis, para manter no Povo do Vento a força do príncipe do outro lado do mar, e as palavras podem ter se alterado com o passar dos anos. E eu mudei, pois fiz minha vida com o povo branco, tal como o Príncipe Dourado a fez com o Povo do Vento. Por amor, ele ficou com a princesa de uma terra estranha, e fez dos modos dela os dele. Por amor, deixo meu povo e fico com Ritchie, e meu amor tem que ser

profundo, profundo, para que eu seja capaz de deixar meu lar. Canto a oração porque está em meu sangue e tem que ser cantada; ainda assim me pergunto se meu filho poderá conhecer sua metade indígena?

— Filho?

— Será um menino.

— Como sabe?

— As árvores me contaram com o dobrar das folhas sob o luar. Eu gostaria de uma menina, mas Ritchie ficará contente com um filho.

O caminho pela grama levou-os a um córrego, que refletia a luz da lua e cintilava às sombras cambiantes das folhas. O córrego era transposto por uma ponte de pedra natural, e aqui Zylle fez uma pausa, olhando para a água.

Brandon também viu os reflexos variarem, tremeluzirem conforme o vento agitava as folhas. Enquanto olhava o reflexo de Zylle, a água remexendo sua boca em um sorriso tenro, ele também viu um bebê bem aconchegado em seus braços, um bebê de cabelos pretos e olhos azuis com ouro por trás dos olhos.

Então, enquanto ele fitava, os olhos da criança mudaram e ficaram emburrados, e o rosto não era mais a face de um bebê, mas a de um homem, e ele não via Zylle em lugar algum. O homem usava um uniforme de aparência estranha, com muitas medalhas, e sua papada era escura, salientando-se em orgulho. Ele estava perdido em pensamentos, pensamentos cruéis, vingativos, e então Brandon viu fogo, fogo ardente.

Seu corpo estremeceu forte e ele arfou e virou-se para ela, depois olhou com medo para o córrego. O fogo tinha desaparecido, e apenas os rostos dos dois estavam refletidos mais uma vez.

— O que você viu? — perguntou Zylle.

Brandon baixou o olhar, observando a pedra escura da ponte, e contou, tentando não deixar as visões ressurgirem em seu olho interno.

Ela balançou a cabeça, sóbria.

— Isso não significa nada. Nada de bom, com certeza.

Ainda olhando para baixo, Brandon disse:

— Antes de os outros fazerem eu ter medo das visões, elas nunca eram assustadoras, apenas belas.

Zylle apertou sua mão de modo tranquilizador.

— Gostaria de contar esta a meu pai, pois ele aprendeu a interpretar visões.

Brandon hesitou, mas disse:

— Tudo bem, se você quiser.

— Eu quero que ele me reconforte — disse ela, a voz baixa.

Eles deram as costas ao córrego e caminharam para casa em silêncio, até a clareira poeirenta com o amontoado de cabanas de madeira.

A cabana dos Llawcae era a primeira, uma edificação de bom tamanho com sala central para sentar e comer, e um quarto na cada ponta. O quarto de Brandon era uma edícula acoplada ao quarto dos pais que mal tinha espaço para uma cama pequena, um baú e uma cadeira. Mas era todo dele, e Ritchie prometera que, assim que o bebê nascesse, abriria uma bela janela na parede, como as pessoas faziam agora que a colônia estava firmada.

O cubículo de Brandon era escuro, mas ele estava acostumado à noite de seu quarto e entrou nele com segurança, como se houvesse acendido uma vela. Sem despir-se, deitou na cama. Ao longe, o trovão rosnou e com o trovão veio um eco, um ribombar baixo, rítmico, que Brandon identificou como tambores do Povo do Vento a fazer orações por chuva.

• • •

Pela manhã, quando acordou, ele ouviu movimentação no aposento central e encontrou sua mãe fervendo água na grande chaleira negra suspensa sob um gancho na lareira. Goody Adams, a parteira, estava agitada, transpirando importância.

— É primeiro parto — disse ela. — Precisaremos de muitas chaleiras de água para a indiazinha.

— Zylle é nossa filha. — a mãe de Brandon lembrou à parteira.

— Uma vez índia, sempre índia, Goody Llawcae. Sem esquecer que somos todos gratos que a presença dela entre nós nos permite viver em paz com os hereges selvagens.

— Eles não... — Brandon ia dizer, com veemência.

Mas sua mãe o interrompeu.

— Seus deveres lhe aguardam, Brandon.

Ele saiu dali mordendo o lábio.

A manhã estava límpida, com uma leve névoa correndo pelo chão e apagando o contorno dos morros. Quando o sol estivesse alto, ela passaria. Os colonos eram gratos pela névoa e pelos orvalhos fortes, que eram tudo que impedia as lavouras de secar e murchar por completo, dado que não havia chuva há mais de uma lua.

Brandon foi para o pequeno celeiro atrás da cabana para deixar a vaca sair. Ela ia passar o dia pastando com o resto do gado, e ao anoitecer Brandon sairia com seu pônei para trazê-la até em casa para a ordenha. Ele deixou um pouco de aveia para o pônei, depois alimentou o cavalo. Ouviu um martelo ao longe.

Goodman Llawcae e seu filho Ritchie eram os melhores carpinteiros num raio de quilômetros e sempre tinham muitas encomendas.

Ainda bem que Ritchie não ouviu Goody Adams chamar o povo de Zylle de hereges selvagens, pensou ele. Ainda bem que ele havia entrado com Zylle. Brandon então começou a voltar para a casa. Estava incomodado com a visão que tivera no córrego na noite anterior. Tinha medo do homem escuro com pensamentos cruéis e tinha medo do fogo. Desde que ele começara a tentar suprimir as visões, elas foram ficando cada vez mais assustadoras.

Quando ele chegou à cabana e entrou pela porta, que estava encostada para deixar todo ar fresco possível entrar, sua mãe saiu do quarto e conversou com Ritchie, que estava caminhando para lá e para cá em frente à lareira.

— Seu pai precisa de você, Ritchie. Zylle agora está descansando, entre as dores. Eu lhe chamarei imediatamente caso ela precise de você.

Goody Adams resmungou:

— A índia não chora. É mau presságio.

Ritchie levantou a cabeça.

— É dos índios, Goody. Zylle não vai derramar uma lágrima na sua frente.

— Hereges... — Goody Adams começou a dizer, mas Goody Llawcae a cortou.

— Ritchie. Brandon. Vão no seu pai.

Ritchie abriu bem a porta, sem se permitir um olhar à parteira. Brandon o seguiu, chamando-o:

— Ritchie...

Ritchie fez uma pausa, mas não se virou.

— Eu odeio Goody Adams! — explodiu Brandon.

Agora Ritchie olhava para seu irmão mais novo.

— Ódio nunca nos fez bem. Todo mundo na colônia sente o fustigar da língua de Goody Adams. Mas as mãos dela trazem bebês vivos, e não há febre do parto desde que ela chegou aqui.

— Eu gostava mais quando era pequeno e só havíamos nós, os Llawcae e os Higgins, e Davey e eu brincávamos com Maddok.

— Antes era mais simples — Ritchie concordou —, mas mudanças fazem parte do mundo.

— Mudar sempre é bom?

Ritchie fez que não.

— Havia mais alegria quando éramos só duas famílias, e nenhum Pastor Mortmain para pôr a mão da morte em nossas canções e histórias. Não consigo encontrar maneira de crer que Deus vai gostar de cara azeda e carrancas com o júbilo dos outros. Tome jeito, Bran. Tenho trabalho por fazer e você também.

Quando Brandon terminou seus deveres e voltou correndo à cabana, caminhando em silêncio, um pé diretamente em frente ao outro, como Maddok havia lhe ensinado, Ritchie também havia voltado e estava parado na porta. O sol estava alto no céu e batia feroz nas cabanas e no povoado poeirento. A grama estava ficando marrom, e as folhas verdes haviam perdido o lustre.

Ritchie fez não com a cabeça.

— Ainda não. Está um calor feroz. Veja estas nuvens escuras.

— Estão aí o dia inteiro. — Brandon olhou para as nuvens pesadas que se armavam no horizonte. — E nem um pinga de chuva.

Um gemido baixo, quase inaudível, veio da cabana, e Ritchie correu para dentro. Do quarto veio um grito agudo, e a pele de Brandon formigou de arrepio, apesar do calor.

— Oh, Deus, Deus, que Zylle esteja bem. — Ele focou uma pequena nuvem no azul seco, e lá teve uma visão de Zylle e o bebê de cabelos negros e olhos azuis. Enquanto observava, tanto mãe quanto criança se alteraram: a mãe ainda tinha cabelos pretos, mas pele creme, e o bebê ganhou pele bronzeada e olhos azuis, e a alegria no rosto da mãe era tal como na visão de Zylle. Mas a mãe de pele clara não estava na paisagem conhecida, mas sim em região erma, quente, e suas roupas não eram como o tecido caseiro ou o couro a que ele estava acostumado, mas diferentes, mais finas que as roupas que ele vira antes.

O bebê começou a chorar, mas o choro vinha não do bebê na visão e sim da cabana, um grito de verdade, o grito saudável de uma criança.

Goody Llawcae veio até a porta, o rosto iluminado.

— Você ganhou um sobrinho, Brandon. Garotinho lindo. Zylle está radiante como o sol. Embora o choro possa noite durar, pela manhã o cântico de júbilo vem.

— Já é de tarde.

— Não seja tão literal, rapaz. Corra para avisar seu pai. Vá!

— Mas quando poderei ver Zylle e o bebê?

— Depois que seu avô tiver o privilégio. Corra!

• • •

Quando Goody Adams finalmente foi embora, os Llawcae reuniram-se em torno da mãe e da criança. Zylle estava deitada na grande cama entalhada que Richard Llawcae havia preparado para ela e Ritchie como presente de aniversário. A luz da porta para a cozinha-sala de estar caía sobre ela enquanto segurava a criança

recém-nascida. Seus olhos eram estreitos e ele abanava os punhozinhos em gestos de quem procura algo, e sua boquinha abria e fechava como se bebericasse o estranho e novo elemento chamado ar.

— Oh, prove e veja — murmurou Zylle, e levou seus lábios delicadamente à penugem negra na cabeça do bebê. Sua pele de cobre ainda estava molhada do esforço do parto e da umidade do dia. Ao longe, o trovão rosnou.

— Os olhos dele? — sussurrou Brandon.

— Azuis. Goody Adams diz que a cor dos olhos costuma mudar, mas a de Bran não mudará. O bebê não podia pedir tio melhor. Podemos lhe dar seu nome?

Brandon fez que sim, corando de alegria, e estendeu um dedo para tocar na bochecha do sobrinho.

Richard Llawcae abriu a grande e remexida Bíblia para ler em voz alta:

— “Amo o Senhor, pois ele ouve minha voz e minha súplica. Os laços da morte me cercaram e as angústias do inferno se apoderaram de mim; sofri tribulação e tristeza. Então invoquei o nome do Senhor. Generoso é o Senhor, e justo. Fui abatido, mas ele me livrou. Volta, minha alma, ao teu repouso, pois o Senhor te fez bem.”

— Amém — disse Zylle.

Richard Llawcae fechou o Livro.

— Você é minha filha amada, Zylle. Quando Ritchie a escolheu como prometida, de início eu e a mãe dele não tivemos certeza, assim como seu próprio povo. Mas a seu pai, Zillo, pareceu, assim como a mim, que duas lendas estavam encontrando-se nesta união. E o tempo nos ensinou que era uma inevitabilidade abençoada.

— Obrigado, Pai. — Ela tentou tocar na mão curtida do sogro. — Goody Adams não gostou que eu não derramei lágrimas.

Goody Llawcae passou a mão delicadamente pelo cabelo negro e brilhoso de Zylle.

— Ela sabe que são os modos do seu povo.

Selvagens, hereges selvagens, pensou Brandon. *É isso que Goody Adams pensa do povo de Zylle.*

• • •

Quando Bran foi cuidar de seus afazeres noturnos, uma sombra materializou-se de trás do enorme tronco de um pinheiro. Maddok.

Brandon o recebeu com alegria.

— Estou feliz, feliz em vê-lo! O Pai ia me mandar para o complexo indígena depois dos afazeres, mas agora posso lhe dizer: o bebê chegou! É um menino e está tudo bem.

A sombra de um sorriso passou pelo rosto de Maddok, no qual os olhos azuis eram tão espantosos quanto em Zylle.

— Meu pai ficará feliz. Sua família nos deixará vir hoje à noite, ver o bebê?

— É claro.

Os olhos de Maddok anuviaram.

— Não “é claro”. Não mais.

— Com os Llawcae é. Maddok... como você sabia que podia vir agora?

— Vi Zylle ontem. Ela me disse que seria hoje.

— Não vi você.

— Você não estava sozinho. Davey Higgins estava com você.

— Mas você, Davey e eu sempre brincamos juntos. Éramos nós três.

— Não mais. Davey foi proibido de deixar a colônia e vir ao povoado. Os deuses do seu curandeiro não respeitam os nossos.

Brandon bufou com um suspiro que era quase um gemido.

— O Pastor Mortmain. Não são os nossos deuses que não respeitam os seus. É o Pastor Mortmain.

Maddok assentiu.

— E o filho dele está cortejando a irmã de Davey.

Brandon deu uma risadinha.

— Eu gostaria de ver o rosto do Pastor Mortmain quando ele ouvisse chamarem-no de curandeiro.

— Ele é não é bom curandeiro — disse Maddok. — Ele vai causar problemas.

— Já causou. É por culpa dele que Davey não pode vê-lo.

Maddok olhou severamente nos olhos de Brandon.

— Meu pai também me enviou para alertá-lo.

— Alertar? Do quê?

— Mandamos mensageiros. Há muito falatório sobre bruxaria na cidade.

Bruxaria. Aquela palavra era feia.

— Mas não aqui — disse Brandon.

— Ainda não. Mas há falatório entre seu povo.

— Que tipo de falatório? — perguntou Brandon, ríspido.

— Minha irmã não derramou uma lágrima durante o parto.

— Eles sabem que é o modo dos índios.

— Também é sinal de uma bruxa. Dizem que um gato passou gritando pela rua na hora do parto e Zylle colocou sua dor no gato.

— Isto é absurdo. — Mas os olhos de Brandon estavam inquietos.

— Meu pai diz que há espíritos malignos lá fora, que enrijecem os corações dos homens. Ele diz que há concupiscência em ver o mal na inocência. Brandon, meu amigo e irmão, cuide de Zylle e do bebê.

— Zylle e eu colhemos ervas para o parto — disse Brandon, em voz baixa.

— Zylle aprendeu todas os modos do bom parto e tem dons de cura. Mas isto também seria visto como magia. Magia negra.

— Mas não é magia...

— Não. É entender as propriedades curativas de certas plantas e raízes. As pessoas têm medo do conhecimento que não seja o seu. Meu pai está preocupado com Zylle e com você.

Brandon protestou:

— Mas nós somos conhecidos como gente que ama a Deus. Eles não iam pensar que...

— Por vocês serem assim conhecidos, eles vão pensar — disse Maddok. — Meu pai diz que você deveria sair mais com os outros filhos da colônia, onde você pode ver e ouvir. É melhor estar preparado. Eu também ficarei de ouvidos abertos. — Sem dar adeus, ele sumiu floresta adentro.

• • •

Mais tarde, à noite, quando a maior parte da colônia estava dormindo, o povo de Zylle veio da floresta, em silêncio, em fila indiana, chegando à cabana pelos fundos tal como Maddok havia feito à tarde.

Eles agruparam-se em torno de Zylle e seu bebê. Goody Llawcae lhes serviu seu chá gelado de ervas especial, assim como pão recém-saído do forno, fragrante de queijo dourado e manteiga adocicada.

Zillo pegou seu neto nos braços e uma sombra de amabilidade cruzou seu rosto impassível.

— Brandon, filho de Zylle do Povo do Vento e filho de Ritchie de Llawcae, filho de um príncipe das terras distantes de Gales; Brandon, portador do azul — murmurou sobre o bebê adormecido, balançando-o delicadamente nos braços.

De canto do olho, Brandon viu uma das índias ir até sua mãe, conversando com ela delicadamente. Sua mãe levou a mão à cabeça, num gesto de preocupação.

E antes de os índios irem embora, ele viu Zillo levar seu pai a um canto.

Apesar da alegria com seu homônimo, havia peso em seu coração quando ele

foi para a cama. Foi isto, tanto quanto o calor, que o impediu de dormir. Ele conseguia ouvir os pais conversando com Ritchie na sala ao lado, e trocou de posição para poder escutar melhor.

Goody Llawcae dizia:

— As pessoas não gostam que as outras sejam diferentes. Já é difícil para Zylle, sendo índia, sem ser parte de uma família marcada também como diferente.

— Diferente? — perguntou Ritchie, ríspido. — Nós fomos os primeiros colonos.

— Nós viemos do País de Gales. E eles temem o dom de Brandon.

— Algum dos índios a alertou? — Richard perguntou à esposa.

— Uma delas. Eu esperava que esta epidemia da caça às bruxas não fosse chegar ao nosso povoado.

— Vamos nos esforçar para que não comece conosco — disse Goodman Llawcae. — Pelo menos os Higgins ficarão do nosso lado.

— Ficarão? — perguntou Ritchie. — Goodman Higgins parece bem afeiçoado ao Pastor Mortmain. E Davey Higgins não vem cuidar dos afazeres com Brandon há muito tempo.

— Zillo também me alertou quanto a Brandon — disse Richard.

— Brandon... — Goody Llawcae puxou a respiração.

— Ele teve uma visão ontem à noite.

Ao ouvir aquilo, Brandon correu para o quarto maior.

— Zylle lhe contou!

— Não contou, Brandon — disse seu pai —, e abelhudos raramente escutam coisas de bem. Você autorizou Zylle a conversar com o pai dela, e foi ele que me disse. Tem vergonha de nos contar?

— Vergonha? Não, Pai, vergonha não. Eu tento não ter visões, pois você não quer que eu veja, e sei que perturba você quando elas me ocorrem mesmo assim. Por isso que eu não lhe conto. Achei que você preferia que eu não contasse.

O pai baixou a cabeça.

— É compreensível que você se sinta assim. Talvez tenhamos errado ao lhe pedir para não ter visões, se são o dom que Deus lhe deu.

Brandon pareceu surpreso.

— Quem mais as mandaria?

— No País de Gales, acredita-se que estes dons vêm de Deus. Lá não há tanto medo dos demônios como há aqui.

— Zylle e Maddok dizem que minhas visões vêm dos deuses.

— E Zillo me alertou — disse seu pai — que você não deve falar de suas visões em frente a pessoa nenhuma, principalmente do Pastor Mortmain.

— E o Davey?

— Pessoa nenhuma.

— Mas Davey sabia das minhas visões. Quando éramos pequenos, eu as descrevia a Davey e Maddok.

Os pais se olharam.

— Isso foi há muito tempo. Vamos torcer que Davey tenha esquecido.

Ritchie bateu o punho contra a madeira dura do estrado da cama. Richard ergueu uma mão de aviso.

— Silêncio. Você vai despertar sua esposa e seu filho. Assim que o calor cessar, os humores de todos estarão mais tranquilos. Brandon, volte para a cama.

De volta a seu quarto, Brandon se remexeu nervoso no colchão de palha. Mesmo depois do resto da casa ficar em silêncio, ele não conseguia dormir. Ao longe, ouviu tambores. Mas a chuva não veio.

• • •

Na noite seguinte, quando trazia a vaca para casa depois do dia de pasto, Davey Higgins veio falar com ele.

— Bran, o Pastor Mortmain disse que não posso falar com você.

— Está falando.

— Nós nos conhecemos desde sempre. Vou falar o quanto eu puder. Mas as pessoas vêm dizendo que Zylle está impedindo a chuva. A lavoura vai morrer. Não queremos ofender os índios, mas o Pastor Mortmain diz que os olhos azuis de Zylle provam que ela não é uma índia de verdade, que os índios tinham medo dela e quiseram que ela viesse para nosso meio.

— Você sabe que isso não é verdade! — disse Brandon, enfezado. — Os índios têm orgulho dos olhos azuis.

— Eu sei — disse Davey — e você sabe. Mas nós ainda somos crianças, e as pessoas não ouvem crianças. O Pastor Mortmain nos proibiu de ir ao povoado indígena, e Maddok não é mais bem-vindo por aqui. Meu pai acredita em tudo que o Pastor Mortmain diz e minha irmã está sendo cortejada pelo filho dele, aquele Duthbert cara de panaca. Bran, o que suas visões lhe dizem disso tudo? — Davey deu um olhar de soslaio a Brandon.

Brandon o fitou.

— Já tenho doze anos, Davey. Não sou mais criança com visões de criança. — Ele deixou Davey para trás e levou a vaca ao galpão, sentindo que negar-lhe as visões fora um ato de traição.

• • •

Maddok deu a volta pelo canto do galpão.

— Meu pai me enviou a você, caso haja perigo. Tenho que segui-lo, mas sem ser visto. Mas você sabe os modos dos índios e você me verá. Então queria que soubesse, para que não tenha medo.

— Estou com medo — disse Brandon, sem mudar de tom.

— Ao menos se chovesse... — disse Maddok.

— Você entende do clima. Vai chover?

Maddok fez que não.

— A atmosfera cheira a trovão, mas não haverá chuva nesta lua. Há relâmpagos no ar, e ele faz as mentes das pessoas girarem. Como está Zylle? E o bebê?

Desta vez Brandon sorriu.

— Lindo.

• • •

Nas orações de família daquela noite, os rostos dos Llawcae estavam sóbrios. Richard pediu sabedoria, pediu prudência, pediu chuva. Pediu lealdade nas amizades, e pediu coragem. E chuva, mais uma vez.

O trovão continuou a rugir. A noite pesada estava rabugenta com relâmpagos. E nenhuma gota caiu.

• • •

As crianças não conversavam com Brandon. Até Davey lhe virava a cara, acanhado. O Sr. Mortmain, confrontando Brandon, disse:

— Há maldade sob seu teto. É bom que você dê jeito de tirá-la de lá.

Quando Brandon relatou o que ouvira, Ritchie teve uma explosão.

— Maldade é o que há no coração do Sr. Mortmain!

A maldade estava tão difundida quanto o calor insolente.

À noite, o Pastor Mortmain veio à cabana dos Llawcae, trazendo seu filho, Duthbert, e Goodman Higgins.

— Gostaríamos de falar com a índia.

— Minha esposa... — Ritchie começou a dizer, mas seu pai o silenciou.

— Está tarde para visitas, Pastor Mortmain — disse Richard. — Minha nora e o bebê já foram deitar-se.

— Então terão que ser acordados. Nossa intenção é descobrir se a índia é cristã ou...

Zylle entrou na sala, carregando a criança.

— Ou o quê, Pastor Mortmain?

Duthbert olhou para ela, e seus olhos eram de cobiça.

Goodman Higgins a questionou delicadamente:

— Cremos que seja cristã, Zylle. É verdade, não é?

— Sim, Goodman Higgins. Quando casei com Ritchie, aceitei as crenças dele.

— Mesmo que fossem contrárias às crenças do seu povo? — perguntou o Pastor Mortmain.

— Mas não são contrárias.

— Os índios são pagãos — disse Duthbert.

Zylle olhou para o jovem descorado por cima da cabeça do bebê.

— Não sei o que quer dizer pagão. Sei apenas que Jesus de Nazaré canta a canção da verdade. Ele conhece as antigas harmonias.

Pastor Mortmain inspirou o ar em terror.

— Você diz que nosso Senhor e Salvador canta! O que mais teremos que ouvir?

— Mas por que não cantaria? — perguntou Zylle. — As estrelas em si cantam ao girar na dança celestial, cantam louvor Àquele que as criou. Na casa de encontro, não cantamos hinos?

Pastor Mortmain fechou a cara a Zylle, aos Llawcae, a seu filho que não conseguia tirar os olhos da graça de Zylle e a Goodman Higgins.

— É diferente. Você é uma herege e não entende.

Zylle ergueu a cabeça com orgulho.

— As escrituras dizem que Deus ama todo homem. Está nos Salmos. Ele ama meu povo tal como ama você, se não, não é Deus.

Higgins a advertiu:

— Não deve blasfemar, criança.

— Por que — Pastor Mortmain quis saber — você está impedindo a chuva?

— Por que eu desejaria impedir a chuva? Nosso milho sofre tal como o seu. Oramos pela chuva, duas vezes por dia, nas orações da manhã e da noite.

— O gato — disse Duthbert. — E o gato?

— O gato serve para manter roedores longe da casa e do celeiro, tal como todos os gatos da colônia.

— Goody Adams nos contou — disse Pastor Mortmain — que o gato a ajuda

a voar pelos ares.

A boca de Duthbert caiu um pouco, e Ritchie gritou de ofendido. Mas Zylle o silenciou com um gesto, perguntando:

— Seu gato ajuda-o a voar céu afora, Pastor Mortmain? Tampouco o meu. O dom de voar pelos ares só se dá aos mais sagrados, e eu não passo de uma mulher como outras.

— Pare, criança — ordenou Goodman Higgins —, antes que se condene.

— Você é uma índia de verdade? — Pastor Mortmain quis saber.

Ela fez que sim.

— Sou do Povo do Vento.

— Índios não têm olhos azuis.

— Você ouviu nossa lenda.

— Lenda?

— Sim. Mas que cremos ser verdade. Meu pai também tem olhos azuis, assim como meu irmão menor.

— Mentiras! — gritou Pastor Mortmain. — Contar histórias é coisa do diabo.

Richard Llawcae deu um passo em direção à figura pequena e tenebrosa do sacerdote.

— Que estranho que diga isto, Pastor Mortmain. As Escrituras dizem que Jesus ensinava contando histórias. *Muitas coisas lhes falou em parábolas... e nada lhes falava sem parábolas.* É o décimo terceiro capítulo do Evangelho, conforme Mateus.

O rosto do Pastor Mortmain estava impávido.

— Creio que esta índia seja uma bruxa. E, se for, ela deve morrer como bruxa. Isto também está nas Escrituras. — Ele fez um gesto para Goodman Higgins e Duthbert. — Nos encontraremos na igreja e tomaremos nossa decisão.

— Quem tomará a decisão? — Ritchie quis saber, sem atentar à mão do pai erguida em advertência. — Todos os homens do povoado, em discussão justa, ou o senhor, Pastor Mortmain?

— Mais cuidado — instou Goodman Higgins. — Ritchie, tenha cuidado.

— David Higgins — disse Richard Llawcae —, nossas duas cabanas foram as primeiras nesta colônia. Você nos conhece há mais tempo que qualquer pessoa. Acredita que meu filho casaria com uma bruxa?

— Não em sã consciência, Richard.

— Você estava conosco nas noites em que os índios vieram ouvir nossas histórias, e nós ouvimos a lenda deles, que se equiparava à nossa. Você viu como a lenda indígena e a galesa garantiam a paz entre nós e o Povo do Vento, não viu, David?

— Sim, é verdade.

O Pastor Mortmain interveio.

— Goodman Higgins me contou da narrativa que precedia o soporífico de ler as Escrituras.

— As Escrituras nunca nos foram soporífico, Pastor. Os primeiros anos foram difíceis. Goody Higgins morreu ao nascer Davey, e depois da morte dela, em uma semana, três dos filhos de David morreram de difteria, e outro, um ano depois, tossiu até perder a vida. Minha esposa perdeu quatro pequeninos entre Richard e Brandon, um ao nascer, os outros três quando crianças. O que nos sustentava e fortalecia eram as Escrituras, e ainda é. Quanto às histórias, as noites de inverno foram longas, e foi um modo agradável de distrair-se enquanto trabalhávamos com as mãos.

Goodman Higgins remexeu os pés.

— Não havia mal nas histórias, Pastor Mortmain. Isto eu já lhe garanti.

— Talvez não para você — disse Pastor Mortmain. — Venha.

Goodman Higgins não ergueu o olhar enquanto acompanhou Pastor Mortmain e Duthbert a deixar a cabana.

Um pesadelo. Brandon queria gritar, fazer-se acordar, mas não estava dormindo e o pesadelo acontecia. Quando cumpria seus afazeres, estava ciente de que Maddok estava lá, invisível, zelando por ele. Às vezes ele o ouvia farfalhando nos galhos de uma árvore. Às vezes Maddok deixava Brandon ter um vislumbre dele atrás de um tronco de árvore, atrás do canto de um celeiro ou cabana. Mas, onde quer que fosse, Maddok estava lá, e isto queria dizer que os índios sabiam de tudo que estava acontecendo.

• • •

Um bebê da colônia morreu de doença de verão, que sempre fora a causa principal de mortalidade infantil durante os meses de calor, mas foi o necessário para condenar Zylle.

O Pastor Mortmain mandou buscar na cidade um homem que se dizia especialista na detecção de bruxas. Havia mandado muita gente para o patíbulo.

— E isto faz dele perito? — Richard quis saber.

A colônia crepitava de empolgação. Brandon achava que as pessoas estavam gostando. A filha de Higgins caminhava pela rua poeirenta com Duthbert e não erguia os olhos, mas o filho do Pastor Mortmain sorria, e não era um sorriso agradável. As pessoas ficavam paradas nas portas, olhando para Pastor Mortmain e o perito em bruxas parados na frente da igreja. Davey Higgins ficou

em sua cabana e não saiu, embora as outras crianças estivessem tão dispostas quanto os pais a entrar na caça às bruxas.

Era parte do pesadelo. O homem da cidade que tantos havia enforcado deu ao Pastor Mortmain e aos veteranos do vilarejo seu veredito: a seu juízo, não havia dúvida de que Zylle era uma bruxa.

Um suspiro de empolgação, de terror, de prazer atravessou a rua.

Naquela noite, quando Brandon foi ao pasto comum para levar a vaca para casa, um dos outros garotos cuspiu no chão e lhe deu as costas. Davey Higgins, amarrando o cabresto na vaca da família, disse:

— É desejo de Deus que a bruxa morra.

— Zylle não é bruxa.

— É herege.

— É uma cristã. Melhor do que você.

— É uma bruxa condenada, e amanhã vão levá-la para a cadeia na cidade, mesmo que depois a tragam de volta para ser enforcada...

— Para que todos possamos ver. — Um dos meninos lambeu os lábios de expectativa.

— Não! — gritou Brandon. — Não!

Davey o interrompeu.

— É bom segurar essa língua, ou eu posso contar coisas de você que farão o Pastor Mortmain condená-lo como bruxa também.

Brandon olhou nos olhos de Davey enquanto os outros incitavam-no a contar.

Davey ficou ruborizado.

— Não. Eu não quis dizer nada. Brandon é meu amigo. Não é culpa dele que seu irmão casou com uma bruxa.

• • •

— Como vocês puderam deixar que levassem Zylle e o bebê? — Brandon quis saber de Ritchie e seus pais. — Como puderam!

— Filho — disse Richard Llawcae—, Zylle não está segura aqui, não agora que as emoções estão à flor da pele. Há alguns que a enforcariam imediatamente. Seu irmão e eu vamos à cidade amanhã conversar com gente que conhecemos lá. Achamos que vão nos ajudar.

Mas a febre da caça às bruxas estava em alta. Não havia apoio. Não havia sensatez. Havia apenas pesadelo.

Goody Llawcae ficou na cidade para cuidar de Zylle e do bebê; isto ainda se

permitia, mas não por bondade: havia aqueles que temiam que Zylle pudesse tentar tirar a própria vida, ou que poderia acontecer algo que os impediria de assistir a um enforcamento.

Richard e Ritchie recusaram-se a instalar o patíbulo.

Evitando os olhares, Goodman Higgins implorou:

— Vocês não podem se recusar, ou também serão acusados. Na cidade eles já condenaram famílias inteiras.

— Já houve outro carpinteiro — disse Richard — e ele teria se recusado a fazer uma coisa dessas. É ele que vou seguir.

Havia outros mais do que dispostos a erigir um patíbulo rudimentar. Um patíbulo se constrói mais facilmente que uma casa, ou uma cama, ou uma mesa.

A data do enforcamento foi decidida.

À noite, Brandon foi buscar a vaca do pasto mais tarde que o normal, para evitar os outros. Quando chegou ao celeiro, Maddok o aguardava nas sombras.

— Meu pai quer vê-lo.

— Quando? — perguntou Bran.

— Hoje à noite. Depois que os outros dormirem, consegue vir sem que o vejam?

Bran fez que sim.

— Você me ensinou como se faz. Eu irei. Foi muito importante para mim saber que você esteve ao meu lado.

— Somos amigos — disse Maddok, sem sorrir.

— Vai chover em breve? — perguntou Brandon.

— Não. A não ser que as orações mudem as coisas.

— Vocês rezam todas as noites. Nós também.

— Sim. Rezamos — disse Maddok e escapuliu em silêncio, mata adentro.

• • •

Nas primeiras horas da manhã, antes da alvorada, quando ele tinha certeza de que todos no povoado estariam dormindo, Brandon saiu da cabana e correu rápido como uma gazela até as sombras protetoras da floresta.

Maddok estava parado à beira da floresta, aguardando.

— Venha. Conheço o caminho pelo escuro mais fácil que você.

— Zillo sabe de tudo? Você contou?

— Sim. Mas ele quer encontrar-se com você.

— Por quê? Sou só uma criança.

— Você tem o dom da visão.

Brandon estremeceu.

— Venha — insistiu Maddok. — Meu pai aguarda.

Eles percorreram a trilha com velocidade, Brandon seguindo Maddok conforme este mostrava o caminho, passando pelo córrego, pelas sombras escuras da floresta.

Zillo estava à beira da clareira indígena. Maddok fez um sinal para seu pai, depois sumiu nas sombras.

— O senhor vai impedir de acontecer? — Brandon implorou. — Se Zylle for ferida, Ritchie vai matar.

— Não vamos deixar que aconteça.

— Os homens da colônia esperam que os índios venham. Eles têm armas. Eles não estão de mente sã, e não hesitarão em atirar.

— Isso deve ser evitado. Tem tido visões nos últimos dias?

— Tenho me esforçado para não ter. Estou com medo.

— Ninguém sabe que você está aqui?

— Só Maddok.

Zillo puxou uma esfera de metal polido de uma pequena algibeira e a exibiu para refletir a luz da lua tardia.

— O que você enxerga?

Brandon olhou para ela, hesitante.

— É certo eu fazer isto, enquanto meu pai...?

Os olhos de Zillo não tinham expressão.

— Eu mantive esta ação em oração o dia inteiro. Não é desejo do seu pai negar o presente dos deuses, e no momento não temos ninguém na tribo com o dom da visão.

Enquanto Brandon observava, a luz na esfera de metal variou e ele viu nuvens cruzando o céu rápido, nuvens refletidas na água. Sem tirar os olhos do metal cristalomântico, ele disse:

— Vi um lago onde deveria estar o vale, um lago que já conheci em visão. Ele é lindo.

Zillo fez que sim.

— Dizem que aqui havia um lago em dias idos. No vale, as pessoas encontraram pedras com ossos de peixes.

— O céu está nublando — informou Brandon. — A chuva começa a cair, borrifando na água do lago.

— Você não vê fogo?

— Antes, eu via fogo e ficava com medo. Agora só há chuva.

A seriedade no rosto de Zillo sumiu quase imperceptivelmente.

— Aquela visão é boa. Agora vou lhe ensinar palavras. Você deve aprendê-las com cuidado e deve garantir que não as use muito cedo. Só as crianças de olhos azuis do Povo do Vento aprendem estas palavras, e nunca antes elas foram dadas a alguém que não de sua tribo. Mas eu as dou para salvação de Zylle.

• • •

Na manhã da execução, Zylle foi devolvida à colônia. A criança Brandon foi tirada dela e entregue a Goody Llawcae.

— Ele é muito novo para desmamar — argumentou Goody Llawcae. — Vai morrer da doença do verão.

— A bruxa não fará mal ao próprio filho — disse Pastor Mortmain.

Foram necessários seis dos homens mais fortes do povoado para dominar Ritchie e Richard.

— Amarre as mãos da bruxa — ordenou o homem da cidade.

— Eu faço — disse Goodman Higgins. — Estenda as mãos, criança.

— Não lhe demonstre delicadezas, Higgins — avisou o Pastor Mortmain — a não ser que queira que pensemos que também está maculado. Afinal, você ouviu as histórias deles.

Goody Llawcae, com o bebê a chorar no colo, disse:

— Bebês morrem da doença do verão há anos, muito antes de Zylle vir morar entre nós, e ninguém pensava em bruxaria.

Um burburinho de raiva elevou-se do povo reunido.

— A bruxa fez outro bebê morrer. Que o pirralho dela também morra.

Ritchie, lutando compulsivamente, quase se soltou.

— Quando a bruxa morrer — disse Pastor Mortmain —, você voltará ao juízo. Estamos salvando-a da maldade.

As pessoas da colônia reuniram-se em torno da forca, na expectativa repugnante do que estava por vir. Davey Higgins ficou na porta de sua cabana.

Goodman Higgins e Pastor Mortmain conduziram Zylle pelo povoado poeirento e a subir os degraus do patíbulo.

Brandon achou que seu coração ia sair do corpo de tão forte que batia. Sentiu uma presença atrás de si e lá estava Maddok. Entendeu que o resto da tribo estava por perto.

— Agora — sussurrou Maddok.

E então Brandon gritou alto as palavras que Zillo havia lhe ensinado.

— *Com Zylle nesta hora sinistra,
Convoco o Céu em toda sua força
E o sol em sua alvura,
E a neve em sua brancura
E o fogo em sua potência feroz
E o relâmpago em sua ira veloz...*

Trovoadas raramente apareciam senão no fim de tarde. Mas de repente o céu foi riscado por um raio de fogo e a igreja sentiu todo seu poder. O estrondo do trovão foi quase simultâneo. O céu enegreceu de azul úmido a obscuridade sulfurosa. As chamas tremeluziram pela porta da igreja.

Os índios vieram à frente até que a colônia inteira estava ciente de sua presença, silenciosos e ameaçadores. Homens levantaram armas. Quando Duthbert disparou, o raio brilhou de novo e o fez cair no chão, uma queimadura comprida no braço, seu disparo singrando o ar sem causar dano. Chamas envolveram o campanário da igreja.

Zillo correu pelo povoado e subiu os degraus da força.

— Sem armas — ele ordenou — ou o raio vai atacar de novo. E desta vez será para matar.

Duthbert estava gemendo de dor.

— Abaixem as armas... não atirem...

O rosto do Pastor Mortmain estava distorcido.

— Vocês são bruxos, vocês todos, bruxos! O menino Llawcae tem o diabo da índia nele para chamar esses raios! Ele tem que morrer!

Os índios aproximaram-se. Maddok continuou perto de Brandon. E então Davey Higgins veio da porta de sua cabana e parou do outro lado de Brandon.

Ritchie soltou-se dos homens que o seguravam e pulou no patíbulo:

— Povo desta colônia! — gritou. — Vocês acham que todo poder vem do diabo?! O que acabamos de ver foi a ira de Deus! — Ele deu as costas à multidão e começou a desamarrar Zylle.

O humor do povo estava mudando. Richard foi solto e cruzou o povoado poeirento até o Pastor Mortmain.

— Sua igreja está pegando fogo porque o senhor tentou matar uma inocente. Nossos amigos e vizinhos nunca teriam consentido com esta loucura se não os tivesse aterrorizado com seu fogo e enxofre.

Goodman Higgins tomou distância do Pastor Mortmain.

— É verdade. Os Llawcae sempre foram tementes a Deus.

Os índios chegaram mais perto.

Ritchie estava com um braço sobre Zylle. Ele chamou de novo:

— Os índios sempre foram nossos amigos. É assim que retribuem a amizade?

— Detenham-nos... — Pastor Mortmain perdeu o fôlego. — Detenham os índios! Eles vão nos massacrar! Detenham-nos!

— Mas por quê? — gritou Ritchie. — Quer que demonstremos mais compaixão ao senhor do que nos demonstrou?

— Ritchie! — Zylle o encarou. — Você não é igual ao Pastor Mortmain. Você tem coração. Mostre sua compaixão a eles!

Zillo ergueu uma mão soberana.

— Este mal foi detido. Desde que nada assim volte a acontecer, não precisam nos temer. Mas não pode acontecer de novo.

Murmúrios de “nunca, nunca, desculpem, nunca, nunca” vieram da multidão.

— O fogo, o fogo — gemia Pastor Mortmain. — Meu Deus, a igreja, a igreja vai queimar.

Ritchie ajudou Zylle a descer os degraus e os dois foram até a mãe dele, que entregou o bebê nos braços da nora. Brandon, de pé entre Maddok e Davey, observou sua mãe e Zylle, seu pai e seu irmão darem as costas para a igreja em chamas e atravessar a colônia, passando pelos vizinhos repreendidos, passando pelos índios vigilantes, até entrarem em sua cabana. Ele ficou no mesmo lugar, com os pés fincados no chão como se não pudesse se mexer, enquanto o povo da colônia trazia baldes d’água inúteis para debelar as chamas e impedir que o fogo se espalhasse para as cabanas em torno da igreja. Ele assistiu ao campanário vir abaixo, um campanário erguido mais à glória do Pastor Mortmain do que à glória de Deus.

E então ele sentiu a chuva, uma chuva delicada que cairia o dia inteiro e que afundaria no chão sedento, uma chuva que continuaria até que as raízes mais fundas de planta e árvore tivessem chance de beber. Uma chuva que apagou o fogo antes que ele se espalhasse para qualquer habitação.

Atrás dos três meninos, o Povo do Vento estava parado, em silêncio, observando, enquanto a gente entrava devagar nas suas cabanas. Quando não sobrara ninguém perto do patíbulo vazio fora as três crianças, Zillo ladrou um comando ríspido, e os índios rapidamente desmontaram o patíbulo e a força mal-ajambrados, jogaram a madeira nos restos fumegantes da igreja e foram embora, em silêncio.

• • •

O horror havia terminado, mas as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Quando Brandon e Maddok entraram na cabana Llawcae, Zillo estava lá, segurando o bebê. A chaleira estava fervendo e Goody Llawcae servia chá de ervas.

— Para nos sossegar.

— Estou furioso. — Ritchie voltou os olhos de Brandon para a mãe. — Suas ervas não vão deter minha fúria.

— Você tem motivo para estar furioso — disse seu pai. — Raiva não é amargura. A amargura pode comer coração e mente de um homem sem cessar. A raiva se dissipa com o tempo. O pequeno Brandon vai ajudar a acalmar a raiva.

Zillo entregou o bebê a Ritchie, que pegou o filho e segurou-o contra o ombro mais forte. Ritchie ficou olhando, então, para o irmão.

— De onde tirou aquelas palavras que falou antes da tempestade?

— De Zillo.

— Quando?

— Na noite passada. Ele mandou me buscar.

Zillo olhou para Richard e Ritchie, seus olhos insondáveis.

— É um bom rapaz, seu pequeno.

Richard Llawcae devolveu o olhar de Zillo e colocou o braço delicadamente em torno dos ombros de Brandon.

— Os desígnios do Senhor são misteriosos e não temos que entendê-los. Os modos dele não são os nossos... embora gostaríamos que fosse. Não precisamos entender os dons de Brandon, apenas saber que eles lhes são dados por Deus. — Ele virou-se para a Bíblia e folheou páginas até encontrar o trecho que queria. — “Fiel é o Senhor, o qual vos confirmará e guardará do maligno. E o Senhor encaminhe os vossos corações no amor de Deus. Ora, o próprio Senhor da paz vos dê paz sempre e de todo modo...”

Brandon, esgotado de falta de sono, de terror e de tensão, baixou a cabeça até os braços e caiu no sono, escutando apenas pela metade quando Ritchie disse que não conseguiria continuar vivendo na colônia. Ele tomaria Zylle e o bebê e voltaria ao País de Gales, onde poderiam iniciar vida nova...

O mundo ficou desolador para Brandon quando Ritchie e Zylle e o bebê foram embora.

Um dia, enquanto estava ocupado com os seus afazeres, Maddok apareceu, ajudou-o sem dizer nada, e então eles atravessaram a mata em direção ao povoado indígena.

Sobre a grande penumbra dos galhos de carvalho, Maddok fez uma pausa. Ele olhou fixo para Brandon.

— É certo que Zylle deveria ter ficado com Ritchie.

Brandon olhou para Maddok, depois para o chão.

— E é certo que você e eu devíamos ser irmãos. Meu pai realizará a cerimônia hoje à noite, e você será parte do Povo do Vento.

Uma centelha da antiga luz apareceu no rosto de Brandon.

— Então ninguém poderá nos separar.

— Ninguém. E talvez você case com alguém do Povo do Vento. E talvez nossos filhos se casem, de modo que nossas famílias fiquem unidas eternidade afora.

Brandon alcançou as mãos de Maddok.

— Eternidade afora — disse ele.

Os ventos na velocidade atroz

E Charles Wallace estava montado em Gaudior.

— É claro que já li sobre os julgamentos de Salem — pensou ele em voz alta. — Tem algum... ah, Gaudior, outros planetas têm horrores como os nossos?

— Há horrores onde quer que cheguem os Ectroi.

— Brandon: ele é mais novo que eu. Ainda assim... sou igual a Brandon? Ou ele é igual a mim?

— Não creio que você seria aceito por um hospedeiro que é alienígena ao que você é... Gwydyr, por exemplo.

— Não gosto de pensar que causei tanta dor a Brandon...

— Não se culpe tanto — alertou Gaudior. — Não sabíamos o que teria acontecido caso você não houvesse Adentrado Brandon.

— O que aprendemos ao Adentrar? É uma triangulação estranha; País de Gales e aqui; País de Gales e Vespúgia; Vespúgia e aqui. Tudo está interconectado, e temos que encontrar as conexões... ah! — Ele se afastou do pescoço de Gaudior com um lampejo de compreensão.

— O que foi? — perguntou Gaudior.

A voz de Charles Wallace se elevou de animação.

— Quando escrevemos Madoc ao modo galês, fica Madog! Entendeu?

Gaudior soprou uma bolha.

— Madog. Mad Dog. É um jogo de palavras. Mad Dog Branzillo pode ser Madog. El Rabioso. Mad Dog. É um trocadilho lúgubre. Madoc, Madog, Mad Dog.

O unicórnio olhou para o próprio focinho.

— Talvez tenha algo aí.

— Então temos outra conexão! Gaudior, temos que ir à Patagônia, até Vespúgia. Entendo que não seja fácil para unicórnios deslocarem-se no tempo e no espaço, mas você precisa tentar.

Gaudior ergueu as asas e as esticou na direção do céu.

— Da última vez que demos direções explícitas ao vento, veja o que

aconteceu.

— Não chegamos a 1865. Mas ficamos sabendo de coisas importantes sobre os descendentes de Madoc.

— É tudo que você lembra? — O unicórnio fechou as asas.

— Está no livro, o de Matthew Maddox...

— De alguma maneira — disse Gaudior — estamos nos precipitando cada vez mais perto do Pode-Ter-Sido, onde os Ectroi não querem que cheguemos, e quando mais perto chegamos, mais eles tentarão impedir. Você já alterou coisas mínimas e eles se irritaram.

— O que eu alterei?

— Não sabe?

Charles Wallace abaixou a cabeça.

— Tentei impedir que Harcel visse os modos de outros homens.

— E...

— Zylle... eu tentei impedi-los de enforcá-la. Ela teria sido enforcada... sem a runa?

— Há muitas coisas que unicórnios pensam que não precisam saber.

— E há coisas que precisamos sim saber se queremos fazer o que a Sra. O'Keefe me pediu. — Por um instante ele pareceu assustado, lembrando da mãe de Calvin. — Que estranho que isto tenha vindo da Sra. O'Keefe... este encargo. E a runa.

— Isto deveria lhe ensinar algo.

— E ensinou. Que devemos ir a Vespúgia e achar o vínculo entre Mamãe O'Keefe e Mad Dog Branzillo.

A luz no chifre de Gaudior deu uma piscada rápida.

— Eu sei... — Charles Wallace acariciou o pescoço do unicórnio. — Os Ectroi quase nos pegaram quando estávamos mirando 1865 no nosso Onde. Talvez tenhamos que deixar a rocha de observação estelar e mirar 1865 na Patagônia, quando o grupo galês chegou. Talvez eles tenham encontrado os descendentes de Gwydyr. Acho que não temos opção fora ir à Patagônia.

— Eles podem nos atacar de novo. — O relincho nervoso de Gaudior rompeu-se em lascas de prata. — Pode ser boa ideia você se amarrar em mim. Se os Ectroi arrancarem-no de novo das minhas costas, é improvável que eu consiga segurá-lo pela segunda vez.

Charles Wallace olhou ao seu redor, cuidadosamente, e não viu nada além da floresta, da rocha, do vale, das montanhas ao longe. E então:

— Já sei! — Ele desceu das costas de Gaudior até a rocha. — Esqueci de levar de volta a rede de dormir neste outono. Geralmente é Meg que leva. Fica só a alguns metros da trilha, entre duas macieiras. É uma corda trançada, e fica

pendurada em uma corda de varal bem forte, boa, da Secos e Molhados Mortmain... Mortmain! Gaudior, você acha que...

— Não temos tempo para suposições — avisou Gaudior. — Amarre-se em mim.

Charles Wallace saiu correndo pela trilha, com o unicórnio logo atrás, empinando-se delicadamente enquanto os galhos de amora preta riscavam seu couro prateado.

— Aqui estamos. A Mãe gosta que a rede fique bem longe da casa para que ela não tenha como ouvir o telefone. — Ele começou a desatar uma ponta da rede. Os galhos das macieiras estavam sem folhas, mas algumas maçãs murchas ainda se agarravam aos galhos mais altos. A terra em torno das árvores e sob a rede cheirava a cidra e folhas podres.

— Apresse-se, mas com cuidado — alertou Gaudior, enquanto os dedos trêmulos de Charles Wallace mexiam nos nós. O ar estava frio e o unicórnio dobrou os joelhos para poder bufar nos dedos de Charles Wallace e aquecê-los. — Pense apenas em desatar os nós. Os Ectroi estão por perto.

Aquecidos pelo hálito do unicórnio, os dedos do garoto começaram a perder a rigidez e ele conseguiu desatar o primeiro nó. Dois outros nós e uma ponta da rede caiu no chão de folhas, e Charles Wallace passou à segunda árvore, onde a rede parecia ainda mais presa ao tronco áspero. Ele desatou em silêncio até a rede se soltar.

— Ajoelhe-se — disse ele ao unicórnio.

Charles Wallace arrastou uma ponta da rede por baixo do unicórnio, para o tecido grosso ficar sob o grande abdômen de Gaudior. Com dificuldade, ele conseguiu jogar a corda sobre os flancos do unicórnio. Ele escalou e amarrou a corda com segurança em torno da cintura.

— Que bom que a Mãe sempre usa corda para cinco redes.

Gaudior relinchou:

— Está amarrado com segurança?

— Acho que sim. Os gêmeos me ensinaram a fazer nós.

— Segure-se na minha crina também.

— Estou segurando.

— Não estou gostando disso — contrapôs Gaudior. — Tem certeza que acha que devemos tentar ir à Patagônia?

— Acho que é o que temos que fazer.

— Estou preocupado. — Mas Gaudior começou a correr, até conseguir velocidade suficiente para levantar voo.

• • •

O ataque aconteceu quase imediatamente, com Ectroi cercando garoto e unicórnio. As mãos de Charles Wallace foram tiradas da crina de Gaudior, mas a corda o segurou. O fôlego foi arrancado do menino e suas pálpebras foram vedadas contra os olhos pelo vento assolador — mas os Ectroi não conseguiram arrancá-lo das costas de Gaudior. A corda tensionou e vergou, mas seus nós se mantiveram.

O hálito de Gaudior vinha em feixes prateados. Ele havia dobrado as asas rente aos flancos para impedir que o vento ectroide as quebrasse. Menino e unicórnio foram lançados pelo tempo e espaço infinitos afora.

Um vento gelado e fedorento surgiu, e eles foram lançados para baixo com tal violência que o unicórnio não tinha controle. Indefesos, eles caíram rumo a vastas trevas.

Impacto.

Atingiram algo com tanta força que Charles Wallace achou, logo antes de perder a consciência, que os Ectroi haviam lançado-os contra a rocha e era seu fim.

Mas a queda não parou. Eles caíram e caíram rumo ao negrume e ao frio. Sem respirar. Sensação de estrangulamento, um zumbido selvagem nos ouvidos. Então pareceu que ele se erguia, subia, subia, e a luz atingiu seus olhos fechados com a força de um golpe, e o ar gelado e límpido correu a seus pulmões. Ele abriu os olhos.

Eles haviam sido lançados contra água, não rocha.

— Gaudior! — gritou ele, mas o unicórnio boiava, frouxo, sobre a superfície das trevas, metade de lado, de modo que uma das pernas de Charles Wallace continuava na água. O menino curvou-se sobre o grande pescoço do animal. Não se via fôlego nas narinas prateadas. O peito não subia e descia, o coração não batia. — Gaudior! — gritou, angustiada. — Você não pode ter morrido! Gaudior!

Ainda assim, o unicórnio boiava frouxo e pequenas ondas chapinhavam seu rosto.

— Gaudior! — Com toda sua força, Charles Wallace bateu contra o corpo imóvel. *A runa*, pensou ele, nervoso, *a runa...*

Mas não vieram palavras, fora o nome do unicórnio.

— Gaudior! Gaudior!

Um tremor agitou o corpo prateado, e então o hálito de Gaudior veio rugindo como um órgão com milhares de tubos. Charles Wallace deu um suspiro de

alívio. O unicórnio abriu os olhos que de início estavam vidrados, mas se desanuviaram e brilharam como diamantes. Ele começou a mexer a água.

— Onde estamos?

Charles Wallace dobrou-se sobre o lindo corpo do animal, acariciando pescoço e crina com um êxtase de alívio.

— No meio do oceano.

— Qual oceano? — perguntou Gaudior, irritado.

— Não sei.

— É o seu planeta. Era para você saber.

— É o meu planeta? — perguntou Charles Wallace. — Os Ectroi nos encontraram. Tem certeza que não estamos numa Projeção?

Unicórnio e garoto olharam em volta. A água estendia-se ao horizonte por todos os lados. Acima deles o céu era límpido, com poucas e pequenas nuvens.

— Não é uma Projeção. — Gaudior relinchou. — Mas podíamos estar em qualquer ponto da Criação, em qualquer planeta em qualquer galáxia que tem ar com oxigênio e bastante água. Isto lhe parece um oceano terrestre comum? — Ele sacudiu a cabeça, e a água saltou de sua crina. — Ainda não estou raciocinando com clareza... — Ele engoliu ar, depois regurgitou bastante água salgada. — Bebi metade deste oceano.

— Parece um oceano normal — disse Charles Wallace, hesitante — e parece inverno. — Sua jaqueta encharcada agarrou-se ao corpo em dobras molhadas. Suas botas estavam cheias d'água, e se moviam geladas contra seus pés. — Veja! — Ele apontou para um grande rochedo de gelo saliente da água. — Um iceberg.

— Em qual direção fica a terra?

— Gaudior, se nós nem sabemos em qual galáxia ou planeta estamos, como você espera que eu saiba onde fica terra?

Com dificuldade, Gaudior esticou as asas até a extensão máxima, e elas soltaram a água em grandes cachoeiras que respingavam ruidosamente contra as ondas. Suas pernas batiam-se com grande força para ficar à tona.

— Consegue voar? — perguntou Charles Wallace.

— Minhas asas estão encharcadas.

— Pode perguntar ao vento onde estamos?

Um tremor cruzou os flancos do unicórnio.

— Ainda estou meio sem ar... o vento... o vento... atingimos a água com tanta força que não sei como não quebramos os ossos. O vento deve ter amortecido nossa queda. Você ainda está amarrado?

— Sim, ou não estaria aqui. Pergunte ao vento, por favor.

— Ao vento... o vento... o vento... — Gaudior mais uma vez agitou-se para

tirar água das asas. Abriu a boca com seu gesto característico de quem bebe, engoliu a brisa fria e límpida, seus lábios puxados para trás para mostrar os dentes de aparência perigosa. Fechou os olhos e seus cílios compridos estavam escuros contra a pele, que havia empalidecido até assumir a cor do luar. Abriu os olhos e cuspiu uma grande fonte de água. — Graças às galáxias.

— Onde estamos?

— Sua própria galáxia, seu próprio sistema solar, seu próprio planeta. Seu próprio Onde.

— Quer dizer que aqui é o local da rocha de observação estelar? Só que coberta pelo oceano?

— Sim. E o vento diz que é verão.

Charles Wallace olhou para o iceberg.

— Que bom que é verão, ou estaríamos mortos de frio. Verão ou não, vamos morrer congelados se não formos da água para a terra, e logo.

Gaudior deu um suspiro.

— Minhas asas ainda estão pesadas da água e minhas patas estão cansadas.

Uma onda passou por cima deles. Charles Wallace encheu a boca de água salgada e engasgou, tossindo dolorosamente. Seus pulmões arderam do ataque do vento dos Ectroi e do gelo do mar. Ele estava louco de sono. Pensou em viajantes perdidos na nevasca e que, perto do fim, só queriam deitar-se na neve e dormir. Se cedessem ao sono, jamais acordariam. Ele fazia força para manter os olhos abertos, mas parecia que o esforço não valeria a pena.

As pernas de Gaudior mexeram-se cada vez mais devagar. Quando a onda seguinte passou por cima deles, o unicórnio não voltou à superfície.

Conforme água e trevas juntavam-se para obscurecer a consciência de Charles Wallace, ele ouviu um zumbido nos ouvidos, e em meio ao zumbido uma voz chamando:

— A runa, Chuck! Diga! Diga a runa!

Mas o peso da água gelada o fez dormir.

• • •

Os ganidos frenéticos de Ananda acordaram Meg.

— Diga, Charles! — gritou ela, sentando-se ereta.

Ananda ganiu de novo, depois deu um latido agudo.

— Não sei bem se lembro das palavras — Meg pressionou as duas mãos contra a cachorra e falou:

— *Com Ananda nesta hora sinistra*
Disponho o Céu em toda sua força,
E o sol em sua alvura,
E a neve em sua brancura,
E o fogo em sua potência feroz,
E o relâmpago em sua ira veloz,
E os ventos na velocidade atroz...

O vento aumentou e as ondas foram agitadas até virar arrebentação, e unicórnio e menino foram erguidos à superfície da água, pegos por um grande tubo e conduzidos pelo mar gelado até serem lançados às areias brancas da terra seca.

O mar em sua profundez

Unicórnio e garoto vomitaram água do mar e fizeram força para respirar, os pulmões afligindo-os como se tivessem sido retalhados a faca. Eles estavam abrigados do vento por um penhasco de gelo sobre o qual o sol se derramava, de modo que a água escorria em pequenos regatos. O calor do sol que derretia o gelo também derretia o frio de seus corpos empapados e começou a secar as asas encharcadas do unicórnio. Aos poucos o sangue deles começou a fluir normalmente e eles conseguiram respirar sem engasgar-se com água salgada.

Como ele era menor e mais leve (e bilhões de anos mais novo, como Gaudior ressaltou mais tarde), Charles Wallace recuperou-se primeiro. Ele conseguiu desvencilhar-se da jaqueta ainda molhada e soltou-a na areia úmida. Então, com dificuldade, chutou as botas para longe. Olhou para as cordas que ainda amarravam-no ao unicórnio; os nós estavam tão retesados e o fio tão empapado que era impossível se desamarrar. Exaurido, ele curvou-se sobre o pescoço de Gaudior e sentiu o sol curativo enviar seus raios fundo no corpo. Aquecido e acalentado, seu nariz espremido na crina molhada do unicórnio, ele caiu no sono, um sono profundo e renovador.

Quando Charles Wallace acordou, Gaudior estava esticando as asas ao sol. Ainda havia algumas gotas d'água nelas, mas o unicórnio conseguia flexioná-las com facilidade.

— Gaudior... — Charles Wallace começou a falar, mas deu um bocejo.

— Enquanto você dormia — o unicórnio censurou-o delicadamente —, estive consultando o vento. Graças à Música estamos no Quando do derreter do gelo, caso contrário não teríamos sobrevivido. — Ele também bocejou.

— Unicórnios dormem? — perguntou Charles Wallace.

— Não tenho necessidade de dormir há éons.

— Sinto-me muito melhor com um cochilo. Gaudior, sinto muito.

— Pelo quê?

— Por convencer você a nos levar à Patagônia. Se eu não tivesse insistido, não teríamos sido quase mortos pelos Ectroi.

— Desculpas aceitas — disse Gaudior, brusco. — Você não aprendeu?

— Apreendi que toda vez que tentei controlar as coisas tivemos problemas. Não sei o que temos que fazer agora, ou Onde ou Quando temos que ir a partir daqui. Simplesmente não sei...

— Eu acho — Gaudior girou a grande cabeça para olhar para o garoto — que nosso próximo passo é desatar todos estes nós.

Charles Wallace passou os dedos pela corda.

— Os nós estão todos meio que fundidos por causa do vento, da água e do sol. Não tenho como desatar.

Gaudior remexeu-se contra a pressão das cordas.

— Parece que encolheram. Estou muito desconfortável.

Após uma tentativa fútil com o nó que parecia mais maleável, Charles Wallace desistiu.

— Tenho que encontrar alguma coisa para cortar a corda.

Gaudior saiu trotando lentamente, subindo e descendo a praia. Havia conchas, mas nenhuma com o devido gume. Eles viram pedaços de madeira podre boiando, águas-vivas iridescentes e moitas de algas. Não havia garrafas quebradas nem latas nem outros sinais de humanidade — embora Charles Wallace tendesse a ficar horrorizado com o lixo humano e o abuso da natureza, agora ficaria feliz em encontrar cacos de uma garrafa de cerveja.

Gaudior voltou-se para o continente nas beiradas do penhasco de gelo, subindo na areia escorregadia cruzada por gelo derretido.

— Isto é um absurdo. Depois de tudo pelo que passamos, quem diria que eu ia acabar como um centauro, com você permanentemente afixado às minhas costas? — Mas ele continuou a subir até se ver sobre uma grande plataforma de gelo.

— Olhe! — Charles Wallace apontou para um aglomerado de plantas prateadas com grandes espigões que tinham dentes nas laterais. — Você acha que consegue arrancar uma destas com os dentes? Aí eu uso para serrar a corda.

Gaudior pisou em poças de gelo derretido, baixou a cabeça e arrancou um dos espigões denteados, o mais perto possível da raiz que seus dentes grandes permitiam. Segurando o espigão entredentes, ele torceu a cabeça até que Charles Wallace, esticando-se até a corda quase cortar sua respiração, conseguiu tirar dele.

Gaudior franziu os lábios de desgosto.

— É repugnante. Cuidado. O couro de unicórnio não é tão forte quanto parece.

— Pare de se remexer.

— Cosquinhas. — Gaudior ficava remexendo a cabeça com risos

incontroláveis de agonia. — Depressa.

— Se eu me apressar, corto você. Já está saindo. — Ele usava a serra-planta para a frente e para trás com concentração plena, e finalmente uma das cordas se partiu. — Vou ter que cortar mais uma, do outro lado. O pior já passou.

Mas, quando a segunda corda se partiu, Charles Wallace ainda estava amarrado ao unicórnio e a planta ficou mole e inútil.

— Consegue morder outro espigão?

Gaudior mordeu e fez uma careta.

— Nada neste mundo precisava ter gosto tão repugnante. Mas, enfim, não estou acostumado a nenhum alimento que não luz estelar e luar.

Enfim as cordas se soltaram do garoto e do animal, e Charles Wallace deslizou à superfície do penhasco de gelo. Gaudior foi atacado por um acesso de espirros, e o que restava de água marinha escorreu do nariz e da boca. Charles Wallace olhou para o unicórnio e trancou a respiração, horrorizado. Onde as linhas de corda haviam cruzado seus flancos havia vergões vermelhos, chocantes diante do couro prata. Toda a região abdominal, onde a trama da rede havia roçado, estava em carne viva e gotejando sangue. A água que havia saído das narinas de Gaudior estava rosada.

O unicórnio, por sua vez, também analisou o menino.

— Você está péssimo — disse ele, sem mudar de expressão. — Você não tem como Adentrar nesta condição. Faria mal a seu hospedeiro.

— Você também está péssimo — respondeu Charles Wallace. Ele olhou para as mãos e as palmas estavam em carne viva, tal como a barriga de Gaudior. A corda havia entrado na sua cintura tal como havia nos flancos de Gaudior, onde a jaqueta e sua camiseta haviam escorregado.

— E seus dois olhos estão roxos — informou o unicórnio. — Não sei como ainda consegue enxergar.

Charles Wallace apertou os olhos, primeiro um, depois o outro.

— As coisas estão meio embaçadas — confessou ele.

Gaudior sacudiu mais alguns pingos das asas.

— Não podemos ficar aqui e agora é óbvio que você não pode Adentrar.

Charles Wallace olhou para o sol, que estava em rumo oeste.

— Vai ficar gelado quando o sol baixar. Não parece haver sinal de vida. E nada para comer.

Gaudior dobrou as asas sobre os olhos e parecia estar matutando. Então voltou as asas aos flancos sangrando.

— Não entendo o tempo terrestre.

— O que isso tem a ver?

— O tempo é essencial, como nós dois sabemos. E ainda assim leva semanas,

se não meses, para nos curarmos.

Quando o unicórnio olhou para ele como se esperasse uma resposta, Charles Wallace baixou os olhos a uma poça no gelo.

— Não tenho nenhuma sugestão.

— Estamos ambos exaustos. O único lugar onde posso levá-lo sem medo dos Ectroi é minha casa. Nunca aconteceu de um mortal ir até lá e não tenho certeza se devo levá-lo, mas é a única possibilidade que vejo para nós. — O unicórnio lançou a crina para trás de modo a roçar o rosto machucado do garoto com frieza prateada. — Fiquei muito afeiçoado a você, apesar de todas suas tolices.

Charles Wallace abraçou o unicórnio.

— Também me afeiçoei a você.

Com as juntas ardendo, Gaudior ajoelhou-se. O menino escalou com pressa, recuando quando inevitavelmente tocou os vergões vermelhos que machucavam os flancos.

— Sinto muito. Não queria machucá-lo.

Gaudior deu um leve relincho.

— Sei que não.

O menino estava tão exausto que mal estava ciente do voo. As estrelas e o tempo rodopiaram em volta dele, e suas pálpebras começaram a vergar.

— Acorde! — ordenou Gaudior. Ele abriu os olhos a um mundo de encanto estrelado. O embaçar da sua visão havia passado e ele olhou admirado para a terra de neve e gelo; não sentia frio, só o carinho de uma brisa suave que tocava os cortes e machucados com delicadeza curativa. No céu violeta pairava uma lua em foice, e uma lua menor, mais alta, quase cheia. Montanhas elevavam espáduas tomadas de neve até o céu. Entre as estrias dos contrafortes ele viu o que parecia ser uma pilha de enormes ovos.

Gaudior seguiu seu olhar.

— Os pontos de desova. Nunca foram vistos por olhos humanos.

— Não sabia que unicórnios vinham de ovos — disse o garoto, pensativo.

— Nem todos nós — respondeu Gaudior, casualmente. — Só os viajantes do tempo. — Ele engoliu grandes goles de luar, depois perguntou: — Não está com sede?

Os lábios de Charles Wallace estavam rachados e doídos. Sua boca estava árida. Ele olhava ansiosamente para o luar e tentou abrir a boca para tomá-lo. Sentiu um toque gelado e curativo nos lábios, mas, ao tentar engolir, engasgou-se.

— Esqueci — disse Gaudior. — Você é humano. Na minha animação de voltar para casa, isso fugiu à minha mente. — Ele foi a meio galope para um dos contrafortes e voltou com um grande pingente verde-azulado cuidadosamente

aninhado nos dentes. — Chupe devagar. Pode arder no início, mas tem propriedades curativas.

Os pingos gelados escorreram delicadamente pela garganta sedenta do garoto, como raios de luar, e ao mesmo tempo que esfriavam a queimação, aqueciam seu corpo gelado. Ele deu toda sua concentração ao pedaço de lua, e quando terminou as últimas gotas curativas, virou-se para agradecer a Gaudior.

O unicórnio estava rolando na neve, as pernas para o ar, rolando e rolando, um zunir de puro prazer saindo da garganta. Então ele levantou e sacudiu-se, lançando respingos de neve para todos os lados. Os vergões vermelhos se foram; seu couro estava liso e reluzindo perfeição. Ele fitou os pontos doloridos na cintura e mãos de Charles Wallace.

— Role, igual a mim — ordenou ele.

Charles Wallace jogou-se na neve, diferente de toda neve que ele já sentira; cada floco era um floco à parte e pulsante; eram gelados, mas não congelantes, e ele sentiu a cura passar não só pelas queimaduras da corda, mas fundo nos músculos doídos. Ele rolou e rolou, rindo de prazer. Então chegou o momento em que ele soube que estava totalmente curado e deu um salto.

— Gaudior, onde está todo mundo? Os outros unicórnios?

— Só os viajantes do tempo vêm aos locais de desova e, durante a passagem da pequena lua, eles podem ficar fazendo o que bem entendem, pois ela lança o calor aos ovos. Eu o trouxe aqui, a este lugar, nesta lua, para ficarmos a sós.

— Mas por que deveríamos ficar a sós?

— Se os outros o vissem, ficariam temerosos pelos ovos.

A cabeça de Charles Wallace mal chegava a meio caminho das ancas do unicórnio.

— Criaturas do seu tamanho teriam medo de mim?

— O tamanho é imaterial. Existem vírus minúsculos que são letais.

— Pode dizer a eles que não sou um vírus e não sou letal?

Gaudior soprou uma rajada de vento.

— Alguns deles pensam que a humanidade é letal.

Charles Wallace também suspirou e não respondeu.

Gaudior roçou seu ombro com o focinho.

— Aqueles de nós que andamos pelas galáxias sabemos que pensar assim é tolice. É sempre mais fácil culpar os outros. E, por estar com você, aprendi que muitas das minhas concepções sobre os mortais estavam erradas. Está pronto?

Charles Wallace estendeu as mãos para o unicórnio.

— Eu poderia ver um dos ovos chocar?

— Eles só estarão prontos quando a terceira lua erguer-se, a não ser... —

Gaudior chegou mais perto do ninho, cada ovo quase da altura do garoto. — Espere... — O unicórnio foi a trote até a grande pilha globular, que brilhava com luminosidade própria, como grandes pedras da lua. Gaudior dobrou o pescoço curvado para que sua crina passasse suavemente pela superfície das cascas. Com os dentes superiores, ele bateu delicadamente em uma, atento, os ouvidos curvados, os pelinhos do ouvido eriçando-se e tremendo como antenas. Passou um instante e ele foi a outra casca, depois outra, com paciência desapressada, até bater numa casca duas, três vezes, recuar e fazer um aceno ao garoto.

Este ovo parecia ter rolado um pouquinho mais longe dos outros, e enquanto Charles Wallace assistia, ele vibrou, e rolou ainda mais longe. De dentro da casca veio um som de pancadas e o ovo começou a brilhar. As pancadas aceleraram e a casca ficou tão iluminada que o menino mal conseguia fixar o olhar. Veio um estalo agudo e um lampejo brilhante quando o chifre subiu e entrou no ar perolado, seguido por uma cabeça com crina prateada, colada ao pescoço e à testa. Olhos escuros de cílios prateados abriram-se devagar, e o bebê unicórnio olhou em volta, os olhos refletindo a luz das luas enquanto ele fitava seu novo ambiente. Então ele se agitou e rachou o resto da casca. Conforme fragmentos caíam no chão nevado, viraram milhares de flocos, e a casca ficou tal como a neve.

O bebê unicórnio pôs-se sobre as pernas novas e trêmulas, relinchando um som de suave luar até conseguir equilibrar-se. Ele estava quase da altura de Charles Wallace, testando um casco dianteiro, depois o outro, e estendendo as patas traseiras. Enquanto Charles Wallace observava, enlevado de prazer, o bebê unicórnio dançou à luz das duas luas.

Então o bebê viu Gaudior e veio saracoteando até o grande unicórnio; se baixasse o chifre só um pouquinho, ele passaria por baixo do adulto.

Gaudior aninhou a cabeça do pequenino logo abaixo do chifre. Mais uma vez o bebê empinou-se de alegria, e Gaudior começou a dançar com ele, levando o recém-nascido em passos cada vez mais complexos. Quando o bebê começou a cansar, Gaudior diminuiu os passos de dança e ergueu a cabeça à lua em foice, puxou os lábios para trás num gesto exagerado e engoliu o luar.

Tal como o bebê imitara os passos de Gaudior na dança, agora ele o imitava avidamente tentando beber o luar, os raios pingando dos lábios jovens e sem experiência, respirando como cristal na neve. Mais uma vez ele tentou, olhando para Gaudior, até ficar voraz e asseadamente engolindo a luz conforme ela saía da curva da lua.

Gaudior voltou-se para a lua quase cheia e mais uma vez, com gestos exagerados, ensinou o pequeno a beber. Quando seus flancos estavam tremendo

de plenitude, Gaudior voltou-se para a estrela mais próxima e mostrou-lhe os prazeres de encerrar uma refeição saciando a sede com luz das estrelas. O pequeno provou contente, depois fechou a boca com seus dentes minúsculos, como de diamante, e, farto, encostou-se em Gaudior.

Foi só então que o pequeno notou Charles Wallace. Com um salto de susto, ele caiu sobre as quatro patas esguias, deu um guincho de terror e saiu a galope, o rabo soltando prata pelo caminho.

Charles Wallace assistiu à pequena criatura sumir no horizonte.

— Desculpe tê-lo assustado. Ele vai voltar?

Gaudior fez um aceno de confiança.

— Ele foi na direção das Mães. Elas vão dizer que você foi só um sonho ruim que ele teve ao sair da casca, e vai esquecer tudo sobre você. — Ele ajoelhou-se.

Relutante, Charles Wallace montou e sentou-se no grande pescoço. Agarrando-se a um punhado de crina, ele ficou olhando para a paisagem selvagem e pacífica.

— Não quero ir embora.

— Vocês, seres humanos, tendem a querer que as coisas boas durem para sempre. Elas não duram. Não quando estamos com tempo. Tem alguma instrução para mim?

— Cansei de instruções. Eu nem tenho sugestões.

— Vamos Onde e Quando o vento decidir nos levar, então?

— E os Ectroi? — perguntou Charles Wallace, temeroso.

— Como estamos partindo do meu lar o vento deverá estar em paz, tal como estava quando viemos aqui. Depois veremos. Já estivemos em mar muito profundo, e achei que nunca conseguiríamos sair. Tente não ter medo. O vento nos dará toda ajuda possível. — As asas esticaram-se ao máximo e Gaudior saiu voando entre as duas luas, tomando distância dos pontos de desova dos unicórnios.

• • •

Meg suspirou de prazer.

— Ah, Ananda, Ananda, que desvelar mais lindo! Como eu queria que o Charles Wallace tivesse ficado mais tempo lá, onde está seguro...

Ananda deu um leve ganido.

— Eu sei. Ele tem que partir. Mas os Ectroi estão atrás dele, eu me sinto tão inútil...

Ananda ergueu os olhos para Meg e os tufos de pelo mais escuro sobre os olhos se ergueram. Meg fez um carinho entre as orelhas da cadela.

— Sim, enviamos a runa quando ele estava no mar da Era do Gelo, e o vento veio ajudar. — Nervosa, ela pousou a mão sobre Ananda e fechou os olhos, concentrando-se.

Ela viu a rocha de observação estelar e duas crianças, uma menina e um menino, talvez de treze e onze, a menina mais velha. O menino lembrava muito um Brandon Llawcae mais moderno, um Brandon de calça jeans e camiseta. Com certeza não era mais 1865.

Charles Wallace havia Adentrado o garoto, cujo nome não era Brandon. Era Chuck.

A Sra. O’Keefe havia chamado Charles Wallace de *Chuck*.

Chuck era alguém que a Sra. O’Keefe conhecera. Alguém que a Sra. O’Keefe havia dito que não era um idiota.

Agora ele estava com uma menina, sim, e outra pessoa, uma mulher mais velha. Chuck Maddox e sua irmã, Beezie, e a avó dos dois. Estavam rindo e soprando dentes-de-leão, contando quantos sopros eram necessários para os esporos brancos e rendados deixarem o caule verde.

Beezie Maddox tinha cabelos dourados, olhos azul-claros e uma risada alegre. Chuck era mais discreto, de cabelo marrom claro e olhos cinza-azulados. Ele sorria com mais frequência do que ria. Era tão parecido com Brandon que Meg apostava que fosse descendente direto.

— Ananda, por que eu sinto tanto medo do que será dele? — perguntou Meg.

• • •

— Vamos soprar dentes-de-leão... — sugeriu Beezie.

— Não, não ao redor do armazém — havia dito o pai. — Não quero mais esporos de dente-de-leão semeando meu gramado do que o vento já traz.

Então, naquela tarde de domingo, Chuck, Beezie e a avó cruzaram o rio até a rocha plana. Ouviam o som de caminhões na autoestrada ao longe, embora não conseguissem ver. Ocasionalmente um avião cruzava o céu. Fora isto, não havia nada que os lembrasse da civilização. Era uma das coisas que Chuck mais gostava em cruzar o riacho e caminhar pela mata até a rocha.

Beezie lhe alcançou um dente de leão.

— Sobre.

Chuck não gostou muito do cheiro do esporo; era um cheiro pesado e rançoso,

e ele torceu o nariz de desgosto.

— Pra mim não cheira tão mal assim — disse Beezie. — Quando eu aperto o caule ele tem cheiro de verde, nada mais.

A avó puxou as frondes nevadas ao nariz.

— Quando você tem idade, nada mais cheira como antes. — Ela soprou, e os flocos branquinhos de seu dente-de-leão voaram em todas as direções, carregados pelo vento.

Chuck e a irmã tiveram que soprar várias vezes até o dente-de-leão dizer que horas eram. A avó, que logo ficou sem fôlego, e que levou a mão ao peito depois do esforço de atravessar a trilha de samambaias desde o riacho, soprou fraquinho e todos os esporos voaram do caule, dançando ao ar ensolarado e caindo devagar.

Chuck olhou para Beezie e Beezie olhou para Chuck.

— Vovó, Beezie e eu sopramos e sopramos e você sopra tão forte quanto um cochicho e tudo voa.

— Pode ser que vocês estejam soprando demais. E quando perguntam a hora, não podem temer a resposta.

Chuck olhou para o caule verde sem folhas nos dedos da avó.

— Eu soprei quatro vezes e são quase quatro horas. Que hora diz seu dente-de-leão, Vovó?

O sol de primavera passou um tempo atrás de uma pequena nuvem, cobrindo os olhos da idosa.

— Ele me conta de tempos passados, quando o vale era um lago, diz seu pai, e um povo diferente vagava pelas terras. Lembra da ponta de flecha que você encontrou quando estávamos cavando para plantar bulbos de tulipa? — Ela mudou de assunto com habilidade.

— Beezie e eu encontramos muitas pontas de flecha. Sempre trago uma comigo. Melhor que faca. — Ele puxou o triângulo plano e lascado do bolso da calça jeans.

Beezie também estava de jeans, puídos no ponto onde os joelhos ossudos começavam a pressionar o tecido. Sua camisa xadrez azul e branca estava começando a ficar justa no peito. Ela enfiou as mãos no bolso tal como o irmão, puxando uma velha faca de escoteiro e uma colher torta.

— Vovó, soprar os dentes-de-leão... isso é superstição, não é?

— E o que mais seria? Existem modos melhores de dizer a hora, como o sol pondo-se no céu e as sombras das árvores. Eu diria que são quase três da tarde e quase hora de ir tomar um chá.

Beezie deitou-se na borda quente da rocha, o mesmo tipo de rocha da qual a ponta de flecha havia sido lascada.

— E Mamãe e Papai vão tomar chá conosco porque é domingo, e o armazém está fechado, e ninguém está lá fora além da Pansy. Vovó, acho que ela vai ter gatinhos de novo.

— Você está surpresa? O que mais Pansy tem a fazer fora assustar os ratinhos do campo?

Apesar da menção ao chá, Chuck também deitou-se, encostando a cabeça no colo da avó para ela lhe fazer cafuné. A brisa ao redor deles era gentil; as folhas sussurravam juntas; e, ao longe, um papa-moscas cantava melancolicamente. O rugir de um caminhão na autoestrada ao longe era a nota dissonante.

A avó disse:

— Quando deixamos o vilarejo e cruzamos o riacho parece que saímos também do tempo. E então vem o som do presente — ela fez um gesto para a autoestrada invisível — para nos lembrar.

— Do quê, vovó? — perguntou Beezie.

A idosa olhou para uma distância despercebida.

— O mundo dos caminhões não me é tão real quanto o mundo do outro lado do tempo.

— Qual lado? — perguntou Chuck.

— Qualquer lado, embora no presente eu saiba mais do passado do que do futuro.

Os olhos de Beezie se ergueram.

— Como o das histórias que você nos conta, você quis dizer?

A avó fez que sim, os olhos ainda distantes.

— Conte-nos uma das histórias, Vovó. Conte-nos como a Rainha Branwen foi levada da Grã-Bretanha por um rei irlandês.

O foco da idosa voltou às crianças.

— Eu posso ter nascido na Irlanda, mas nunca esquecemos que viemos de Branwen da Britânia.

— E eu ganhei o nome dela.

— Ganhou mesmo, pequena Beezie, e meu, pois também sou Branwen.

— E Zillah? Eu sou Branwen Zillah Maddox. — Beezie e Chuck conheciam as histórias de seus nomes de cor e salteado, mas nunca perdiam o prazer em ouvi-las.

• • •

Meg abriu os olhos de espanto.

Branwen Zillah Maddox. B. Z. *Bi-zi*. Beezie.

A Sra. O'Keefe.

A menina de ouro era a Sra. O'Keefe.

E Chuck era seu irmão.

• • •

— Zillah vem de seus antepassados Maddox — a avó disse às crianças — e também é um nome de orgulho. Segundo seu pai, ela era uma princesa índia da tribo que costumava habitar aqui onde estamos agora, embora os índios tenham ido embora.

— Mas você não sabe tanto de Zillah quanto sabe de Branwen.

— Só sei que ela era índia e linda. Há muitos homens do lado do seu pai na família, e as histórias, hoje em dia, vêm das mulheres. Mas nos tempos de Branwen havia homens que eram bardos.

— O que são bardos? — perguntou Chuck.

— Os que cantavam e contavam, os das músicas e histórias. Tanto minha avó quanto meu avô me contaram a história de Branwen, mas sobretudo minha avó, repetidas vezes, tal como sua avó havia contado, e este contar vem de antes da memória. A Grã-Bretanha e a Irlanda há muito não se entendem, e este desentendimento também é de antes da memória. E naquele era uma vez, há muito tempo, quando o rei irlandês conquistou a princesa inglesa, lá se achava que enfim haveria paz entre as duas terras verdejantes e agradáveis. Houve banquetes por muitas luas na época das núpcias, e então o rei irlandês navegou à Irlanda com sua esposa.

— Branwen não estaria com saudade de casa? — perguntou Beezie.

— É claro que estaria. Mas ela nasceu princesa e agora era rainha, e rainhas sabem comportar-se... ou sabiam, naqueles tempos.

— E o rei? Como ele era?

— Ah, era muito belo, tal como são os irlandeses, assim como meu doce Pat, que trazia o nome do santo abençoado, com cabelos negros e olhos azuis. Branwen não sabia que ele a usava para descontar a irritação que tinha com sua terra e seus confrades, não sabia nem que ele inventou uma história boba de ela sentada no refeitório e lançando olhares para um de seus homens. Então, para castigá-la...

— Pelo quê? — perguntou Chuck.

— Pelo quê, de fato? Pelas suas fantasias ciumentas. Então, para castigá-la,

ele a enviou para cuidar dos porcos e a impediu de entrar no palácio. Assim ela soube que ele nunca a amara, e seu coração ardeu de angústia. Então ela pensou em chamar seu irmão na Inglaterra, e usou a runa, e se foi ela e os seus que deram a runa a Patrick, ou se foram os anjos da guarda que deram a todos, foi ela que convocou os Céus em toda sua força...

As crianças entoaram a runa com ela.

*— E o sol em sua alvura,
E a neve em sua brancura,
E o fogo em sua potência feroz,
E o relâmpago em sua ira veloz,
E o vento na velocidade atroz,
E o mar em sua profundez,
E as rochas em sua íngremidez,
E a Terra em sua aridez,
Todos disponho eu
Com a graça e auxílio do onipotente Deus
Entre mim e as forças das trevas!*

A avó prosseguiu:

— E o sol brilhou em seus cabelos claros e a acalentou, e a neve suave caiu e limpou o chiqueiro no qual o rei irlandês a havia instalado, e o fogo ardeu da lareira de seu palácio de madeira e o relâmpago o atingiu e ele queimou com a ira potente e todos lá dentro fugiram da fúria. E o vento soprou da Grã-Bretanha, e as velas do navio de seu irmão Bran formaram vagalhões conforme ele correu pelo mar profundo e parou onde as rochas eram íngremes e a terra desolada. E os homens de Bran escalaram a rocha e resgataram sua amada Branwen.

— É uma história de verdade, Vovó — perguntou Beezie—, mesmo?

— Àqueles com orelha para ouvir e coração para crer.

— Chuck tem o coração para crer — disse Beezie.

A avó deu um tapinha no joelho dele.

— Um dia quem sabe ele seja o escritor que seu pai queria ser. Ele não tinha vocação para dono de armazém.

— Eu amo o armazém — disse Beezie, em sua defesa. — Ele tem cheiro bom, de canela, pão fresco e maçãs.

— Estou com fome — disse Chuck.

— E eu não estava a dizer, antes de entrarmos na contação de história, que deveríamos ir para casa tomar chá? Levantem-me, os dois.

Chuck e Beezie rapidamente puseram-se de pé e içaram a idosa até ficar ereta.

— Vamos fazer um buquê para Mamãe e Papai no caminho — disse Beezie.

A trilha estreita era acidentada de rochas e montinhos de grama. Caminhar por ali não era fácil. A avó apoiava-se em um cajado que Chuck havia talhado para ela de um pomar de jovens bordos que precisavam desbastar. Ele foi na frente, diminuindo o passo ao ver Beezie e sua avó muito atrás. Um buquê de flores do campo crescia nas mãos de Beezie, pois ela parava sempre que via a idosa sem fôlego.

— Veja, Chuck! Veja, Vovó! Mais três nabos-selvagens!

Chuck estava usando sua ponta de flecha para cortar um filamento de dulcamara que se serpenteava por um jovem abeto, estrangulando a árvore com espirais fortes como uma jiboia.

— Mamãe nos fez procurar dulcamara há mais ou menos um ano, e agora ela está tomando conta. Vai matar a árvore se eu não cortar. Vão na frente que encontro vocês depois.

— Quer minha faca? — propôs Beezie.

— Não. Minha ponta de flecha é afiada.

Por um instante ele ficou encarando a irmã e a avó conforme elas seguiam lentamente pela trilha. Ele sentiu a fragrância no ar. Embora as macieiras fossem verdes, as flores rosas e brancas ainda estavam no chão. O cheio de lilás misturava-se ao da laranjeira. Ele podia ouvir os caminhões na estrada e ver os aviões no céu, mas pelo menos não tinha que sentir seus cheiros.

Chuck não gostava nem dos caminhões nem dos aviões. Todos soltavam fumaça ao passar, embotando o cheiro do sol, da chuva, do verde e das coisas que crescem. Chuck “via” quase tanto com seu nariz quanto com seus olhos. Sem olhar, ele podia facilmente distinguir seus pais, sua avó, sua irmã. E ele julgava as pessoas quase inteiramente pela sua reação aos odores.

— Eu não sinto cheiro de nada — havia dito sua mãe depois que Chuck torceu o nariz com um cliente de saída.

Chuck dissera tranquilamente:

— Ele tem cheiro de quem não merece confiança.

O pai deu uma risada curta, surpresa.

— E não merece *mesmo*. Ele me deve mais do que eu posso admitir de dívida, apesar de usar roupas chiques.

Quando o ramo de dulcamara foi cortado, Chuck parou encostado na casca áspera da árvore, inspirando seu cheio de resina. Ainda conseguia enxergar sua avó e Beezie ao longe. A idosa lhe trazia cheiros de lugares distantes, do mar, que ficava a oitenta quilômetros ou mais dali, mas talvez fosse um mar mais distante que se agarrava a ela.

— E você cheira a verde — havia dito ela. — Ah, e isto porque venho de um

país verde e distante, e o cheiro dele sempre estará comigo.

— A que cor eu cheiro? — perguntou Beezie.

— Amarelo, como ranúnculos e luz do sol e asas de borboleta.

Verde e ouro. Cheiros bons. Cheiros de casa. Sua mãe era o azul do céu no início das manhãs. Seu pai era o mogno forte do armário alto na sala de estar, com a lanterna piscando sobre a madeira polida. Cheiros confortáveis, seguros.

E, de repente, pensar no odor de biscoitos e pão recém-assado lhe chamaram, e ele correu para alcançá-las.

• • •

A família morava em cima do armazém em um apartamento comprido e desordenado. A sala da frente, que dava para a rua, era um depósito cheio de caixas e barris. Atrás dele ficavam três quartos: o dos pais, seu cubículozinho e o maior, que Beezie dividia com a avó. Depois deles havia a cozinha e a grande sala comprida que servia de sala de estar e jantar.

Havia fogo crepitando na lareira, pois as noites de primavera podiam ser gélidas. A família estava sentada a uma grande mesa redonda servida para o chá, com biscoitos e pão ainda quentes do forno, um jarro de leite e um grande bule de chá coberto com a renda que a avó havia trazido da Irlanda.

Chuck tomou seu assento e sua mãe serviu-lhe chá.

— Salvou mais uma árvore?

— Sim. Da próxima vez eu devia levar as tesouronas do Papai.

Beezie empurrou o prato de pão com manteiga até ele.

— Pegue a sua parte rápido ou eu como tudo.

As narinas sensíveis de Chuck contraíram-se. Havia um cheiro na sala que lhe era totalmente desconhecido, e do qual ele tinha medo.

O pai se permitiu um biscoito.

— Esta é das vezes em que eu queria que as tardes de domingo fossem mais do que uma vez por semana.

— Você parece cansado ultimamente. — A esposa olhou para ele com nervosismo.

— Estar cansado é o estado natural de um dono de armazém do interior que não tem muita noção de negócios.

A avó andou rangendo de seu lugar na mesa até a cadeira de balanço.

— Trabalho duro não é coisa fácil. Você precisa de mais ajuda no armazém.

— Não tenho como pagar, Vovó. Quem sabe nos conta uma história?

— Vocês já ouviram tantas vezes quanto há estrelas no céu.

— Eu nunca me canso.

— Já contei demais por hoje.

— Ah, vamos, Vovó. — O Sr. Maddox a bajulou. — Você nunca cansa de contar histórias e sabe que inventa a maior parte na hora.

— Histórias são como crianças. Elas crescem a seu modo. — Ela fechou os olhos. — Eu vou dar só um cochilinho.

— Então você me conta da princesa índia, papai — ordenou Beezie.

— Não sei muito dela no que concerne a fatos passíveis de comprovação. Meu antepassado ilustre, Matthew Maddox, de quem posso ter herdado uma pitada de talento, escreveu sobre ela em seu segundo livro. Foi dos mais vendidos na época. Fico triste que ele não teve como saber do sucesso, pois foi publicado postumamente. Era uma fantasia estranha, com qualidades que levaram alguns críticos a chamar de primeiro livro de ficção científica norte-americano, dado que brincava com o tempo, e ficou óbvio que ele tinha ouvido falar das teorias genéticas de Mendel. De qualquer modo, querida Beezie, é um relato ficcional de dois irmãos do antigo País de Gales que vieram a este país após a morte do pai, os primeiros europeus a botarem o pé nestas margens inexploradas. E, assim como os irmãos brigavam em Gales, também brigavam no Novo Mundo, e o mais velho dos dois chegou até a América do Sul. Madoc, o mais novo, ficou com os índios em um lugar sem nome, mas que Matthew Maddox sugere que seja bem aqui, e casou-se com a princesa índia Zyll, ou Zillah, e no livro é a linhagem dele que se perde e precisa ser reencontrada.

— Parece interessante — disse Chuck.

Beezie enrugou o nariz.

— Não gosto tanto de ficção científica. Gosto mais de contos de fadas.

— *A Corneta da Alegria* tem elementos dos dois. A ideia de que o irmão mais velho e orgulhoso tem que ser derrotado pelo irmão mais novo inconsequente, mas honesto, certamente é um tema de contos de fadas. Na história também havia um unicórnio que viajava no tempo.

— Por que não contou pra gente antes? — perguntou Beezie.

— Achei que eram muito novos para se interessar. De qualquer modo, vendi meu exemplar quando me ofereceram um valor absurdamente alto, quando eu... era uma quantia muito grande para recusar. Matthew Maddox, para um escritor do século 19, tinha intuição fabulosa quanto às teorias do espaço, tempo e relatividade que Einstein viria a postular gerações mais tarde.

— Mas isto não é possível — reclamou Beezie.

— Exatamente. De qualquer modo, está tudo no livro de Matthew. É um romance atmosférico, assombroso, e já que Matthew Maddox supôs que era

descendente do jovem galês, o que ficou aqui, e da princesa indígena, eu aceitei sua ideia de que o nome Maddox vem de Madoc. — Uma sombra cruzou seu rosto. — Quando meu pai teve um derrame e tive que deixar meu rincão de poeta na cidade para vir ajudar no armazém, tive que desistir do meu sonho de seguir os passos de Matthew.

— Ah, Papai... — disse Chuck.

— Fico mais triste por vocês, crianças. Nunca tive a chance de provar se podia ou não ser escritor. Mas, como comerciante, sou um fracasso. — Ele levantou-se. — É melhor eu descer, ficar uma horinha trabalhando nas contas.

Quando ele saiu, agarrando-se ao corrimão para descer a escada íngreme, o cheiro que assustava Chuck foi junto.

• • •

Chuck não contava a ninguém, nem mesmo a Beezie, sobre o cheiro que estava em seu pai, mas não era de seu pai.

Chuck tinha pesadelos duas vezes por semana. Quando ele gritava de terror, sua mãe vinha correndo. Ele só lhe dizia que fora um sonho ruim.

Beezie não se convencia tão fácil.

— Tem alguma coisa preocupando você, Chuck.

— Sempre tem coisas para nos preocupar. Muita gente deve pro Papai e ele está preocupado com as contas. Ouvi um vendedor dizendo que não podia conceder mais crédito ao Papai.

— Você é muito novo pra se preocupar com essas coisas — disse Beezie. — Enfim, não é o tipo de coisa com a qual você se preocupa.

— Estou ficando mais velho.

— Não tanto.

— O papai tem me dado mais responsabilidades. Agora entendo mais do negócio.

— Mas não é com isso que você está preocupado.

Ele tentou outra abordagem.

— Não gosto do Paddy O'Keefe atrás de você no colégio.

— Paddy O'Keefe repetiu a sexta série três vezes. Ele pode ser bom no beisebol, mas não sou dessas meninas que acha que o sol nasce para ele.

— Deve ser por isso que ele está atrás de você. — Ele havia conseguido desviar a atenção dela.

— Não deixo ele chegar perto. Ele nunca toma banho. Qual é o cheiro dele,

Chuck?

— De marmota com caspa.

• • •

Uma noite depois do jantar, Beezie disse:

— Vamos ver se os vagalumes já voltaram. — Era sexta-feira e não haveria colégio pela manhã, então eles podiam ir para a cama quando bem entendessem.

Chuck sentiu um desejo avassalador de sair de casa, sair de perto do cheiro que quase fazia ele vomitar.

— Vamos.

Ainda era crepúsculo quando chegaram à rocha plana. Sentaram-se, e a rocha ainda retinha o calor do sol daquele dia. De início havia só centelhas ocasionais, mas conforme ficou mais escuro Chuck perdeu-se em um deslumbre de prazer, conforme uma galáxia de vagalumes acendia e apagava, lançando-se para cima em um fulgor de luz, caindo na terra como estrelas cadentes, movimentando-se em dança contínua e efervescente.

— Ah, Beezie! — gritou ele. — Estou deslumbrado com esta suntuosidade.

Atrás deles a floresta estava escura de sombras. Não havia lua e um fino véu de nuvens escondia as estrelas.

— Se fosse noite clara — comentou Beezie—, os vagalumes não seriam tão claros. Nunca vi eles tão bonitos. — Ela deitou-se na rocha, olhando para o céu sombreado, depois fechando os olhos. Chuck a imitou.

— Vamos ver o revolver da terra — disse Beezie. — Faz parte da dança dos vagalumes. Está sentindo?

Chuck apertou as pálpebras bem fechadas. Soltou um leve suspiro.

— Ah, Beezie! Eu senti que a terra pendeu para o lado! — Ele se levantou, agarrando a rocha. — Fiquei tonto.

Ela lhe deu uma risadinha efervescente.

— Pode ser um pouco assustador fazer parte da terra e das estrelas e dos vagalumes e das nuvens e das rochas. Deite-se de novo. Você não vai cair, prometo.

Ele recostou-se, sentindo a radiância banhar seu corpo.

— A rocha continua quente.

— Fica quente o verão inteiro, pois as árvores não a encobrem. E tem uma rocha na floresta que está sempre fria, mesmo no dia mais quente, pois as folhas ficam tão fechadas que os dedos do sol não a tocam.

Chuck sentiu uma sombra gélida cruzá-lo e teve um calafrio.

— Sentiu alguma coisa ruim? — perguntou Beezie, delicadamente.

Ele deu um salto.

— Vamos pra casa.

— Por quê? O que houve? Está tão lindo.

— Eu sei... mas vamos pra casa.

Quando eles voltaram, tudo estava em polvorosa. O Sr. Maddox havia desabado de dor e fora levado ao hospital às pressas. A avó aguardava as crianças.

Assim que Chuck entrou em casa, o cheiro assustador explodiu sobre ele com a violência de uma onda.

A avó puxou as crianças para si e as abraçou.

— Mas o que foi? O que tem o Papai? — Beezie quis saber.

— O enfermeiro da ambulância acha que foi o apêndice.

— Mas ele vai ficar bem? — implorou ela.

— Minha querida, vamos esperar e rezar.

Chuck apertou-se contra ela, tremendo, sem falar. Aos poucos o cheiro se dissipava, deixando um vazio estranho na passagem.

O tempo pareceu parar. Chuck olhava para o relógio, achando que havia passado uma hora, mas descobrindo que fora só um minuto. Depois de longo tempo, Beezie caiu no sono, sua cabeça no colo da avó. Chuck estava vigilante, passando os olhos do relógio ao telefone e à porta. Ao final, também dormiu.

Durante o sono ele sonhou que estava deitado sobre a rocha plana e sentia o balançar da terra em torno do sol. De repente a rocha se inclinou até ficar íngreme e ele estava escorregando, e remexeu-se aterrorizado para não cair do precipício até o mar das trevas.

— Rochas... íngremes... — gritou ele.

A avó pôs a mão na rocha, para segurá-la, e então ele parou de sonhar.

Mas, quando acordou, sabia que seu pai havia morrido.

As rochas em sua ingremidez

A estridência repentina do telefone acordou Meg com um solavanco de terror. O coração dela começou a dar baques surdos e ela se puxou da cama, maliciosa de Ananda. Com os pés metade dentro e metade fora das pantufas, um braço enfiado no roupão, ela desceu a escada aos tropeços até o quarto dos pais. Eles não estavam. Então ela correu até a cozinha.

O pai estava no telefone e ela o ouviu.

— Tudo bem, Sra. O’Keefe. Um de nós já vai até aí.

Não era o presidente.

Mas a Sra. O’Keefe? No meio da noite?

Os gêmeos também estavam na porta.

— O que foi? — perguntou a Sra. Murry.

— Como vocês já sabem, era a Sra. O’Keefe.

— A essa hora da noite! — exclamou Sandy.

— Ela nunca nos ligou — disse Dennys — em hora nenhuma.

Meg soltou um suspiro de alívio.

— Pelo menos não era o presidente. O que ela queria?

— Ela disse que encontrou uma coisa que quer que eu veja, e mandou que fosse lá de uma vez.

— Eu vou — disse Sandy. — Você não pode sair de perto do telefone, pai.

— Você tem a sogra mais bizarra do mundo — disse Dennys a Meg.

A Sra. Murry abriu a porta do forno e a fragrância do pão quentinho soprou.

— Quem quer um pouco de pão com manteiga?

— Meg, vista seu roupão direito — mandou Dennys.

— Sim, doutor. — Ela botou o braço esquerdo na manga e amarrou o cinto.

Se ela ficasse na cozinha com a família, o tempo passaria com a inevitabilidade de sempre. O desvelar que se partira com a estridência do telefone se perdeu em algum ponto de sua mente inconsciente. Ela odiava rádios-relógios, pois eles a despertavam de modo tão abrupto que ela esquecia os sonhos.

Havia alguma relação com a Sra. O’Keefe naquele desvelo. Mas qual? Ela

vasculhou a mente. Vagalumes. Tinha a ver com vagalumes. E uma menina e um menino, e o cheiro do medo. Ela sacudiu a cabeça.

— O que foi, Meg? — perguntou a mãe.

— Nada. Estou tentando lembrar de uma coisa.

— Sente-se. Uma bebida quentinha não vai lhe fazer mal.

Era importante que ela visse a Sra. O'Keefe, mas não conseguia lembrar por que, pois o desvelo se partira.

— Eu já volto — Sandy garantiu a eles, e saiu pela porta da despensa.

— O que diabos... — disse Dennys. — A Sra. O'Keefe está além da minha compreensão. Fico contente que não vou optar por psiquiatria.

A mãe deles serviu um prato de pão muito cheiroso à mesa, depois virou-se para colocar a chaleira no fogo.

— Vejam!

Meg seguiu o olhar da mãe. Entrando pela cozinha estavam o gatinho e Ananda, em fila indiana, o gatinho com seu rabo reto para o ar, a passinhos como se conduzisse a cachorroneira, cujo rabo imenso estava abanando loucamente. Todos riram, e a risada congelou conforme as duas criaturas passaram pela mesa do telefone. Duas vezes desde a ligação do presidente, primeiro Calvin, depois sua mãe. Quando ia tocar de novo e quem seria?

Meg ficou surpresa que o pão quente tinha um gosto maravilhoso, que o chá a aqueceu, e que ela havia conseguido, pelo menos por um instante, relaxar. Ananda ganiu suplicante, e Meg lhe deu um pedacinho de torrada.

Do lado de fora ouviu-se o som de um carro, o bater de uma porta e então Sandy entrou com a Sra. O'Keefe. A idosa tinha teias de aranha no cabelo e manchas de sujeira no rosto. Na mão, vários papezinhos.

— Alguma coisa por dentro disse para eu subir no sótão — anunciou, em triunfo. — Aquele nome... Mad Dog Branzillo... soou um alarme em mim.

Meg olhou para a sogra e de repente o desvelo veio como uma enchente.

— Beezie! — gritou ela.

A Sra. O'Keefe lançou-se contra ela como se fosse um ataque.

— O que disse?

Meg pegou as mãos da idosa.

— Beezie, Mamãe. Você era chamada de Beezie.

— Como você sabe? — a idosa quis saber, feroz. — Não há como você saber! Ninguém me chama de Beezie desde o Chuck.

Lágrimas tomaram os olhos de Meg.

— Ah, Beezie, Beezie, sinto muito.

A família olhou para ela, espantada. O Sr. Murry perguntou:

— O que foi isso, Meg?

Ainda segurando as mãos da sogra, Meg respondeu:

— A Sra. O’Keefe era chamada de Beezie quando era menina. Não era, Mamãe?

— É melhor que esqueçam — disse a idosa, severa.

— E a senhora chamou Charles Wallace de *Chuck* — insistiu Meg —, e Chuck era seu irmão menor, que você amava muito.

— Quero me sentar — disse a Sra. O’Keefe. — Deixe o passado estar. Quero lhes mostrar uma coisa. — Ela entregou um envelope amarelado ao Sr. Murry. — Veja isso.

O Sr. Murry puxou os óculos nariz acima.

— É a carta de um Bran Maddox, em Vespúgia, para um Matthew Maddox bem aqui.

Os gêmeos se olharam. Sandy disse:

— Hoje à noite estávamos falando de Matthew Maddox, quando fomos procurar uma coisa para Meg. Foi um romancista do século 19. Tem data na carta?

O Sr. Murry puxou uma folha amarelada de dentro do envelope antigo, com todo o cuidado.

— Novembro de 1865.

— Então o Matthew Maddox podia ser dos livros que Dennys estudou na faculdade!

— Deixe o Pai ler a carta. — Dennys deteve o gêmeo.

Amado irmão Matthew, saudações deste caloroso dia de novembro em Vespúgia. Temos neve em casa? Estou me fixando bem com o grupo de Gales, e sinto que os conheço desde sempre. Que aventura fundar uma colônia neste país árido, onde as crianças podem aprender galês no colégio e onde podemos cantar durante o trabalho.

O mais estranho de tudo é que nossa lenda familiar estava aqui e me encontrou. Papai e o Dr. Llawcae ficarão em êxtase. Crescemos com a lenda de Madoc ter deixado o País de Gales e vindo ao Novo Mundo, tal qual outras crianças cresceram com George Washington e a cerejeira^[1]. Acredite se quiser — mas sei que você vai acreditar, porque é absolutamente verdade —, aqui há um indígena de olhos azuis que diz ser descendente de um príncipe galês que veio à América muito antes de qualquer homem branco. Ele não sabe como seus antepassados chegaram à América do Sul, mas jura que a mãe cantava músicas sobre ele

ser o descendente de olhos azuis de um príncipe galês. Chama-se Gedder, embora não seja seu nome real. Sua mãe morreu quando ele e a irmã eram pequenos, e eles foram criados por um rancheiro inglês que não sabia pronunciar o nome galês, por isso chamava-o de Gedder. E o nome da irmã — este talvez seja o mais sensacional: Zillie. Ela não tem olhos azuis, mas é muito bonita, com belas feições, cabelos lisos e negros que prende em uma longa trança. Lembra-me a amada Zillah.

Gedder tem sido extraordinariamente prestativo em muitos sentidos, embora tenha boa dose de arrogância e uma tendência a querer ser o líder que já provocou encrenca nesta comunidade onde não se espera que homem algum coloque-se acima dos irmãos.

Mas que maravilhoso que a antiga lenda esteja aqui para me receber! Quanto a nossa irmã Gwen, ela dá de ombros e diz: “Que diferença faz essa história boba?” Ela está decidida a não gostar daqui, embora seja óbvio que fique contente quando é pajeada por todos os homens.

O Dr. Llawcae já decidiu deixar Zillah vir e encontrar-me na primavera? As mulheres a receberiam muito bem, e ela seria um toque de casa para Gwen. Estou feliz aqui, Matthew, e sei que Zillah ficaria feliz comigo, como minha esposa e companheira de vida. Aqui as mulheres não são rebaixadas — Gwen pode admitir. Talvez você pudesse vir e trazer Zillah consigo? A comunidade está bem assentada, de modo que acredito que poderíamos cuidar de você, e este clima seco seria melhor para você que a umidade de casa. Por favor venham, preciso de ambos.

Seu afetuoso irmão,
Bran

O Sr. Murry parou de ler.

— É muito interessante, Sra. O’Keefe, mas por que é tão importante que eu veja? — *...e que tenha ligado no meio da noite*, ele pareceu emendar.

— Não percebeu?

— Não, desculpe.

— Achei que o senhor era brilhante...

— Esta carta foi enviada de Vespúgia — respondeu o Sr. Murry. — O que já é estranho: ter uma carta que foi remetida de Vespúgia.

— Exato — disse a idosa, triunfante.

— Onde encontrou esta carta, Sra. O’Keefe? — perguntou o Sr. Murry.

— Já disse. No sótão.

— E seu nome de solteira era Maddox. — Meg sorriu para a idosa. — Então eles eram seus antepassados, este Bran Maddox, seu irmão Matthew e sua irmã Gwen.

Ela assentiu.

— Sim, e provavelmente sua noiva, Zillah, também. Maddox e Llawcae estão na minha família, desde muito tempo.

Dennys olhou para a sogra da irmã com respeito renovado.

— Sandy estava pesquisando sobre Vespúgia hoje e nos contou de uma colônia galesa por lá em 1865. Então um de seus ancestrais foi para lá?

— Parece que sim, não é? E esse tal Branzillo é de Vespúgia.

— Coincidência notável... — disse o Sr. Murry, que parou de falar assim que a esposa lhe dirigiu um olhar. — Ainda não vejo que ligação pode ter com Branzillo, ou qual seria o significado se tivesse.

— Não é? — inquiriu a Sra. O’Keefe.

— Diga-nos, por favor — sugeriu a Sra. Murry delicadamente.

— Os nomes. Bran. Zillah. Zillie. Se juntar, ficam bem parecidos com Branzillo.

A Sra. Murry olhou para ela, admirada.

— Que incrível!

— Há outras cartas? — perguntou o Sr. Murry.

— Tinha. Antes.

— Onde estão?

— Se foram. Fui procurar. Comecei a pensar neste tal Branzillo quando fui pra casa. Lembrei do Chuck e eu no...

— Chuck e você onde, Mamãe? — questionou Meg.

A Sra. O’Keefe puxou dos olhos o cabelo cheio de teias de aranha.

— Nós líamos as cartas. Histórias inventadas sobre Bran, Zillah, todo mundo. Fazíamos brincadeiras, um fingia que era o outro. Aí, quando o Chuck... perdeu a vontade de brincar, ele esqueceu tudo. Fez eu esquecer. Mas o nome, Branzillo, me chamou atenção. Bran. Zillah. Peculiar.

O Sr. Murry olhou para o papel amarelo, pensativo.

— Peculiar, de fato.

— Onde está seu caçulinha? — A Sra. O’Keefe quis saber.

O Sr. Murry olhou para o relógio.

— Foi dar uma caminhada.

— Quando?

— Faz mais ou menos uma hora.

— No meio da noite, nessa idade?

— Ele tem quinze anos.

— Não. Doze. Chuck tinha doze.

— Charles Wallace tem quinze anos, Sra. O’Keefe.

— Um nanico, portanto.

— Por enquanto.

— E vocês não cuidam dele. Chuck precisa de cuidados especiais. E as pessoas me criticam por não cuidar dos meus filhos!

Dennys também olhou o relógio.

— Quer que eu vá atrás dele, Pai?

O Sr. Murry fez que não.

— Não. Acho que hoje à noite temos que confiar em Charles Wallace. Sra. O’Keefe, vai ficar mais?

— Sim. Preciso ver o Chuck.

— Peço licença a todos — falou Meg. — Eu quero voltar para a cama. — Ela tentou esconder a urgência na voz. Estava com uma necessidade pavorosa de voltar ao sótão com Ananda. “Chuck *tinha* doze”, dissera a Sra. O’Keefe. Chuck tinha doze quando aconteceu o quê? Tudo que acontecera com Chuck estava acontecendo com Charles Wallace.

— Gostaria de tomar um chá? — sugeriu a Sra. Murry.

— Não, obrigada, estou bem. Alguém me chama quando o Charles chegar?

Ananda a seguiu até o andar de cima, lambendo os lábios de felicidade com as últimas migalhas amanteigadas.

O sótão estava frio e ela subiu rápido na cama e envolveu a colcha em torno de si e da cadela. *Charles Wallace queria que eu encontrasse uma ligação entre o País de Gales e Vespúgia, e Dennys encontrou no seu livro de pesquisa. Mas a ligação é muito mais próxima. A carta que a Sra. O’Keefe trouxe era de 1865, e da Vespúgia, então a conexão é próxima como seu sótão.*

Apesar do brilho caloroso do aquecedor elétrico, ela tremeu.

Essas pessoas na carta devem ser importantes, ela pensou, assim como o Bran que escreveu a carta e sua irmã Gwen. É certo que o nome Zillie deve ter alguma ligação com a Zyll de Madoc, e com a Zylle de Ritchie Llawcae, que quase foi queimada por bruxaria.

E então, o Matthew a quem ele escreveu deve ser o mesmo Matthew Maddox que escreveu os livros. Tem alguma coisa nesse segundo livro que é importante e os Ectroi não querem que saibamos. Está tudo conectado e ainda não sabemos o que as conexões significam.

E o que aconteceu com Beezie, para ela se tornar a Mamãe O’Keefe? Ah,

Ananda, Ananda, o que aconteceu?

Ela recostou-se nos travesseiros e ficou passando a mão para a frente e para trás no pelo suave do cão, até que o calor formigante subiu pelo seu braço e tomou-lhe o corpo.

• • •

— Mas por que o pai? — Beezie perguntava sem parar. — Por que o pai teve que morrer?

— Nunca há resposta para esta pergunta, minha Beezie — respondeu a avó com toda paciência. — Não é uma pergunta que se faça.

— Mas eu pergunto!

A avó parecia cansada e idosa. Até então Chuck nunca havia pensado nela como velha, como alguém que tivesse uma idade. Ela era apenas a Vovó, sempre lá, a servi-los. Agora ela perguntava, não às crianças, mas aos céus:

— E por que o meu Patrick, e mais novo que seu pai? Por que uma coisa dessas? — Uma lágrima escorreu pela sua bochecha, e Beezie e Chuck abraçaram-na para confortá-la.

A Sra. Maddox repassou os livros-caixa que ele mantinha pacientemente em dia. Quanto mais ela olhava, mais lentas suas mãos viravam as páginas.

— Eu sabia que a situação estava ruim, mas não tão ruim. Devia ter percebido quando ele vendeu o livro de Matthew Maddox...

Chuck subiu nos espaços de armazenagem escuros sob as calhas, procurando tesouro. Encontrou uma garrafa cheia de moedinhas, mas nenhum ouro nem joias para dar à mãe. Encontrou uma *Encyclopaedia Britannica* antiga, as páginas amareladas, a encadernação quebrada, mas ainda útil. Encontrou um conjunto de porcelana enrolado em jornais velhos com data de muito antes de ele e Beezie nascerem, que ele esperava que conseguissem vender. Encontrou um cofre, chaveado.

Trouxe suas descobertas à sala de estar. Sua mãe estava no armazém, mas Beezie e a avó estavam lá, cuidando dos assados da semana.

— As moedas são velhas. De repente valem alguma coisa. A porcelana está boa. Pode pagar nosso combustível por um mês, por aí. O que há na caixa?

— Não há chave. Eu vou quebrar. — Ele pegou um martelo, uma chave de fenda e uma chave inglesa. O cadeado velho cedeu, e ele conseguiu levantar a tampa. Na caixa, havia um maço de cartas e um caderno grande com encadernação em couro azul, quase se desfazendo. Chuck abriu o livro na

primeira página e havia um esboço em aquarela, só um pouco esmaecido, do interior na primavera.

— Vovó! É a nossa rocha, nossa rocha de piquenique!

A idosa gargalhou.

— E é mesmo.

A rocha estava sombreada por azuis suaves e lavanda que se misturavam a formar cinza. Atrás dela, as árvores eram verdejantes como a primavera. Sobre ela voava um panapaná de borboletas em azuis suaves e primaveris, complementadas pelo ouro e preto das borboletas-tigre. Em torno da rocha havia flores de primavera, salpicando a grama como o fundo de uma tapeçaria.

Chuck exclamou, espantando:

— Ah, Beezie, ah, Vovó! — Com reverência, ele virou a página. Em belíssima caligrafia estava escrito *Madrún, 1864, Zillah Llawcae*.

A avó limpou as mãos cheias de farinha e colocou os óculos, debruçando-se sobre o livro. Juntos eles leram a primeira página.

Madrún.

Passadas as dez horas. Pela janela do quarto, consigo enxergar a casa dos Maddox morro abaixo. O Sr. e a Sra. Maddox estarão dormindo. Eles acordam às cinco da manhã. Gwen Maddox... quem sabe? Gwen sempre se considerou uma adulta e eu, criança, embora tenhamos apenas dois anos de diferença.

Os gêmeos, meus queridos gêmeos, Bran e Matthew. Estarão acordados? Quando Bran mentiu a idade e entrou na cavalaria, com tanto medo de que fosse perder a guerra, temi que ele fosse morrer em combate. Quando sonhava com ele voltando para casa, toda noite, quando eu olhava o diamante no meu dedo e rezava para que ele estivesse seguro, nunca pensei que poderia ser assim: Bran fechado em si, recusando a comunicar-se com quem for que seja, até com seu irmão gêmeo. Se eu tento falar com ele sobre nosso casamento, ele me interrompe ou vira as costas sem dizer uma palavra. Matthew diz que há outros que sofrem esta doença do espírito por conta dos horrores da guerra.

Eu sou, e há dezessete anos sou, Zillah Llawcae. Um dia serei Zillah Maddox?

Eles seguiram virando páginas, agora mais rápido, sem parar para ler cada dia do diário, mas olhando as pinturas refinadas de pássaros e borboletas, flores e

árvores, esquilos e ratinhos do campo e pererecas, todas de observação meticulosa e reprodução precisa.

Um calafrio subiu e desceu a espinha de Chuck.

— A mãe do Papai era Llawcae. Essa Zillah pode ser uma das nossas ancestrais... e ela estava viva quando pintou isso tudo, e é exatamente como agora, igual.

Ele virou mais uma página; seu olhar foi capturado. Ele leu:

Hoje é meu aniversário de dezessete anos, e vem sendo triste, embora Pai e eu tenhamos sido convidados para jantar nos Maddox. Bran estava lá e ainda assim não estava. Ele sentou-se à mesa, mas mal comeu os deliciosos pratos que foram preparados especialmente para hoje, tanto para seduzi-lo quanto para me homenagear, e se alguém lhe fizesse perguntas ele respondia com monossílabos.

Ele virou a página e fez mais uma pausa.

Matthew diz que Bran quase teve uma conversa com ele ontem à noite, e tem esperança de que as feridas de guerra medonhas que tem na mente e no espírito estejam começando a se curar. Eu uso seu anel, seu halo de esperança, e não perderei a confiança. O que eu faria sem a amizade de Matthew para me confortar e manter? Não fosse o acidente de Matthew, me pergunto qual gêmeo teria pedido minha mão. Uma questão que é melhor não levantar, já que amo os dois com ternura.

A avó tirou a carta de cima do pacote.

— É de Bran Maddox, aquele de quem Zillah está falando, mas é de algum lugar no exterior. Vespúgia? Onde seria?

— É parte do que já foi a Patagônia.

— Pata...?

— Na América do Sul.

— Ah, certo. — Ela puxou a carta do envelope.

Amado irmão Matthew, saudações deste caloroso dia de novembro em Vespúgia. Temos neve em casa? Estou me fixando bem com o grupo de Gales, e sinto que os conheço desde sempre...

Quando terminou de ler a carta, ela disse:

— Seu pobre papai ficaria muito animado com isto.

Chuck, concordando com a cabeça, continuou a virar páginas, parando para ler uma frase aqui e outra ali. Assim como imagens da natureza, a jovem Zillah Llawcae tinha vários esboços de pessoas, alguns em nanquim, outros em aquarela. Havia um desenho a nanquim de um homem alto com cartola, levando uma maleta preta, com aparência similar à de Lincoln, ao lado de um cavalo e uma carroça. Abaixo estava escrito: “Pai, prestes a partir para um parto.”

Havia vários desenhos de um jovem, pouco saído da adolescência, com cabelos claros, compleição clara e imberbe, e olhos bem afastados, que enxergavam longe. Estas tinham a inscrição “Meu amado Bran”, “Meu querido Bran”, “Amor do meu coração”. E havia desenhos de alguém que parecia Bran e ainda não era Bran, pois no rosto haviam entalhado linhas de sofrimento. “Meu caro Matthew”, Zillah havia escrito.

— É tão lindo — disse Beezie. — Eu queria pintar assim.

Mas a mente da idosa havia voltado ao pragmatismo.

— Será que este caderno renderia uns dólares?

— Não pode vender, Vovó! — falou Chuck, horrorizado.

— Se ainda quisermos um teto, rapaz, precisamos de dinheiro. Sua mãe vai vender tudo que pode.

O negociante de antiguidades que comprou as moedas e o conjunto de porcelana, por uma quantia que Chuck e Beezie acharam espantosa, não se interessou pelo caderno de Zillah.

A Sra. Maddox olhou para ele triste.

— Eu sei que vale alguma coisa. Seu pai saberia onde eu devo levar. Se pelo menos eu lembrasse do nome da pessoa que comprou o livro de Matthew Maddox.

Mas Chuck não encontrava no coração a vontade de vender o belo diário. Sua avó pegou uma fronha antiga de linho e fez uma capa para proteger a encadernação de couro esfarelado, e Beezie bordou duas borboletas em azul e dourado. Ela ficou tão hipnotizada com o diário quanto Chuck.

Eles dividiram o caderno e as cartas com a avó, lendo a ela em voz alta enquanto ela passava o ferro e costurava, até que estivesse tão envolvida quanto eles. O presente era tão lúgubre que os três acharam alívio em viver no passado distante.

• • •

Beezie e Chuck olharam para o velho alicerce atrás do armazém.

— É aqui que devia ser a casa dos Maddox. Eles não moravam em cima do armazém, como nós.

— Nossa dependência era parte do armazém.

— O que será que aconteceu com a casa?

— Nunca saberemos — disse Beezie, sombria.

— Tentei pegar um dos livros de Matthew Maddox na biblioteca — disse Chuck. — Mas a bibliotecária disse que eles não aparecem há muito tempo. Acha que alguém roubou. Mas consegui uns livros sobre Vespúgia. Vamos subir e olhar.

Eles compararam as fotografias nos livros com as aquarelas nas últimas páginas do diário, onde Zillah havia tentado reproduzir em nanquim e tinta o que Bran havia descrito nas cartas. A pintura que Zillah fizera, de vastas planícies erguendo-se como terraços até o pé dos Andes, lhes deu a sensação de um mundo tão diferente que poderia ser outro planeta.

Beezie havia voltado ao caderno de Zillah, à pintura de um índio alto e bonito, com estranhos olhos azuis bem próximos ao nariz aquilino. A legenda dizia: “É assim que eu acho que deve ser Gedder. O índio de quem Bran escreve descende do irmão de Madoc.”

Chuck pegou uma das cartas de Bran e leu:

Queria ser mais próximo de Gedder, que tem atração óbvia por Gwen. Sinto-me um ingrato quanto penso em tudo que ele fez por nós. Construir é totalmente diferente no clima vespugiano em comparação a nossa casa — ou a Gales. E tremo em pensar que tipo de casas teríamos construído se Gedder não houvesse nos mostrado como construir habitação para deixar o vento entrar, em vez de mantê-lo do lado de fora. E ele nos mostrou quais sementes plantar, coisas robustas como repolho e cenoura, e como fazer quebra-ventos na lavoura. Todos os índios nos ajudaram, mas Gedder mais que os outros, e mais visivelmente. Mas ele nunca ri.

— Não confio em gente que não ri. — Ele soltou a carta.

• • •

Beezie conseguiu um emprego de babá que começava logo depois do colégio, então Chuck assumiu o lugar dela no caixa, fingindo que era Matthew Maddox e que o armazém era grande e próspero. A avó começou a passar roupas e costurar para fora, e suas mãos idosas estavam sempre ocupadas. Não havia tempo para o sossego do chá nem para contar histórias. Chuck entrou cada vez mais fundo na brincadeira de se passar por outros. Matthew e Zillah, Bran e Gwen, Gedder e Zillie, eram todos mais vivos para ele do que qualquer outra pessoa, fora Beezie e sua avó.

Uma noite, a Sra. Maddox ficou até tarde no andar de baixo, no armazém. Quando Chuck voltou de cortar lenha para um vizinho, encontrou Beezie e a avó tomando chá de ervas.

— Vovó, estou com fome. — Ele sentiu a barriga roncando. A ceia tinha sido sopa e torrada seca.

Como se houvesse ignorado suas palavras, a idosa olhou para ele.

— Duthbert Mortmain está visitando sua mãe. Está lá embaixo.

— Não gosto dele — disse Beezie.

— Talvez tenha que gostar — respondeu-lhe a avó.

— Por quê? — perguntou Chuck. Ele lembrava de Duthbert Mortmain como um homem arrastado, de cara dura, que fazia serviços de encanador. E o cheiro dele? Não era bom. Duro, com um torrão de carvão.

— Ele se ofereceu para casar com sua mãe e assumir o armazém.

— Mas o Papai...

— As carnes assadas do funeral já esfriaram. Duthbert Mortmain tem uma mente empreendedora, e ninguém comprou o armazém, tampouco vai. Sua mãe não tem muita escolha. E apesar do trabalho duro e do coração pesado, ela ainda é uma mulher bonita. Não é à toa que Duthbert Mortmain tenha se apaixonado por ela.

— Mas ela é nossa *mãe* — reclamou Beezie.

— Não para Duthbert Mortmain. Para ele, é uma mulher desejável. E, para sua mãe, ele é uma saída.

— Saída para o quê? — perguntou Chuck.

— Sua mãe está prestes a perder o armazém e o nosso teto. Em semanas estaremos na rua.

O rosto de Chuck se iluminou.

— Podíamos ir para Vespúgia!

— É preciso ter dinheiro para viajar, Chuck, e dinheiro é o que não temos. Você e Beezie iriam para lares adotivos, e sua mãe e eu...

— Vovó! — Beezie agarrou a manga da idosa. — Você não quer que a Mamãe case com ele, quer?

— Não sei o que eu quero. Queria que alguém cuidasse dela, assim como de você e Chuck, antes de eu morrer.

Beezie abraçou a idosa.

— Você não vai morrer, Vovó, não vai nunca!

As narinas de Chuck contraíram-se de leve. O cheiro de esporos de dente-de-leão era forte.

A idosa desvencilhou-se da neta.

— Você já viu que a morte leva preparados e despreparados, minha Beezie. Afora minha preocupação com seu futuro e o da sua mãe, estou pronta para ir para casa. Faz muito tempo que estou longe do meu Patrick. Ele me aguarda. Passei os últimos dias olhando por cima do ombro, esperando vê-lo.

— Vovó — Beezie passou os dedos pelos seus cachos. — A Mamãe não ama o Duthbert Mortmain. Não pode! Eu odeio ele!

— Odiar mais mal faz a quem odeia do que ao odiado.

— E Branwen não odiava?

— Não. Branwen amava e foi traída, e berrou a runa para ter auxílio, não por ódio ou vingança. E o sol derreteu a neve branca para ela poder dormir aquecida, e o fogo em seu pequeno forno não se apagou, mas chamejou para deixá-la aconchegada, e o relâmpago levou a mensagem a seu irmão, Bran, e seu rei irlandês correu a seu navio e o vento soprou-o mar afora e o navio afundou nas profundezas e Bran chegou a sua irmã Branwen e abençoou a terra árida para ela voltar a ser verde e florescer.

— Ela chegou a amar alguém de novo, depois do rei irlandês? — perguntou Beezie.

— Esqueci — disse a idosa.

— Vovó! Por que não usa a runa? Talvez assim Mamãe não tenha que casar com Duthbert Mortmain.

— A runa não deve ser usada de modo leviano.

— Isto não é leviano.

— Não sei, minha Beezie. Tem-se que seguir os padrões, e só os muito impetuosos mexem com os padrões. A runa serve apenas para emergências atroz.

— E não é uma emergência?

— Talvez não seja a certa. — A idosa fechou os olhos e ficou indo para a frente e para trás em silêncio, e quando falou foi em uma cantilena rítmica, tal como quando entoava as palavras da runa. — Você usará a runa, minha ovelhinha, você usará a runa, mas não antes da hora certa. — Ela abriu os olhos e fixou-se em Beezie com um olhar penetrante que parecia atravessá-la.

— Mas quando eu vou saber qual é a hora certa? Por que agora não é certo?

A idosa fez não com a cabeça e fechou os olhos e balançou de novo.

— Este momento não é o momento. A noite está chegando e as nuvens se aglomeram. Nada podemos fazer até elas estarem juntas. Chuck vai avisá-la da hora certa. Do outro lado das trevas, Chuck vai avisá-la, vai avisá-la, vai... — As palavras dela se perderam, ela abriu os olhos e falou com voz natural. — Para a cama, os dois. Está tarde.

• • •

— Duthbert Mortmain, esse velho horrendo — disse Beezie a Chuck num belo dia de verão. — Eu que não vou chamá-lo de Papai.

— Nem eu.

Duthbert Mortmain parecia muito satisfeito em ser chamado de Sr. Mortmain.

Ele gerenciava o armazém com eficiência austera. Era carinhoso com a mãe deles, muitas vezes estava acariciando seus cabelos. As pessoas comentavam como ele havia caído de amores por ela.

Uma placa acima do caixa dizia SEM FIADO. Beezie e Chuck ajudavam nas tardes e nos sábados, como sempre. E a mãe deles ainda não sorria, nem mesmo quando Duthbert Mortmain lhe trouxe uma caixa de chocolates com um laço lavanda.

Ela não tinha mais cheiro de medo, pensou Chuck, mas também não cheirava mais ao céu azul da manhã. Agora era o céu noturno, com uma fina cobertura de nuvem turvando o azul.

Duthbert Mortmain poupava suas graças para os clientes. Ria, contava piadas e dava toda aparência de ser um camarada cordial, gentil. Mas, ao subir, à noite, sua cara era azeda.

— Não façam barulho, crianças — avisava a mãe deles. — Seu... meu marido está cansado.

Beezie sussurrava com Chuck:

— Papai também ficava cansado, mas gostava de nos ouvir rir.

— Nós éramos filhos dele — respondia Chuck. — De Duthbert Mortmain não somos. E ele não gosta do que não é dele.

• • •

Duthbert Mortmain não demonstrou seu temperamento cruel até a primavera

seguinte. Não se via sinal disto no armazém, mesmo com os fregueses ou vendedores mais complicados. No andar de cima, porém, as coisas começaram a ser do seu jeito. Numa manhã sua esposa (“Odeio quando chamam ela de Sra. Mortmain!”, Beezie estourou) chegou ao café da manhã com o olho roxo e explicou que tinha batido numa porta no escuro. A avó, Beezie, e Chuck olharam para ela, mas nada disseram.

E ficou muito claro que Duthbert Mortmain não gostava de crianças, mesmo quanto quietas. Sempre que Chuck fazia alguma coisa que desagradasse o padrasto, o que acontecia ao menos uma vez por dia, Mortmain lhe dava safanões para que os ouvidos tinissem sem parar.

Quando Beezie sentava-se no caixa, seu padrasto a beliscava no braço toda vez que passava, como se fosse um gesto afetuoso. Mas seu braço estava tão lotado de marcas azuis e pretas que ela vestia sempre um casaco para esconder os machucados.

Um dia, no intervalo do colégio, Chuck viu Paddy O’Keefe chegar em Beezie, e correu até eles para ouvir Paddy perguntar:

— O Velho Mortmain está atrás de você?

— Como assim?

— Você entendeu.

— Não, não entendi. — Mas ela sentiu um calafrio.

Chuck interveio:

— Deixe minha irmã em paz.

— É bom dizer pro velho Mortmain deixar ela em paz, nanico. Se precisar de ajuda, Beezie, é só me avisar. O bom e velho Paddy resolve pra você.

• • •

Naquela noite, o gênio de Duthbert Mortmain saiu totalmente do controle.

Eles haviam terminado a refeição da noite e, quando Beezie estava arrumando a mesa, seu padrasto veio e a beliscou no traseiro. Chuck viu o olhar gélido que ela lhe dirigiu.

— Duthbert... — a mãe deles protestou.

— Duthbert Mortmain, tome jeito. — A avó fitou-o demoradamente, olhos nos olhos. Ela não disse mais nenhuma palavra, mas o aviso estava claro no olhar. Ela colocou xícaras e copos numa bandeja e dirigiu-se à pia.

Mortmain também deixou a mesa. Conforme a idosa ia chegando na escada, ele ergueu o braço para lhe dar um tapa.

— Não! — gritou Beezie.

Chuck botou-se entre a avó e o padrasto e levou toda o impacto do golpe de Mortmain.

Beezie gritou de novo, quando Chuck desabou, caindo escada íngreme abaixo com uma chuva de porcelana e vidro quebrado. Então ela correu atrás dele.

Chuck ficou em pose distorcida ao pé da escada, olhando para ela com olhos que não enxergavam nada.

— Gedder me empurrou. Ele me empurrou. Não deixe ele casar com Gwen. Zillah, não deixe Gedder, não deixe...

[1.](#) Quando criança, George Washington teria cortado a cerejeira preferida de seu pai a machadadas, por peraltice. Quando questionado pelo pai, teria dito: “Não posso contar mentiras.” Apócrifa ou não, a cena é contada até hoje como parte da biografia do primeiro presidente dos Estados Unidos, cuja data de aniversário é comemorada com tortas de cereja. [N. do T.]

A terra em sua aridez

Um campo de dentes-de-leão. Amarelo. Amarelo. Que explode branco, uma nevasca de branco, um terror de branco. Caules verdes, escorrendo gosma.

Vovó.

Vovó.

• • •

Vovó, você não vai morrer. Não vai nunca.

• • •

Gedder.

O cheiro. Cheiro ruim.

Arma. A arma de Gedder. Impedir

queda feia

Gwen Zillah

cabeça dói

dói

chifre cristal cura

unicórnio de Matthew vem

ponta toca cabeça luz cura

• • •

Beezie! Vovó! Mamãe! Papai!

• • •

Duas lápides no cemitério.

Uma luta na beira do penhasco, como Gwydyr e Madoc à beira do lago. Ruim. Ruim.

Beezie, nunca deixe ele tocar em você.

• • •

De dentro de si Charles Wallace assistiu o unicórnio abaixar a cabeça e a ponta ardente do chifre tocar a cabeça de Chuck, nela derramando luz. Ele manteve o chifre ali até a luz derramar-se, os espasmos de dor calmaram, o menino parou de falar atropelado e dormiu.

• • •

— Charles Wallace!

Ele ficou ouvindo. A voz parecia a de Gaudior, mas não era Gaudior, e ele não via mais a beleza prateada do unicórnio nem a luz do chifre. Nada era visível, nem mesmo as trevas. Algo estava acontecendo, ele não sabia o quê. Ele ainda estava Adentro Chuck, mas mesmo assim tinha a consciência intensa de si como Charles Wallace, e algo o puxava.

• • •

Meg sentou-se, piscando os olhos e passando a mão no pelo de Ananda. O gatinho havia voltado e estava dormindo no travesseiro. De início Meg não sabia por que havia lágrimas no seu rosto nem por que estava assustada.

Ela fechou os olhos, triste, e viu o unicórnio parado, imóvel, próximo à rocha de observação estelar. Uma gota de cristal em forma de pera correu do olho de Gaudior e estilhaçou-se em mil fragmentos na pedra. O unicórnio olhou para o céu. As estrelas cintilavam com muito brilho. Pequenos fiapos de nuvem estrelada correram ao veloz vento norte. Ela achou ter ouvido Gaudior dizer:

— A Antiga Música uma vez esteve neles. Foi uma vitória para os Ectroi.

Meg pensou na Sra. O’Keefe aguardando no andar de baixo. Sim. Foi, de fato, uma vitória do inimigo. Era insuportável saber que Beezie, a menina de ouro,

havia tornado-se a velha megera sem dentes e olhar ressentido.

Há mais nela do que se percebe.

Infinitamente mais.

E agora? O que vai acontecer?

Com Chuck?

Com Charles Wallace?

• • •

— Charles Wallace!

Ele escutava. Seria Gaudior? Escutava, mas não conseguia enxergar, e a voz ecoou como se viesse de muito longe.

— Charles Wallace. — A voz era compadecida. — Você não tem que ficar Adentro Chuck agora que isto aconteceu. Não era o que esperávamos.

Charles Wallace sentiu-se com frio, confuso e, assim, ficou zangado.

— Mas eu *estou* Adentro Chuck.

— Sim. E Chuck está inconsciente, e quando voltar a si, não será o mesmo. Ele fraturou o crânio. Embora a cura do chifre tenha levado o pior da dor, não havia como consertar a lesão cerebral. E agora há instruções para você ser libertado, se assim desejar.

Charles Wallace sentia-se oprimido pelas trevas e pela dor.

A voz quase-Gaudior prosseguiu.

— Adentro Chuck como ele está agora, você não terá controle sobre suas ações. O cérebro dele entrou em curto. Se existe um Pode-Ter-Sido que você devia modificar para evitar desastre, você não terá capacidade nem de reconhecê-lo nem de modificá-lo.

— Se você me libertar de Adentro Chuck, o que acontece?

— Você será mandado Adentro outra pessoa e aí estará mais apto a realizar sua missão. O tempo urge, como você sabe. E não sabemos o que pode acontecer enquanto você estiver encurralado Adentro esta criança prejudicada.

— Quem é você? — perguntou Charles Wallace à voz invisível. — Você parece Gaudior, mas não é Gaudior.

A voz riu, delicada.

— Não, não sou Gaudior. Toda a luz curativa deixou seu chifre, mas ele não podia curar Chuck, embora não tenha deixado ele morrer... o que talvez não tenha sido bondade. Ele voltou para casa, para mergulhar o chifre nas piscinas de cura e reabastecer-se.

— Então quem é você?

A voz riu de novo.

— Você me viu quando Gaudior levou-o para seu lar, depois de quase afogar-se no mar da Era do Gelo. Eu sou o unicórnio que você viu sair da casca.

— Por que eu não consigo vê-lo? Por que não consigo ver nada? — As palavras da voz haviam lhe dado segurança, e ainda assim ele sentia um mau agouro.

— Enquanto você estiver Adentro Chuck, você verá apenas o que Chuck vê. Ele está inconsciente e assim ficará por vários dias. Venha, Charles Wallace, não há tempo a perder. Deixe eu ajudá-lo a sair de Chuck. Se quisermos evitar que Mad Dog Branzillo comece o holocausto, você não pode hesitar.

— Tenho que pensar... — Havia algo de errado, mas ele não sabia o quê.

— Charles Wallace. Gaudior há de corroborar o que eu lhe disse. O cérebro de Chuck foi prejudicado. Ele é pouco mais que um idiota. Saia.

— Se eu sair, eu vejo você? — Havia alguma coisa na voz dele que não fechava com a imagem visual do bebê unicórnio; mas era claro que ele não seria mais bebê.

— Claro que você vai me ver. Rápido. Há uma urgência terrível no que você vai realizar.

— Eu?

— Claro, você. Você foi escolhido, não foi?

— Não. Beezie... a Sra. O'Keefe... me encarregou.

— Porque você é o único que pode deter Branzillo.

— Mas eu não posso...

— Claro que pode. — A voz era paciente e carinhosa. — Por que acha que foi escolhido?

— Ora... Gaudior aparentemente achava que eu podia Adentrar pessoas, por causa do jeito como eu e Meg desvelamos.

— Exatamente. Você foi escolhido por conta de seus dons especiais e da inteligência fora do comum. Sabe disso, não sabe?

— Bom... eu sei desvelar. E sei que meu Q.I. é alto, o mais alto possível. Mas não é o bastante...

— Claro que é. E você tem capacidade de ver a diferença entre certo e errado e tomar as decisões corretas. Você foi escolhido porque é um jovem extraordinário e seus dons e cérebro qualificam-no. Você é o único que pode controlar o Pode-Ter-Sido.

O estômago de Charles Wallace se revoltava.

— Venha, Charles Wallace. Você foi escolhido. Você está no controle do que vai acontecer. Você é necessário. Temos que ir.

Charles Wallace começou a vomitar. Seria reação às palavras tentadoras, ou porque Chuck, com sua cabeça esmagada, estava vomitando? Mas ele sabia que, independente do que aparentava a voz, não era um unicórnio. Quando ele parou de vomitar, disse:

— Não sei quem você é, mas não é igual a Gaudior. Gaudior nunca diria o que você acabou de dizer. Foi tentar usar meu Q.I. elevado, tentar controlar as coisas que nos causaram problemas. Não sei o que eu tenho que usar, mas não é meu intelecto nem minha força. Por pior que seja, eu estou Adentro Chuck. E nunca saí de um Adentrar por conta própria. Foi sempre algo que aconteceu. Vou ficar Adentro.

• • •

Meg soltou um longo suspiro.

— Ele fez a opção certa, não fez?

A língua cálida de Ananda tocou gentilmente a mão de Meg.

Meg fechou os olhos e ficou escutando. Achou ter ouvido um uivo de derrota, e sentiu o fedor terrível dos Ectroi.

Então eles vinham tentando chegar a Charles Wallace de modo muito mais sutil do que tentar arrancá-lo das costas de Gaudior ou de lançá-lo nas Projeções.

Duthbert Mortmain quase matou Chuck. Para ele, nada mais se daria em linha reta, nem o tempo nem a distância. Sua mente era tal como a terra instável, cheia de falhas, com camadas que se alteravam, se afastavam. Era como estar em um pesadelo do qual não havia possibilidade de acordar. Ela ansiava por ele, e por Charles Wallace Adentro dele.

• • •

Dor e pânico

O mundo se inclina

girando no eixo, fora de controle

girando a soltar-se do sol rumo à escuridão

luz estoura nos seus olhos, uma explosão de luz

um caleidoscópio de cores brilhantes assolando suas narinas

— Chuck! — A voz começou a ecoar de uma vasta distância, ecoando pelas paredes invisíveis de um túnel escuro.

— Chuck! É a Beezie, sua irmã. Chuck, consegue me ouvir?

Ele estava oprimido pelo vasto peso da atmosfera, mas conseguiu erguer um dedo em resposta ao chamado de Beezie, temendo, ao fazê-lo, que se o peso sumisse ele cairia da Terra em inclinação louca...

— Ele me ouviu! Mamãe, Chuck mexeu o dedo!

• • •

Aos poucos a velocidade furiosa, fora de controle, diminuiu, e o planeta voltou ao ritmo normal. As cores cessaram sua dança caleidoscópica e ficaram no lugar. Os cheiros voltaram a ficar identificáveis: café; pão; maçãs. Beezie: o ouro não era brilhante como antes, mas ainda era Beezie. E a mãe deles: o azul agora era nebuloso, mal era azul, mais próximo do cinza das nuvens de chuva. Vovó: onde está o cheiro da Vovó? Por que há vazio? Onde fica o verde?

— Vovó!

— Ela morreu, Chuck. O coração dela não resistiu.

— Gedder a empurrou. Ele a matou.

— Não, Chuck. — A voz de Beezie era amarga, e a amargura obscurecia ainda mais seu ouro. — Duthbert Mortmain. Ele ficou furioso com ela, ia bater nela, mas você a salvou, e aí ele bateu em você, e você caiu escada abaixo e fraturou o crânio. E a vovô... ela simplesmente...

— O quê? O Gedder...

— Não, não, não tem Gedder, Chuck. Duthbert Mortmain. Ele sentiu-se tão terrível quanto pode sentir. Ele e a Mamãe levaram-no ao hospital e eu fiquei em casa, com Vovó, e ela olhou pra mim e disse: “Sinto muito, Beezie, não posso esperar mais. Meu Patrick veio me buscar.” E ela deu um suspiro e acabou.

Ele a ouviu, mas entre as palavras duras veio outro som e o odor de um vento quente e alienígena. As camadas do tempo deslizavam sob ele.

— Mas Gwen não devia casar-se com Gedder. Os filhos de Gwydyr não deviam casar-se com os de Madoc.

Havia pânico na voz de Beezie.

— Do que está falando? Chuck, não, por favor. Você me assusta. Quero que você fique bem.

— Chega de passar por outros. É verdade. Gwen e Gedder... seria ruim, ruim...

O penhasco erguia-se alto sobre ele, escuro, fazendo sombra. Gedder estava no alto do penhasco, aguardando, aguardando... por quem ele esperava?

• • •

Chuck melhorou aos poucos, até conseguir colocar latas e caixas nas prateleiras do armazém. Embora ele não desse conta do colégio, recuperou-se o bastante para marcar preços no estoque do armazém. Raramente cometia enganos e, quando fazia, Duthbert Mortmain não lhe dava safanões.

Às vezes Chuck via-o como Mortmain, às vezes como Gedder, quando os mundos se distorciam.

— Gedder está mais gentil do que era — informou a Beezie. — Ele é mais gentil com Mamãe. E com vovó e eu.

— Vovó... — Um soluço travou a voz de Beezie. — Chuck, como você pôde! Como você consegue brincar com isso? — A voz dela se ergueu de escândalo. — Como você pode fugir de mim assim quando preciso de você? Não me deixe!

Ele ouvia e não ouvia. Ele estava entre as camadas e não conseguia entrar na camada certa para ficar com Beezie.

— Vovó diz que não posso deixar ele me ouvir chamá-lo de Gedder, porque esse não é o nome de verdade dele, então não vou chamar. — A intenção dele era dizer, ele achava que dizia “Eu nunca vou te deixar, Beezie”, mas as palavras da outra camada eram as que saíam pela sua boca. — Onde está Matthew? Quero conversar com ele. Ele tem que levar Zillah a Vespúgia.

Às vezes a terra começava a pender de novo e ele não conseguia ficar de pé por causa da velocidade. Então tinha que ficar na cama até a inclinação se acertar.

Ele subiu as escadas do sótão um dia, quando a terra estava firme sob seus pés, e rastejou aos cantos mais escuros e mais cheios de teia, até suas mãos sentirem um pacote. De início achou que fosse uma antiga bolsinha de tabaco, mas aí viu que era uma capa de oleado enrolando papéis. Cartas. E recortes de jornal.

Cartas de Bran para Zillah, para Matthew. Cartas de urgência.

Ele olhou para elas e as palavras dançaram, piscaram. Às vezes parecia que diziam uma coisa, às vezes outra. Ele não conseguia ler as letrinhas pequenas. Passou as mãos nos globos oculares e tudo fez faísca, como fogos de artifício. Ele suspirou, frustrado, levou as cartas e recortes para baixo e colocou embaixo do travesseiro.

Eu conto pra Vovó. Ela me ajuda a ler.

• • •

O desvelo vinha a Meg em ondas distorcidas.

Em um instante ela entendia, e no outro estava suspensa no universo alternante de Chuck. Ela puxou-se do desvelo para tentar pensar.

O que está ficando claro, pensou ela, é que é importante saber se Mad Dog Branzillo é da linhagem de Madoc ou de Gwydyr. De um jeito ou de outro, está entre os dois bebês no cristal, o cristal que tanto Madoc quanto Brandon Llawcae viram.

Não sabemos muita da linhagem de Gwydyr. Ele foi execrado e acabou voltando a Vespúgia. Achamos que Gedder é seu descendente.

Sabemos um pouco mais da linhagem de Madoc. De cada vez que Charles Wallace Adentrou, sabemos que a maioria dos ancestrais de Madoc ficou por aqui.

Então os ancestrais de Branzillo têm importância. E está tudo no livro de Matthew Maddox ao qual Charles Wallace não consegue chegar porque os Ectroi estão bloqueando. Mas o que Charles Wallace poderá fazer a esse respeito, mesmo que ele e Gaudior consigam chegar à Patagônia?

Aos poucos ela voltou ao desvelo.

• • •

— Chuck. — Era a voz de Beezie.

— Aqui estou.

— Como se sente?

— Tonto. A terra está girando, como na noite em que vimos os vagalumes.

— A noite em que Papai morreu.

— Sim. Como naquela.

— Você lembra? — perguntou ela, surpresa.

— É claro.

— Tem muita coisa que você não lembra. Por que isso que não pode mais ir para o colégio. Chuck

— Que foi?

— A Mamãe vai ter um bebê.

— Não pode. Papai morreu.

— Ela casou de novo.

— Ela e Gedder não podem ter bebê. Seria ruim.

— Achei que você tinha voltado a falar que nem antes. Achei que você estava bem! — A voz dela subiu de frustração e de indignação. — Não é Gedder! É

Mortmain!

Ele tentou voltar a ela, mas não conseguia.

— Mesma coisa. Mesmo cheiro. O bebê tem que vir de Madoc. Bran e Zillah têm que ter o bebê por causa da oração.

— Qual oração? — gritou ela.

— *Senhores do azul e senhores do ouro*
Senhores dos ventos, das águas em choque,
Senhores do tempo morredouro,
Quando virá a estação do leve toque?
Quando virá o filho do azul Madoc?

— Onde você aprendeu isso?

— Nas cartas.

— Que cartas?

Ele ficou impaciente.

— As cartas de Bran, é claro.

— Mas nós lemos todas. Não tinha nada parecido com isso.

— Encontrei mais.

— Quando? Onde?

— No sótão. A Vovó me ajuda a ler.

— Onde estão? — ela quis saber.

Ele remexeu embaixo do travesseiro.

— Aqui.

• • •

Chuck caminhava por uma noite de primavera, cheirando a grama crescer, as flores caindo das árvores. Caminhava por campos, por um riacho, bebeu da água que corria de neve derretida, erguendo a cabeça. Apressando-se a ficar de pé, subiu na rocha plana. A dor caminhava com ele, e havia um véu escuro de nuvem entre seus olhos e o mundo. Se uma cadeira estivesse fora do lugar, ele esbarrava. Árvores e rochas não se mexiam; ele sentia-se mais seguro na rocha do que em qualquer outro lugar.

Não contou do véu a ninguém.

Ele começou a cometer erros ao marcar os preços no estoque, mas Duthbert Mortmain supôs que era porque a queda havia deixado-o de miolo mole.

O bebê chegou, um garoto, e a mãe parou de trabalhar no armazém. Paddy O’Keefe havia saído do colégio e veio ajudar. Chuck seguia as instruções de Paddy, marcando as latas com a etiqueta que Paddy lhe dava. Ouviu Paddy dizer:

— Ele dá mais trabalho do que vale. Por que não mandam pro hospício? Mortmain resmungava alguma coisa sobre a esposa.

— Não tem medo que ele machuque o bebê? — perguntou Paddy.

Depois daquilo, Chuck não se metia com ele o tanto quanto podia, passando os dias quentes na rocha plana, e os frios, enrolado no sótão. Encontrava e conversava com Beezie apenas às noites e nas tardes de domingo.

— Chuck, o que há nos seus olhos?

— Nada.

— Você não está enxergando direito.

— Está tudo bem.

— Mamãe...

— Não conte pra Mamãe!

— Mas você tem que ver um médico.

— Não! Tudo que eles querem é uma desculpa pra me mandar embora. Você deve ter ouvido os dois, Paddy e Duthbert. Eles querem me internar. Pelo meu próprio bem, Mortmain disse à Mamãe. Ele disse que eu sou um idiota e posso machucar o bebê.

Beezie caiu em lágrimas e abraçou o irmão.

— Você não vai machucá-lo!

— Eu sei que não. Mas é isso que Mamãe vai ouvir.

— E você não é idiota!

O rosto dele estava molhado das lágrimas de Beezie.

— Se você contar pra eles dos meus olhos eles me botam num manicômio pelo meu próprio bem e do bebê. Estou tentando ficar fora do caminho.

— Eu ajudo você. Ah, Chuck, eu ajudo — prometeu Beezie.

— Tenho que ficar tempo suficiente para garantir que Matthew mande Zillah a Vespúgia. Ele está economizando.

— Ah, Chuck. — Beezie gemeu. — Não deixe que eles ouçam quando você fala assim.

• • •

Conforme o véu se aprofundou e enegreceu, sua visão interna iluminou-se.

Quando o clima estava bom, ele passava o dia deitado na rocha plana, olhando para o céu e tendo visões, visões mais vívidas do que qualquer uma que visse com olhos sem véu. Sua concentração era tão forte que ele virou parte de tudo que acontecia nas visões. Às vezes, à noite, ele contava delas a Beezie, fingindo que eram sonhos, para que ela não ficasse incomodada.

— Sonhei que eu cavalgava um unicórnio. Ele parecia o luar e era tão alto que eu tinha que escalar uma árvore para subir nas suas costas e nós voávamos entre os vagalumes e o unicórnio e eu cantávamos junto.

— Que sonho lindo. Conte-me mais.

— Sonhei que o vale era um lago e que eu montava em um peixe lindo, parecido com uma toninha.

— Papai dizia que o vale foi um lago, lá na pré-história. Arqueólogos encontraram fósseis de peixe nas rochas glaciais. Deve ser por isso que você sonhou.

— Vovó nos contou do lago, no dia que sopraram dentes-de-leão.

— Ah, Chuck, você é tão estranho, como você lembra das coisas...

— E eu sonhei com uma fogueira de rosas, e... — Ele foi tateante atrás da mão dela. — Eu posso entrar e sair do tempo.

— Ah, Chuck!

— Consigo, Beezie.

— Por favor... por favor, pare.

— São só sonhos — ele a reconfortou.

— Bom, que seja. Mas não conte à Mamãe.

— Só a você e à Vovó.

— Ah, Chuck.

• • •

Ele conhecia o caminho até a rocha tão bem que lhe era mais fácil ir no escuro, quando não conseguia enxergar nada, do que no sol, quando feixes de fulgor penetravam no véu como lanças e feriam seus olhos e confundiam seu senso de direção.

Tempo. Tempo. Não havia muito tempo.

Tempo. O tempo era fluido como a água.

Ele ficou ao lado do sofá de Matthew.

— Você não pode esperar mais. Você tem que levar Zillah a Vespúgia agora, ou será tarde demais.

Matthew está escrevendo, escrevendo contra o tempo. Está tudo no livro de que Papai falava. Eles não querem que eu veja o livro.

Ritchie está fazendo uma janela no quarto de Brandon, antes de partir para o País de Gales...

Mas Zillah não está... Por que há uma menina índia?

Porque não é hora de Zillah. Ela vem depois, na época de Matthew.

Unicórnios conseguem andar pelo tempo

e idiotas

espaço é mais difícil

Paddy não me quer por aqui. Paddy e Mortmain. Não tenho muito tempo

Senhores do espaço e Senhores do tempo

Senhores das bênçãos, Senhores do abraço

Quem está no melhor clima?

Quem seguirá Madoc e sua rima?

O azul há de mudar tempo e espaço

Em Gwynedd, você não aprendeu que só há espaço para um rei?

Você será grande, pequeno Madog, e chamará o mundo de seu, para manter ou destruir conforme sua vontade. O mundo é maligno, pequeno Madog.

Você fará o bem pelo seu povo, El Zarco dos Olhinhos Azuis. A oração foi atendida em você, azul de nascimento, azul de contentamento

Qual azul será

Eles lutam

no alto do penhasco

na rocha íngreme

o mundo

está pendendo

corre muito rápido

eu vou cair

Todos disponho eu

A luz retornou aos poucos. Havia sombras, nada além de sombras que se aprofundavam, e dor, e aos poucos a dor começou a passar e a luz da cura tocou suas pálpebras fechadas. Ele as abriu. Estava na rocha de observação estelar com Gaudior.

— O vento fez você sair de Chuck.

— O que aconteceu com ele?

— Mortmain mandou-o para um hospício. Está pronto? É hora de... — Uma onda de tensão cruzou os flancos do unicórnio.

Charles Wallace sentiu o vento passar por eles, gelado e ganhando força.

— O que Chuck viu... dois homens lutando... foi real?

— O que é real? — respondeu Gaudior de forma irritante.

— É importante!

— Nem sempre sabemos o que é importante e o que não é. Os ventos alertam-nos para correr, correr. Suba e segure-se firme.

— Devo me amarrar em você de novo?

— O vento diz que está na hora. Vamos voar até sair do tempo e atravessar galáxias que os Ectroi desconhecem. Mas o vento diz que, mesmo assim, pode ser difícil você Adentrar. Segure-se e tente não ter medo.

Charles Wallace sentiu o vento sob eles quando Gaudior abriu as asas. O voo de início foi sereno. Então ele começou a sentir frio, um frio profundo e penetrante, pior do que o frio do mar na Era do Gelo. Um frio tanto do espírito quanto do corpo. Ele não caiu do unicórnio porque estava congelado no animal; suas mãos se solidificaram no aperto da crina congelada.

Os cascos de Gaudior tocaram algo sólido, e o frio passou o suficiente para o menino conseguir soltar as mãos e abrir as pálpebras congeladas. Eles estavam na praça aberta de uma cidade congelada de prédios altos e sem janelas. Não havia sinal de árvores nem de grama. O cimento gelado estava rachado e havia grandes nacos de alvenaria caídos na rua.

— Onde... — Charles Wallace começou a falar, mas parou.

O unicórnio virou a cabeça aos poucos.

— Uma Projeção...

Charles Wallace acompanhou o olhar dele e viu dois homens com máscaras de

gás patrulhando a praça com metralhadoras.

— Eles nos enxergam?

A resposta veio quando os dois homens pararam, viraram-se, olharam através dos olhos negros e arredondados das máscaras de gás direto para o unicórnio e o garoto, e ergueram as armas.

De um enorme salto, Gaudior lançou-se para o alto, as asas tensas. Charles Wallace ficou rente ao pescoço do unicórnio, as mãos entrelaçadas na crina. No instante em que escaparam dos Ectroi, e assim que os cascos de Gaudior tocaram o chão, a Projeção se foi.

— Aqueles homens armados... — Charles Wallace começou a dizer. — Eles teriam como nos matar numa Projeção?

— Não sei — disse Gaudior— e não queria esperar para descobrir.

Charles Wallace olhou em volta com alívio. Quando ele deixou Chuck, era outono e o vento frio desnudava as árvores. Agora era o auge da primavera, com as antigas macieiras e pereiras em plena flor, e o cheiro de lilás à brisa. Ao redor deles, os pássaros cantavam vivazes.

— O que devíamos fazer agora? — perguntou Charles Wallace.

— Pelo menos você está perguntando, não dizendo. — Gaudior soou incomumente zangado, de modo que o garoto percebeu que ele estava incomumente nervoso.

• • •

Meg tremeu. Dentro do desvelo ela viu a rocha de observação estelar e um dia dourado de verão. Havia duas pessoas na rocha, uma jovem e um jovem — ou um garoto? Ela não tinha certeza, pois havia algo de errado com o garoto. Mas pelo vestido ela tinha certeza que era a época da Guerra da Secessão — por volta de 1865.

• • •

O Adentrar foi longo e agonizante; não imediato, como sempre fora. Charles Wallace sentiu uma dor insuportável nas costas e as pernas se esmagando. Conseguia ouvir seu próprio grito. Seu corpo estava sendo forçado contra outro e ao mesmo tempo algo se esforçava para arrancá-lo dali. Ele estava sendo despedaçado numa batalha entre forças opostas. O sol ardeu, seguido de uma

nevasca, de neve derretida por fogo ardente e *flashes* repentinos de relâmpago, levados por um vento potente, que castigava mar e terra...

Seu corpo se foi e ele havia Adentrado, Adentro um corpo aleijado, o corpo de um jovem com pernas inutilizadas como as de uma criança franzina... Matthew Maddox.

Da cintura para cima ele era muito parecido com Madoc. Tinha mais ou menos a mesma idade, com uma cabeça ativa e uma juba de cabelos claros. Mas o corpo não se parecia em nada com o forte e viril de Madoc. E os olhos eram cinzentos como o oceano antes da chuva.

• • •

Matthew olhava melancolicamente para a menina, que parecia ter a mesma idade, embora os olhos dela fossem bem mais jovens que os dele.

— *Croeso f'annwyl*, Zillah. — Ele pronunciava as palavras carinhosas do galês com toda doçura. — Obrigado por ter vindo.

— Você sabia que eu vinha. Vim assim que Jack O'Keefe trouxe sua mensagem. Como você chegou aqui?

Ele apontou uma carroça baixa que estava um pouco distante da rocha.

Ela olhou para seu torso poderoso, os ombros e braços de músculos fortes.

— Sozinho, todo o trajeto?

— Não. Eu consigo, mas me toma muito tempo, e tive que repassar o livro-caixa do armazém pela manhã. Quando fui ao estábulo para encontrar Jack e pedir que entregasse a carta, engoli o orgulho e pedi para ele me trazer aqui.

Zillah esparramou a saia branca plissada pela rocha. Ela usava um chapéu de aba larga com laços azuis, que destacavam os reflexos no seu cabelo negro, liso e reluzente, e um medalhão em laço azul no pescoço. Para Matthew Maddox, era a mulher mais bela, mais desejável e, especialmente para ele, mais inalcançável no mundo.

— Matt, o que houve? — perguntou ela.

— Aconteceu alguma coisa com Bran.

Ela ficou pálida.

— Como você sabe? Tem certeza?

— Na noite passada acordei de sono profundo com uma dor muito aguda na perna. Não minha dor familiar, mas a dor de Bran. E ele me chamava para ajudá-lo.

— Ó, bom Deus. Ele vai ficar bem?

— Está vivo. Vem tentando falar comigo o dia inteiro.

Ela enterrou o rosto nas mãos, de modo que suas palavras ficaram abafadas.

— Obrigado por me contar. Você e Bran... vocês sempre foram íntimos, mais ligados que a maioria dos gêmeos.

Ele só assentiu com a cabeça.

— Sempre fomos próximos, mas foi depois do meu acidente que... você sabe que foi Bran que me trouxe de volta à vida, Zillah.

Ela deitou a mão delicadamente sobre o ombro dele.

— Se Bran estiver ferido, vamos precisar de você. Como você já precisou de Bran.

Depois do acidente, cinco anos antes, quando seu cavalo destruiu uma cerca e passou por cima dele, esmagando sua pélvis e pernas e fraturando sua espinha, Bran não havia lhe demonstrado piedade; em vez disso, tentou com toda ferocidade convencer seu irmão gêmeo a ter a maior independência possível, e recusou-se a deixar que ele sentisse pena de si mesmo.

— Mas Rollo pula cercas duas vezes mais altas com facilidade.

— Aquela ele não pulou.

— Bran, pouco antes de ele pular, havia um fedor terrível, pútrido...

— Pare de voltar atrás. Siga nisto.

Eles continuaram indo a todo lugar juntos — até chegar a guerra. Diferente de Bran, Matthew não tinha como mentir a idade para entrar na cavalaria.

— Eu vivi minha vida através de Bran, indiretamente — disse Matthew a Zillah. — Quando ele foi para a guerra, foi a primeira vez que me deixou de fora. — Depois: — Quando você e Bran se apaixonaram, eu soube que tinha que começar a deixar que ele se fosse, que eu tinha que encontrar uma vida que fosse minha para ele ser livre. E era mais fácil deixá-lo para você do que para qualquer outra pessoa no mundo, porque você sempre me tratou como um ser humano completo, e eu sabia que vocês dois não iam me excluir de suas vidas.

— Matt, querido. Nunca. E você está fazendo sua vida. Você vende seus contos, seus poemas, que considero do nível de Mark Twain.

Matthew riu, uma risada calorosa que suavizava os riscos de dor no rosto.

— São obra de um principiante.

— Mas os editores acham boas, assim como meu pai.

— Fico contente. Valorizo a opinião do Dr. Llawcae tanto quanto a de qualquer pessoa neste mundo.

— E ele ama você, Bran e Gwen como se fossem meus irmãos e irmã. E sua mãe tem sido uma segunda mãe para mim desde que minha querida mamãe morreu. Quanto a nossos pais... eles podem ser parentes distantes, mas são como cara de um, focinho de outro na paixão que têm pelo País de Gales. Matt... você

já disse alguma coisa sobre Bran a Gwen ou seus pais?

— Não. Eles não gostam da ideia de que Bran e eu nos comunicamos sem falar ou sem cartas. Fingem que é um truque que inventamos, do mesmo modo que costumávamos um trocar de lugar com o outro quando pequenos, para enganar os outros. Acham que o que fazemos não é verdade.

— É verdade, não duvido. — Zillah sorriu. — Querido Matt, acho que amo você quase tanto quanto Bran.

• • •

Uma semana depois, o Sr. Maddox recebeu a notificação oficial de que seu filho havia se ferido em combate, que seria dado como inválido e enviado para casa. Ele chamou a família à biblioteca lotada e escura para dar a notícia.

A Sra. Maddox abanava-se com o leque de renda preta.

— Graças a Deus.

— Você está contente que Bran se feriu! — Gwen gritou, indignada.

A Sra. Maddox continuou a se abanar.

— É claro que não, criança. Mas sou grata a Deus por ele estar vivo e que vem para casa antes que lhe ocorra algo pior que uma bala na perna.

É pior, Mamãe, pensou Matthew em silêncio. Bran tem me expulsado de seus pensamentos e nunca fez algo assim. Tudo que sinto dele é uma dor banal, um amortecimento. Gwen tem mais razão do que imagina em ficar descontente.

Ele olhou para a irmã, pensativo. Ela tinha cabelos negros e olhos azuis como Zillah, o que as fazia parecer mais irmãs do que primas distantes. Mas o rosto dela não tinha a franqueza do de Zillah, e seus olhos eram de um azul mais frio, que cintilava quando ela ficava brava. Depois do acidente de Matthew ela sentira pena dele, mas não traduzira sua pena em compaixão. Matthew não queria pena.

Gwen devolveu o olhar.

— E como você se sente quanto a seu irmão gêmeo voltar para casa, Matthew?

— Ele está muito ferido, Gwen — disse ele. — Não será o mesmo Bran jovial que partiu.

— Ele ainda é só uma criança. — A Sra. Maddox voltou-se para o marido, que estava sentado atrás da grande mesa de carvalho da biblioteca.

— Ele é um homem, e quando vier para casa o armazém há de chamar-se Maddox e Filho — disse o marido.

• • •

Maddox e Filho, pensou Matthew, sem amargura, *não Maddox e Filhos*.

Ele virou sua cadeira de rodas um pouco para fora. Estava totalmente comprometido com seus escritos; não tinha vontade alguma de ser sócio na Secos e Molhados Maddox, que era um estabelecimento grande e próspero no meio do vilarejo, e recebia fregueses do interior num raio de quilômetros. O primeiro andar do prédio, com vigas amplas, era tomado pelos bens alimentícios necessários ao vilarejo. Em cima ficavam selas e arreios, armas, arados e até remos, em boa quantidade, como se o Sr. Maddox lembrasse da época em que quase todo o vale fora um grande lago. Tudo que restava do grande corpo aquoso original eram alguns lagos. Matthew passava a maioria das manhãs no armazém, cuidando de livros-caixa e de todas as contas.

Atrás do armazém ficava a casa, que se chamava Merioneth. A casa dos Llawcae, Madrun, ficava atrás de Merioneth, e era um pouco mais pomposa, com pilares brancos e uma fachada de tijolos cor de rosa. Merioneth era a típica casa de fazenda com três andares e estrutura branca, com persianas negras que substituíam as antigas cabanas de troncos.

— As pessoas acham que estamos nos exibindo ao dar nomes às casas — Bran reclamara um dia, antes do acidente, enquanto ele e Matthew voltavam do colégio.

Matthew fez uma estrelinha.

— Eu gosto — disse ele ao levantar-se pela direita. — Merioneth levou o nome de um primo distante no País de Gales.

— É, eu sei: Michael Jones, um ministro independente de Bala em Merioneth.

— Primo Michael ficou contente por termos dado este nome à casa. Fala isso quase toda vez que escreve ao Papai. Você não ouviu ontem quando ele estava nos contando de Love Jonas Parry, o proprietário de Madrun, e seu plano de viajar à Patagônia para inspecionar as terras e ver se é propícia para uma colônia de Gales?

— Esta é a única parte interessante — havia dito Bran. — Eu amo viajar, mesmo que seja só com Papai para comprar suprimentos. Quem sabe se o proprietário de Madrun fizer mesmo esta viagem, nós podíamos ir com ele.

O acidente ocorreu não muito depois, e Matthew lembrava como Bran havia tentado salvá-lo do desespero dizendo que Love Jones Parry havia de fato ido à Patagônia, e informara que embora as terras fossem selvagens e desoladas, ele achava que seria possível formar uma colônia galesa, onde os colonos pudessem ensinar sua língua de origem no colégio. O governo espanhol dava atenção

mínima àquela região da Patagônia, onde havia só alguns índios e meia dúzia de espanhóis.

Mas Matthew recusava-se a ser incitado:

— Animador para você. Nunca mais vou ficar tão longe de Merioneth.

Bran havia feito uma cara feroz para ele.

— Você não pode se permitir o luxo da autopiedade.

Ainda é um luxo caro, pensou Matthew, e pelo qual mal posso pagar.

— Matt! — Era Gwen. — Um tostão pelos seus pensamentos.

Ele vinha escrevendo quando seu pai os chamou, e ainda estava com seu caderno no colo.

— Só pensando a trama para mais uma história.

Ela lhe dirigia um sorriso largo.

— Você vai dar fama ao nome de Maddox!

— Meu bebê corajoso — disse a Sra. Maddox . — Que orgulho de você! É o terceiro conto que você vende à *Harper's Monthly*, não é?

— O quarto... Mamãe, Papai, Gwen: acho que devo alertá-los que Bran vai precisar de todo amor e apoio de vocês quando chegar em casa.

— Bom, é óbvio... — Gwen começou a falar, indignada.

— Não, Gwen — disse ele, baixinho. — Bran está mais ferido do que na perna.

— Do que você está falando? — o pai quis saber.

— Pode-se dizer que é da alma. A alma de Bran está doente.

• • •

Bran voltou, mancando e soturno. Ele fechou-se para Matthew tal como se houvesse batido a porta na cara do gêmeo.

Novamente Matthew enviou uma mensagem a Zillah para encontrá-lo na rocha plana. Desta vez ele não pediu ajuda de Jack O'Keefe, mas, deitado na carroça, puxou a si mesmo sobre o terreno acidentado. Era trabalho árduo, mesmo com braços poderosos, e estava exausto quando chegou. Mas ele havia reservado tempo mais do que suficiente. Içou-se para sair do vagão e arrastou-se por cima da rocha, onde se esticou e dormiu sob o sol quente do outono.

— Matt...

Ele acordou. Zillah estava sorrindo para ele.

— *F'anwyl*. — Ele puxou os cabelos claros dos olhos e sentou-se. — Obrigado por ter vindo.

— Como ele está hoje?

Matthew sacudiu a cabeça.

— Não mudou nada. É difícil para o Papai ter mais um filho aleijado.

— Shhh. Bran não é aleijado!

— Com este machucado na perna, ele vai mancar pelo resto da vida. E se a alma dele vai melhorar ou não, só podemos dar palpites.

— Dê tempo a ele, Matt...

— Tempo! — Matthew queria livrar-se da palavra. — É isso que Mamãe fica dizendo. Mas nós lhe demos tempo. Faz três meses que ele veio para casa. Ele dorme metade do dia e lê metade da noite. E ainda se mantém fechado a mim. Se ele falasse da experiência que teve talvez ajudasse, mas não fala.

— Nem com você?

— Parece que ele acha que tem que me proteger — disse Matthew, amargurado — e uma das coisas que eu sempre amei em Bran era sua recusa em me proteger ou me mimar da maneira que fosse.

— Bran, Bran — murmurou Zillah —, o príncipe no cavalo branco que foi tão corajoso de alistar-se na cavalaria, salvar o país e libertar os escravos... — Ela olhou para o anel no dedo. — Ele me pediu para devolver o anel. Para que eu fosse livre, ele disse.

Matthew estendeu a mão a ela, depois retraiu-se.

— Eu preciso de tempo, tanto quanto Bran. Quando ele me deu este anel eu prometi que estaria lá por ele quando voltasse, independente do que acontecesse, e pretendo manter a promessa. O que podemos fazer para tirá-lo deste atoleiro de desânimo?

Matthew estava ansioso para estender a mão e tocar a pele clara dela, passar as mãos em seus cabelos tão negros e tão belos quanto a noite. Estendeu a mão sobre a rocha aquecida.

— Tentei convencê-lo a me levar para cavalgar. Não subo num cavalo desde que ele se foi.

— E?

— Ele disse que era muito perigoso.

— Para você? Ou para ele?

— Foi o que perguntei. Ele respondeu apenas: “Deixe-me em paz. Minha perna dói.” E eu disse: “Você nunca deixava eu falar quando eram minhas pernas e minhas costas que doíam.” E ele só olhou pra mim e disse: “Na época eu não entendia de dor.” Respondi: “Acho que você entendia melhor na época do que agora.” E paramos de falar porque não estávamos chegando a lugar algum, e ele não se abria nem um centímetro para deixar eu chegar perto.

— O Pai diz que a dor deve estar tolerável agora, e que a ferida física não é o

problema.

— É isso mesmo. Temos, de algum modo, que tirá-lo de si. E aconteceu outra coisa sobre a qual preciso conversar com você, Zillah. Ontem, quando eu esperava que conseguiria convencer Bran a me levar para cavalgar, rodei até o estábulo para conferir minha sela e, quando abri a porta, Jack e... e...

— Gwen?

— Como você adivinhou?

— Notei que ele estava de olho nela. E ela devolveu os olhares.

— Eles estavam fazendo mais do que olhar. Eles estavam se beijando.

— A filha do comerciante e o peão. Seus pais não aprovariam. E você?

— Zillah, não é com isso que me importo sobre Jack O'Keefe. Ele é um homem grande, poderoso, e por mim só nutre desprezo... como tem por qualquer coisa com imperfeição física. Uma vez vi ele pegar um cãozinho sem dono e matá-lo batendo contra a parede do celeiro.

Ela levou as duas mãos aos olhos.

— Matt! Pare!

— Acho que é a potência física dele que atrai Gwen. Eu sou um aleijado total; Bran está pela metade, pelo menos por enquanto. E Jack é vida. Ela não enxerga a crueldade por trás daquele sorriso amplo, da risada alta.

— O que você fará a respeito?

— Nada, por enquanto. Mamãe e Papai já têm muito com que se preocupar, os corações nervosos com Bran. E se eu avisar Gwen, ela vai achar que eu tenho ciúme de tudo que Jack pode fazer e tudo que eu não posso. Vou tentar conversar com Bran, mas duvido que vá ouvir.

— Querido Matt. Fico reconfortada que você e eu possamos conversar assim.

— A voz dela era compadecida, mas não tinha a pena que ele detestava. — Meu bom e verdadeiro amigo.

• • •

Uma noite, depois do jantar, enquanto os homens se demoravam no vinho, o Sr. Maddox olhou para Bran através do líquido rubi de sua taça.

— Matthew e Zillah gostariam que você participasse da aula de galês esta semana.

— Ainda não, Papai.

— Ainda não, ainda não. É só o que você vem dizendo há três meses. Will Llawcae diz que sua ferida já sarou e não há motivo para se fazer de incapaz.

Para tentar deter o pai, Matthew disse:

— Eu estava comentando hoje que Gwen parece mais índia que galesa, com esses molares altos.

O Sr. Maddox serviu-se outra taça de vinho, depois arrolhou o decantador de vidro lapidado.

— Sua mãe não gosta de ser lembrada que eu tenho sangue indígena, embora seja de gerações atrás. Os Llawcae também têm, por meio de nossos antepassados em comum, Brandon Llawcae e Maddok, do Povo do Vento, cujos filhos casaram entre si. Maddok ganhou este nome porque tinha os olhos azuis do Madoc galês... mas não preciso repetir essa história.

— É verdade — concordou Bran.

— Eu gosto. — Matthew provou seu vinho.

— Você é um romântico — disse Bran. — Guarde para seus textos.

O Sr. Maddox falou com todo rigor:

— Como sua mãe ressaltou várias vezes, o cabelo negro e os olhos azuis são muito mais comuns em pessoas de ascendência galesa do que entre índios, e não há dúvida de que somos galeses. E trabalhadores. — Ele fitou Bran incisivamente.

• • •

Mais tarde naquela noite, Matthew rodou até o quarto de Bran. Seu irmão gêmeo estava parado na janela, segurando as cortinas de veludo para olhar do gramado até a floresta. Virou-se para Matthew com um grunhido.

— Vá embora.

— Não, Bran. Quando eu me machuquei, disse para você ir embora e você não foi. Nem eu irei. — Matthew puxou-se para mais perto do irmão. — Gwen está apaixonada por Jack O’Keefe.

— Não me surpreende. Jack é um belo bruto.

— Ele não é o homem certo para Gwen.

— Por ser nosso peão? Não seja tão esnobe.

— Não. Porque ele é, como você disse, um bruto.

— Gwen sabe cuidar de si. Sempre soube. De qualquer modo, Papai vai bater o pé.

Formou-se um silêncio vazio que Matthew rompeu.

— Não tire Zillah da sua vida.

— Se eu amo Zillah, é tudo que posso fazer. Libertá-la.

— Ela não quer ser livre. Ela ama você.

Bran caminhou até sua cama, a do estrado de carvalho alto, e jogou-se.

— Estou sem amor por tudo e todos. Sem amor pela vida.

— Por quê?

— Você tem que me perguntar?

— Sim, tenho. Porque você não me diz.

— Você costumava saber sem eu ter que dizer.

— Ainda contaria, se você não estivesse me excluindo.

Bran remexia a cabeça agitado para lá e para cá no travesseiro.

— Não seja tão impaciente comigo, irmão. Papai já é maldoso o bastante.

Matthew rodou até a cama.

— Você conhece o Papai.

— Tenho tanto despreparo para ser dono de armazém quanto você. É Gwen quem tem o tino para negócios de Papai. Mas eu não tenho um talento como o seu para oferecer como opção. Ele sempre contou comigo para assumir os negócios. E eu não quero. Nunca quis.

— Então o que é? — perguntou Matthew.

— Não sei bem. A única coisa positiva que a guerra me trouxe foi confirmar que aprecio viagens. Gosto de aventura... mas não de matar. E parece que as duas coisas raramente se separam.

Era o mais próximo que haviam chegado de um diálogo desde o retorno de Bran, e Matthew sentiu-se esperançoso.

• • •

Matthew estava escrevendo na sua mesa de colo, em um canto ensolarado do salão pouco usado.

Então Bran o encontrou.

— Gêmeo, preciso de você.

— Estou aqui — disse Matthew.

Bran sentou-se em uma pequena cadeira dourada, apoiando os braços no espaldar.

— Nada é o que eu achei que fosse, Matt. Fui para guerra pensando que eu era Galahad, para libertar outros seres humanos da servidão intolerável da escravidão. Mas não foi tão simples. Havia outras questões, nada puras, pelas quais se lutava, com pouca atenção às almas que iam perecer por nada mais grandioso que a cobiça política, a corrupção, os conluíus por poder. Matt, eu vi

um homem que perdera o rosto, que não tinha boca para gritar, mas que ainda assim gritava e não morria. Vi dois irmãos e um estava de azul e outro de cinza, e não vou lhe dizer qual puxou sua espada e trespassou o outro. Meu Deus, era irmão contra irmão, Caim e Abel mais uma vez. E eu fui transformado em Caim. O que Deus teria a ver com uma nação onde irmãos podem voltar-se contra o outro com tal brutalidade? — Bran parou de falar quando sua voz rompeu em choro.

Matthew soltou sua mesa de colo e puxou seu gêmeo para perto. Choraram juntos, com Bran derramando toda a angústia e o terror e os pesadelos que havia vivido. E Matthew o abraçou e extraiu a dor para seu coração.

Quando a torrente se esgotou, Bran olhou para o gêmeo.

— Obrigado.

Matthew abraçou-o mais.

— Você voltou, Bran. Estamos juntos de novo.

— Sim. Para sempre.

— É bom ter você de volta à vida.

— Voltar à vida dói. Preciso me livrar da dor.

— O quê? — perguntou Matthew, assustado.

— Matt, irmão. Eu vou embora.

— O quê! — Matthew olhou para Bran parado, de pé e forte, diante dele. As cortinas de seda amarela aqueciam a luz e clareavam o cabelo de Bran. — Para onde?

— Você nunca vai adivinhar.

Matthew ficou aguardando.

— Papai recebeu uma carta do País de Gales, do Primo Michael. Um grupo partiu à Patagônia para formar uma colônia. Já estão lá. Vou unir-me a eles. O que acha, como realização de sonho antigo?

— Nós íamos juntos...

— Caro gêmeo, você está fazendo seu nome aqui com a pena. Sei que a criação de uma história é trabalho, mesmo que Papai não ache. Mas você não ia tolerar uma vida de adversidade física como eu terei na colônia galesa.

— Tem razão — reconheceu Matthew. — Eu seria um fardo.

— Eu nunca mais ficarei longe de você — Bran lhe garantiu —, nem na Patagônia. Prometo dividir tudo e você conseguirá escrever histórias sobre o que acontece com a mesma vivacidade que teria se estivesse presente. Primo Michael escreve que a colônia está assentando-se em uma pequena região chamada Vespúgia. Vou lhe contar tudo, e descrever um grande elenco.

— Já contou a Zillah?

Bran fez que não.

— Gêmeo, isto também afeta Zillah, sabia? Ela tem seu anel.

— Vou contar a todo mundo hoje no jantar. Vou pedir para Mamãe chamar os Llawcae.

• • •

O jantar foi servido na sala de jantar, um aposento grande, escuro, com lambris de carvalho, que parecia absorver a luz do candelabro de cristal. Cortinas marrons pesadas como as da biblioteca se fechavam contra a noite fria. A lareira que ardia forte pouco ajudava a aquecer a vasta caverna.

Durante a refeição, a conversa era sobretudo sobre a expedição galesa à Patagônia; tanto o Sr. Maddox quanto o Dr. Llawcae ficaram animados por extensão com a aventura.

— Que divertido — disse Gwen. — Por que não vai, Papai? Se eu fosse homem, iria.

Matthew e Bran se olharam de opostos da mesa, mas Bran balançou a cabeça de leve.

Depois da sobremesa, quando a Sra. Maddox puxou sua cadeira para trás, fazendo sinal a Gwen e Zillah para irem junto, Bran as deteve.

— Espere, Mamãe, por favor. Tenho uma coisa a dizer a todos. Gostamos de discutir a expedição à Patagônia e a fundação da colônia em Vespúgia. Anos atrás, antes do acidente de Matt, sonhamos em nos unir aos proprietários de Madrun quando ele fez a jornada para conferir se seria local apropriado para uma colônia. Por isso talvez eu não os surpreenda: decidi unir-me aos colonos e fazer nova vida para mim em Vespúgia. Hoje escrevi ao Primo Michael e ao Sr. Parry em Gales, e mandei cartas a Vespúgia.

Por um instante houve silêncio atônito.

Bran o rompeu com um sorriso.

— O Dr. Llawcae diz que um clima mais quente será melhor para mim.

— Ir a Patagônia não seria um exagero para conseguir clima mais quente? — perguntou o Sr. Maddox. — Você poderia ir para a Carolina do Sul ou a Geórgia.

Os lábios de Bran fecharam-se com uma expressão rígida de dor.

— Esqueceu de onde eu vim e o que venho fazendo, Papai?

— Não, filho — disse o Sr. Maddox —, seu pai não esquece. Mas a guerra acabou e você tem que deixá-la para trás.

— No sul? Duvido que eu seria bem recebido nos estados confederados.

— Mas Vespúgia... tão distante... — Lágrimas tomaram os olhos da Sra. Maddox. Zillah, com o rosto pálido, mas decidido, tirou um lenço novo de sua bolsa e ofereceu a ela. — Se você continuar a recobrar forças, continuar a estudar galês com Matthew, entrar nos negócios com seu pai...

Bran fez não com a cabeça.

— Mamãe, você sabe que não posso entrar nos negócios com Papai. E não tenho o talento para aplicar aqui, não como Matthew tem. Me parece que a melhor maneira de me recuperar é sair daqui. E que modo melhor de aprender galês do que ficar com gente que fala o idioma constantemente?

— Me pegou de surpresa, filho. — O Sr. Maddox falou devagar. — Mas parece uma solução razoável para sua vida, não é, Will? — Ele fitou o médico, que estava socando seu cachimbo.

— De certo modo, me identifico com Madoc, Papai — disse Bran. — Matt e eu estávamos lendo o poema de T. Gwynn Jones sobre ele hoje à noite. — Ele olhou para Gwen. — Lembra?

Ela deu uma fungada.

— Só leio galês quando Papai me obriga.

— Madoc deixou Gales em profundo desespero porque irmão lutava contra irmão, assim como fizemos naquela guerra medonha, “até que foi como se o próprio Deus houvesse deixado de atentar aos filhos dos homens”... *ymdroi gyda diflastod as anobaith Madog wrth ystried cyflwr gwlad ei ededigaeth, lle’r oedd brawd un ymladd yn erbyn brawd hyd nes yr oedd petal Duw ei hun wedi peidio â gofalu am feibion dynion.*

O Sr. Maddox tragou seu cachimbo.

— Você lembra.

— Bom rapaz — aprovou o Dr. Llawcae.

— Eu lembro e entendo muito bem, pois houve muitas noites durante a guerra em que Deus se retirou dos nossos campos de batalha. Quando os filhos dos homens lutam entre si de coração inflexível, por que Deus não haveria de se retirar? Deus bem sabe que a escravidão é maligna, mas a guerra também o é, maligna, maligna.

Zillah afastou seu prato de sobremesa e foi ajoelhar-se perto de Bran, tomando sua mão por impulso e pressionando-a contra sua bochecha.

Ele tomou a mão dela na sua.

— Fui à guerra pensando que a humanidade é sensata e descobri que não é. Mas sempre foi assim, e finalmente estou crescendo, tal como Matthew cresceu muito antes de mim. Sei que ele daria muito para vir a Vespúgia comigo, e eu para tê-lo comigo. Mas nós dois sabemos que não será possível.

A Sra. Maddox continuava chorando no lenço que Zillah havia lhe oferecido.

— Nunca mais pode haver guerra que faça coisas tão terríveis às pessoas.

— Minha cara — disse o Sr. Maddox —, não é bom que fiquemos lembrando Bran da guerra. Talvez tomar distância de Merioneth e ir a Vespúgia seja o melhor para ele esquecer.

Matthew olhou para seu pai e viu o sonho de *Maddox e Filho* sumir nas terras ermas de Vespúgia.

— Bran. — Zillah levantou-se e olhou para ele.

— Pequena Zillah.

— Não sou mais a pequena Zillah, Bran. Você me transformou na véspera da sua partida à guerra, quando deixou este anel no meu dedo.

— Criança — objetou o Dr. Llawcae—, é o desejo mais profundo do meu coração que Llawcae e Maddox voltem a unir-se em casamento. Dei minha benção a Bran quando ele veio a mim pedir sua mão. Mas ainda não. Você tem apenas dezessete anos.

— Muitas mulheres são casadas e mães aos dezessete. Quero ir a Vespúgia com Bran, como sua esposa.

— Zillah — disse o Dr. Llawcae —, você vai esperar. Quando Bran estiver instalado, em um ou dois anos, ele pode mandar buscá-la.

Bran apertou a mão de Zillah.

— Nem tudo precisa decidir-se hoje à noite.

• • •

Ao fim, Bran foi com Gwen, não com Zillah. O Sr. Maddox pegou Gwen e Jack O’Keefe beijando-se atrás da porta do estábulo e anunciou categoricamente que ela teria que acompanhar o irmão a Vespúgia. Não havia quantidade de lágrimas, nem histeria de Gwen, nem da Sra. Maddox implorando, que mudasse sua posição.

Gwen e Zillah choraram juntas.

— Não é justo. — Gwen soluçava. — A mulher não tem decisão da própria vida. Eu odeio homens!

Matthew tentou intervir com o Dr. Llawcae por Zillah, mas o médico estava resoluto que ela devia esperar pelo menos até os dezoito anos, e até Bran ter acomodações adequadas.

Armazém e casa ficaram vazios depois que eles partiram. Matthew passava a manhã trabalhando nas contas, e às tardes e noites ficava num canto do salão vazio, escrevendo. Seu primeiro livro foi publicado, bem recebido, e ele estava

trabalhando com ardor no segundo. Era isto, assim como suas conversas com Zillah, que vinha frequentemente de Madrun a Merioneth, que o fazia seguir em frente.

— Bran está bem — ele garantiu a Zillah. — Ele manda todo seu amor.

— Não há como eles já terem chegado a Vespúgia — reclamou Zillah. — E com certeza não há chance de ele ter mandado cartas.

— Você sabe que Bran e eu não precisamos de cartas.

Ela deu um suspiro.

— Sei. Bran e eu seremos assim algum dia?

— A união de vocês será diferente. Melhor, talvez, mas diferente.

— Ele mandará me buscar?

— Você tem que lhe dar tempo, Zillah... o tempo, de novo. Tempo para instalar-se em novo mundo e em novo modo de vida. E tempo para seu pai acostumar-se à ideia de que a única filha ficará a meio mundo de distância.

— Como está Gwen?

— Em parte amuada e sentindo-se a pior das mortais, em parte aproveitando todos os marujos do navio, que lhe dirigem olhares de corça e correm a fazer tudo que ela quiser. Mas ela não ficará feliz em Vespúgia. Ela sempre odiou o clima quente e nunca gostou de pegar pesado.

— Não, ela não era uma moleca como eu. Gwen achava que o Pai era terrível de me deixar correr como louca e brincar como um menino com você e Bran. Seu pai vai ceder e deixar ela vir para casa?

— Não enquanto Jack estiver por aí. Não há como prever Papai, quando ele se agarra a ideias insensatas. — Ele fez uma pausa. — Lembra dos versos indígenas, Zillah?

— Sobre cabelos negros e olhos azuis?

— Sim. Eles vêm cantando na minha cabeça e eu não consigo tirar, principalmente um verso:

*Senhores do espírito, Senhores da sorte
Senhores dos pirilampos, das estrelas, da iluminação,
Quem impedirá neste mundo a morte?
Quem há de deter a noite por vir?
Os olhos azuis, olhos azuis têm a visão.*

— É lindo — disse Zillah — mas não sei ao certo o que querem dizer.

— Não devem ser entendidos literalmente. Os índios acreditavam que, enquanto houvesse uma criança de olhos azuis a cada geração, tudo ficaria bem.

— Mas não ficou, não é? Faz tempo que eles sumiram daqui.

— Acho que se tratava de um tudo-ficaria-bem maior do que apenas entre a tribo. De qualquer modo, tanto você quanto Gwen têm pelo menos uma gota de sangue indígena, e vocês duas têm os olhos azuis da música.

— Então, de certo modo — disse Zillah, sonhadora —, somos as últimas do Povo do Vento. A não ser...

Matthew sorriu para ela.

— Acho que você deverá ter um bebê de cabelos negros e olhos azuis.

— Quando? — Zillah quis saber. — Bran está a um mundo de distância. E eu serei uma velha de cabelos brancos e rugas até Papai perceber que eu cresci e permitir que eu viaje. — Ela olhou para ele com nervosismo.

• • •

As obras de Matthew começaram a receber cada vez mais elogios da crítica, e o Sr. Maddox começou a pensar nelas como algo “real”, em vez de escrevinhações caprichosas que não se deviam levar a sério. Uma das salas não utilizadas no andar de baixo foi armada como escritório. O Dr. Llawcae projetou uma mesa de colo maior e mais eficiente.

O escritório ficava nos fundos da casa e tinha vista do gramado para a floresta. No outono, Matthew deleitava-se com a glória da folhagem. A sala era pouco mobiliada, a pedido dele, com um sofá de couro preto no qual ele podia descansar quando estava dolorido de ficar sentado. Quando o clima frio assentou, ele começou a passar as noites lá cada vez mais. Diante da lareira havia uma mesa de armar e uma poltrona confortável estofada de azul, a cor dos olhos de Zillah: a poltrona de Zillah, como ele dizia.

Eram meados do verão quando as cartas começaram a chegar com regularidade. Fiel a sua promessa, Bran enviava a Matthew descrições vívidas:

Como tudo é incrivelmente interconectado, pelo menos a nós que temos sangue galês nas veias. Meus amigos mais próximos aqui são Richard Llawcae, sua esposa e seu filho Rich. Eles devem ser no mínimo parentes distantes de todos nós, pois Llawcae não é um nome comum, mesmo no País de Gales. Richard diz que eles têm antepassados que emigraram para o Novo Mundo ainda nos primeiros tempos, depois voltaram para Gales, pois nada lá era tão ruim quanto a caça às bruxas nos vilarejos e cidades dos Peregrinos. Eles acham que uma das ancestrais deles foi para a

fogueira, ou quase. Não sabem exatamente de onde vieram, mas provavelmente de perto de Salem.

Rich não tem olhos para ninguém fora Gwen, e eu gostaria que ela visse e retribuísse o amor dele, pois não consigo pensar em mais ninguém que eu gostaria de ter como cunhado. Mas Gwen vê Gedder antes de Rich. Gedder é maior, mais alto, mais forte — quem sabe — e com certeza mais extravagante. Ele me preocupa. Zillie me contou de suas ambições ferozes e sua atitude com todos nós fica mais arrogante a cada dia. Deus sabe que ele é prestativo — não fossem os índios, não sei ao certo se a colônia teria sobrevivido, pois tudo é diferente de casa: os momentos de plantar, o que plantar, como irrigar etc. Somos mesmo gratos que os índios não só têm sido amigáveis, mas têm dado-nos toda a ajuda possível. Mas gostaria que Gedder fosse mais como seus irmãos e não tão controlador e mandão. Ninguém de nós gosta do modo como Gedder trata a irmã, como se fosse sua escrava ou inferior.

É de abismar ver como Zillie tem as mesmas feições de Gwen e Zillah, os olhos bem afastados com uma leve sugestão de inclinação — embora os dela sejam um castanho caloroso, não azul — e os molares altos com o nariz delicado. E, é claro, o cabelo negro, brilhante, liso. Já comentaram a semelhança entre Gwen e Zillie. Não tenho falado com ninguém fora os Llawcae sobre a lenda de Madoc ter seguido-nos até Vespúgia, e eles não riem. A verdade é mais estranha que a ficção, de fato. Use isso num conto pra mim, Matt.

Usarei, Matthew prometeu em silêncio. Usarei. Mas você precisa me contar mais.

Minha casa está quase terminada. É ampla e arejada, com varandas. Todos sabem que ela está sendo construída para minha noiva e nossos filhos. Zillie muitas vezes vem e para, um pouco afastada, fica olhando, e isso me deixa pouco à vontade. Não creio que ela venha de vontade própria. Acho que é Gedder que manda. Falo muito da minha Zillah, e como anseio pelo dia em que ela chegue. Matthew, gêmeo, use sua influência sobre o Dr. Llawcae para deixar que ela venha logo. Por que ele a mantém por perto? Preciso dela agora.

Conforme o inverno fechou e Matthew não conseguia mais sair de casa, Zillah começou a vir de Madrun a Merioneth quase todo dia na hora do chá. Quando ela não aparecia, Matthew sentia mais falta dela do que gostaria de admitir. Ele estava apressando-se para terminar o segundo livro, consideravelmente mais ambicioso que o primeiro, mas cansava-se fácil e deitava no sofá negro, tentando acessar Bran e Vespúgia, cruzando inverno e verão, até chegar a um segundo inverno. Ele sentia-se mais perto do gêmeo do que nunca. Quando aproximou-se dos princípios do sono, sentiu que estava mesmo na árida Vespúgia, parte de tudo que estava acontecendo na colônia tão unida.

Pelas manhãs, quando ele trabalhava com o lápis macio e escuro em um grande bloco de anotações, era como se estivesse colocando no papel o que vira e ouvira na noite anterior.

— Está pálido, Matt — disse Zillah numa tarde, ao sentar-se na poltrona e servir chá para ele.

— É esse frio rigoroso. Mesmo com a lareira sempre acesa, a umidade entra nos ossos.

Ele desviou-se da atenção dela e olhou pela janela, para a noite que chegava.

— Tenho que terminar meu livro e não há muito tempo. Tenho uma tela imensa a preencher, que vai até os irmãos galeses que lutaram pelo trono de Owain de Gwynedd. Madoc e seu irmão, Gwydyr, deixaram Gales, e vieram a um lugar que eu imagino que fosse algum ponto perto daqui, quando o vale ainda era um lago que restou do derretimento do gelo. E mais uma vez irmãos brigaram. Gwydyr queria poder, queria adulação. Repetidas vezes somos levados pelo fratricídio, tal como Bran naquela guerra medonha. Ainda sangramos das feridas. É um padrão primordial, que nos foi deixado por Caim e Abel, uma rede da qual não conseguimos nos soltar. E se não for contido vai nos destruir por completo.

Ela entrelaçou as mãos.

— E será detido?

Ele deu as costas a ela.

— Não sei, Zillah. Quando eu durmo eu sonho, e vejo coisas escuras e malignas, crianças sendo mortas por centenas e milhares em guerras terríveis que os assolam. — Ele buscou a mão dela. — Não falo de maus agouros por nada, *f'annwyl*. Não sei o que vai acontecer. Irrracionalmente, quem sabe, tenho segurança de que o que acontece em Vespúgia fará diferença. Leia-me mais uma vez a carta de Bran que chegou hoje, por favor.

Ela pegou a carta da mesa de chá e trouxe-a próxima da lamparina.

Caro gêmeo, e cara minha Zillah, quando vocês virão? Matthew,

se não puder trazer Zillah a mim, então Zillah deve trazê-lo. Ela escreve que o inverno é feroz com você e está preocupada. Aqui haveria muito a chamar sua atenção. Llewellyn Pugh anseia pelo amor de Zillie, e eu acho que ela o aceitaria se Gedder não ficasse forçando-a a mim, não importa o quanto eu diga em bom som que já sou prometido, e que minha Zillah virá para juntar-se a nós a qualquer dia. Não me faça de mentiroso!

Tivemos nossa primeira morte, também uma morte triste. As crianças são proibidas de escalar o penhasco que protege a colônia dos ventos, mas, de algum modo, uma delas conseguiu fazer a escalada íngreme e despencou. Estamos todos de luto. É bom termos tanto trabalho para todos que sobra pouco tempo de ócio, e isto nos ajuda, particularmente os pais do pequeno. Rich tem sido uma fortaleza. Ele foi o que conseguiu trazer lágrimas da mãe, em parte porque ele mesmo não tinha vergonha de chorar.

— Bom homem, este Rich — disse Matthew. — Ele faria de tudo no mundo por Gwen.

— Você fala como se o conhecesse.

Matthew sorriu para ela.

— Conheço. Conheço ele por Bran. E pelo meu livro. O que acontece com Rich, com Bran, com Gwen, com Zillie... é importante para minha história. Podia até mudá-la. — Ela olhou para ele com ar interrogativo. — Este livro está me impulsionando, Zillah, fazendo-me escrever. Ele me anima, me conduz. Nas suas páginas misturam-se mito e matéria. O que acontece em um momento pode fazer diferença no que acontecerá em outro, muito mais do que percebemos. O que Gedder faz fará a diferença, no livro, talvez no mundo. Nada, ninguém, é tão pequeno que não importe. O que *você* faz fará diferença.

• • •

No início do inverno, Matthew pegou uma bronquite forte que o enfraqueceu. O Dr. Llawcae vinha todos os dias. Matthew passava o tempo todo no sofá de couro negro, enrolado em cobertores. Continuou a trabalhar no livro e vendeu vários contos. Guardava seus ganhos, que eram consideráveis, em um pequeno cofre no escritório. E agora não deixava mais o aposento.

Quando estava exausto demais para escrever, ele entrava em um sono leve,

tomado de sonhos vívidos nos quais Bran e a colônia vespugiana eram mais reais que a gélida Merioneth.

No sonho, ele estava na rocha plana, a rocha onde ele encontrava Zillah quando queria privacidade. Mas em vez de Zillah havia um garoto, talvez de doze anos, vestindo trajes estranhos, surrados. O menino estava deitado na rocha e ele também sonhava, e seu sonho e o de Matthew se mesclavam.

Gedder está atrás de Gwen. Detenha-o. O bebê deve vir de Madoc. A linhagem de Gwydyr foi maculada. Não sobrou nada afora orgulho e cobiça por poder e vingança. Detenha-o, Matthew.

Ele viu seu gêmeo, mas não era Bran em Vespúgia... Seria Bran? Era um jovem, mais ou menos da idade deles, perto de um lago. Atrás dele havia outro, um pouco mais velho, que se parecia com Bran mas não era Bran, pois havia ressentimento por trás de seus olhos. Tal como Gedder. Os dois começaram a brigar, a envolver-se em combate mortal.

À beira do lago, uma imensa pilha de flores queimava, com pequenas labaredas vermelhas lambendo as pétalas das rosas...

— Matthew!

Ele abriu os olhos e sua mãe pairava sobre ele, segurando uma xícara de chá de camomila.

Ao lado das páginas crescentes do manuscrito havia uma genealogia que ele havia desenvolvido com cuidado, uma genealogia que poderia tomar dois rumos distintos, como uma dupla hélice. Em uma direção havia esperança; na outra, desastre. E o livro e Bran e a colônia vespugiana estavam entrelaçados em sua mente e coração.

• • •

O vento era gélido.

— Conforme os dias começam a alongar-se, o frio começa a reforçar — disse Matthew ao Dr. Llawcae, que ouvia o coração e o peito de Matthew de rosto sério.

Ele recostou-se e olhou para o jovem.

— Matthew, você está dando incentivo a Zillah.

Matthew sorriu.

— Sempre incentivei Zillah, desde os tempos em que éramos crianças e ela queria escalar árvores da mesma altura que eu e Bran.

— Não foi o que eu quis dizer. Você está dando incentivo neste impulso

infrutífero de ir a Vespúgia e encontrar Bran.

— Quando Bran lhe pediu a mão de Zillah, você lhe deu a benção — Matthew lembrou ao médico.

— No entendimento de que Bran ficaria aqui e seria sócio do pai.

— Dada uma benção, Dr. Llawcae, ela não pode ser retirada. — Matthew insistiu: — O coração de Zillah já está em Vespúgia, com Bran. Entendo que ela tenha tomado o lugar da mãe na casa e na mesa. Mas ela é sua filha, Dr. Llawcae, não sua esposa. Não pode deixá-la amarrada ao senhor.

O rosto do médico escureceu de raiva.

— Como ousa!

— Porque amo Zillah de todo coração, e sempre amei. Sentirei tanta saudade quanto o senhor. Sem Zillah, sem Bran, eu ficaria destituído de tudo que faz a vida valer a pena. Mas não vou segurá-los aqui por egoísmo.

O rosto do médico escureceu ainda mais.

— Está me acusando de egoísmo?

— Inadvertido, quem sabe, mas ainda assim egoísmo.

— Seu... seu... se não fosse aleijado, eu... — O Dr. Llawcae deixou sua mão erguida cair, virou-se e saiu do quarto.

• • •

Numa tarde de março, com borrifos ocasionais de chuva descendo pela chaminé e sibilando na lareira, Matthew olhou intensamente para Zillah, que segurava a bandeja de chá.

— Zillah. Chegou a hora. Você tem que ir a Vespúgia.

— Você sabe que eu quero. — Ela estendeu a mão para segurar seus dedos magros. — O pai disse quem sabe no ano que vem.

— Ano que vem é tarde demais. Bran precisa de você agora. O que fará quanto ao seu pai? O próximo ano sempre será o próximo ano. Ele não deixará que você vá.

Ela ficou olhando a lareira.

— Eu preferia ir com a benção do Pai, mas temo que você esteja certo e ele não vá me dar. O problema é o dinheiro, encontrar um navio e reservar passagem... tudo que é difícil, se não impossível, para uma menina.

— Você tem que ir nesta primavera, assim que o gelo se romper e os navios puderem navegar.

— Por que esta urgência, Matt, tão repentina?

— Bran entrou em contato ontem à noite...
— Tem algo de errado?
— Não com Bran. Mas Gedder... Rich... — Ele foi tomado por um acesso de tosse, e quando recostou-se estava muito fraco para falar.

• • •

Zillah continuou a vir diariamente para sentar-se na poltrona perto da lareira, para cuidar da bandeja de chá e acalentá-lo com um sorriso. Nas semanas que se seguiram ele não falou sobre a ida dela a Vespúgia. Então, um dia, quando o contorno das árvores foi suavizado pelos brotos por vir, ele a recebeu com impaciência.

Matthew mal esperou-a sentar diante da bandeja.

— Zillah, abra o cofre. — Com cuidado, ele lhe passou a combinação, vendo seus dedos girarem o seletor enquanto ele ouvia. — Tudo bem. Certo. Retire o envelope pardo. É para você.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Para mim?

— Andei ocupado nas últimas semanas.

— O Pai disse que você anda se esforçando demais. O livro está pronto?

— Para todos os fins, sim. Há que se aprofundar algumas partes, e falta certa revisão. Mas andei ocupado em outros sentidos. Abra o envelope.

Ela abriu.

— Dinheiro, e o que é isto, Matt?

— Uma passagem. Um navio que parte para a América do Sul daqui a quatro dias. Você tem que estar a bordo.

— Mas, Matthew, não posso deixar...

— Ganhei este dinheiro com meus escritos. É meu e posso fazer o que bem entender, Zillah. Bran precisa de você. Você tem que ir. Você fará a balança pender.

— Qual balança?

— A linhagem tem que ser de Madoc, não de Gwydyr...

— Não entendi. Você está vermelho. Está...

— Não estou febril. Faz parte do livro... Você ama Bran?

— De todo coração.

— A ponto de deixar Madrun sem a benção de seu pai, em segredo?

Ela levou o envelope pardo ao peito.

— Você vai?

— Vou. — Ela pegou a mão gelada dele e grudou na bochecha.

— Vai ficar tudo bem — ele prometeu. — Quando passares pelas águas, estarei contigo; quando passares pelos rios, não te submergirão; quando andares pelo fogo, não serás queimado, nem a chama arderá em ti. Pois o fogo é rosas, rosas...

• • •

Ele não a viu mais. Nenhum dos dois toleraria a dor de se despedir.

O Dr. Llawcae veio esbravejante até Merioneth. Matthew conseguia ouvir ele gritando:

— Onde ela conseguiu o dinheiro? Como conseguiu a passagem?

Matthew sorriu, levemente grato pelo Dr. Llawcae considerá-lo aleijado a ponto de não conseguir fazer os devidos preparos.

Quando o médico entrou no escritório para ouvir o coração de Matthew, seu gênio já havia arrefecido a ponto de sufocar os gritos.

— Imagino que agora esteja contente?

— Zillah e Bran se amam — respondeu Matthew, em voz baixa. — É certo que estejam juntos. E o senhor sempre se interessou pela sua herança galesa e por esta colônia, vai acabar sentindo-se diferente. O senhor pode visitá-los...

— Fácil falar. E a minha clínica?

— O senhor não tira férias há anos. Merece algumas semanas de descanso.

O Dr. Llawcae lhe deu uma inspeção rápida, dizendo:

— Você ficará melhor quando o clima melhorar.

• • •

O verão chegou devagar.

Matthew despachou o livro para seu editor. A dor nas costas piorava a cada dia. Seu coração às vezes pulava batimentos e às vezes desembestava. Nos sonhos ele estava com Bran, esperando por Zillah. Estava com Gwen, ainda ressentida, mas começando a rir de novo com Rich, a responder a seu leal amor, seus modos extrovertidos. Ao mesmo tempo ela ainda estava intrigada com Gedder, com sua expressão feroz e tenebrosa e algo oculto atrás de seus olhos, tão diferente dos olhos francos de Rich. Ela sabia que Rich a amava, mas a

estranheza de Gedder a fascinava.

Ela está brincando com Rich e Gedder e isso vai gerar problemas, o menino na rocha disse a Matthew quando ele se aprofundou ainda mais no sonho.

Gedder e Bran. Parados no penhasco e olhando as casas na colônia. Gedder insistindo para Bran casar com Zillie, para lhe dar Gwen em casamento, para garantir o futuro.

— Qual futuro? — perguntou Bran.

Gedder olhou para a próspera colônia, analisando-a.

— O nosso.

E Zillie veio e olhou encantada para Bran, Zillie tão similar e tão diferente de Zillah.

Espere, gêmeo! Espere por Zillah! Não confie em Gedder...

Matthew foi arrancado do sonho quando a bandeja de sua ceia chegou. Ele comeu pouco, depois empurrou a bandeja e voltou ao sonho.

Sentiu o calor vespugiano aquecendo seus ossos gelados

Bran, se eu pudesse ter ido com Zillah

Gedder de novo. Gedder em seu ponto predileto à beira do penhasco, olhando para a colônia, a colônia que ele quer para si.

Há alguém com ele. Não é Bran. Rich.

Brigando. Brigando por Gwen, pela colônia. Brigando à beira do penhasco.

Perigo.

Matthew remexeu-se no sofá, irrequieto, seus olhos apertados. O menino estava lá, a criança de outra época, instando-o:

— Matthew, você tem que ajudar Rich. Por favor...

Uma vez, há muito tempo, homens não brigavam desta maneira, quando as estrelas da manhã cantavam juntas e os filhos dos homens berravam de alegria

Mas veio a dissonância

Madoc e Gwydyr lutaram

Gedder e Rich

Rich, cuidado! Gedder tem uma faca...

Rich percebe, percebe a tempo, agarra o cabo da faca, torce, para que a faca caia. Gedder vai atrás dela, rosando de raiva, tenta pegar a faca e perde o equilíbrio e cai... cai atrás da faca, pela beira do penhasco, cai, cai...

Zillie grita e não consegue parar de gritar.

• • •

Matthew esperou a próxima carta para Bran, mas ela só chegou quando os lilases estavam em flor.

Meu muito caro gêmeo,
Zillah está aqui, finalmente está aqui, mas meu desejo mais caro chegou a uma comunidade em desarranjo, em desolação. Gwen chora sem parar. As lágrimas de Zillie já pararam de correr, mas seus olhos ainda têm angústia. Gedder morreu, e — acidentalmente — pela mão de Rich. Gedder provocou uma disputa e puxou uma faca. Rich tirou a faca dele e Gedder, tentando apunhalá-lo, perdeu o equilíbrio, caiu do penhasco e morreu. Foi um acidente; ninguém culpa Rich, nem Zillie. Mas Rich acha que não pode mais ficar conosco, não com sangue nas mãos.

Será que vai ter fim, irmão voltando-se contra irmão? Gedder queria poder. Não posso lamentar sua morte, apenas sua vida, de luxúria e orgulho sem tamanho. Por que as lágrimas de Gwen? Não creio que ela saiba. “Saudades de casa”, ela chora, “quero ir para casa.” Então Rich a levará para casa. E depois o que acontecerá? Quem pode dizer?

Gwydyr enfrentou Madoc e perdeu, e a batalha seguiu até Gedder, irmão contra irmão

E o navio que trouxe Zillah levou Gwen e Rich até o continente norte, aos lírios do vale e aos lilases no vestíbulo, a Merioneth e ao armazém, e Papai finalmente terá seu sócio, e o armazém será de Maddox e Llawcae

Ah, Zillah, minha Zillah

*Senhores da melodia e da canção,
Senhores das rosas que ardem, que brilham,
O azul há de retificar a traição,
Mesmo em longo caminho na escuridão,
O azul será luz, luzes que fervilham.*

Um acesso de tosse acordou Matthew, tirando-o de Vespúgia, de Bran e Zillah.

— Gwen... —disse ele, arfante — Rich... Não posso esperar... desculpe...

Então a tosse tomou conta e, depois que o acesso passou, não restou nada fora agonia. Suas costas eram uma explosão de dor, o quarto começou a ficar escuro,

um fedor pútrido como os de flores podres o engasgou. Não havia mais luz ou calor nas chamas a estalar...

• • •

— Matthew! — Meg abriu os olhos e disse o nome em voz alta. O gato, assustado, pulou da cama. Ananda não se mexeu.

O que houve? O que aconteceu com Matthew? Com Charles Wallace? Charles Wallace está bem?

Estranho, pensou ela, o desvelo com Matthew foi mais claro que todos desde Harcel. Talvez porque Matthew e Bran desvelassem.

Ela tentou alcançar Charles Wallace e sentiu apenas ausência. Tampouco sentiu Gaudior. Quando Charles Wallace Desadentrava, ela sempre conseguia vê-lo, conseguia ver o unicórnio.

— Vou descer a escada — disse ela em voz alta, colocando os pés nas pantufas.

Ananda a seguiu até embaixo, pisando no sétimo degrau, que soltou um gemido alto, fazendo o cão ganir de surpresa. Atrás deles o gatinho pateou suave, tão suave que o sétimo degrau deu um mero suspiro.

O fogo da cozinha estava aceso, a chaleira zunindo. Tudo parecia quente e confortável e normal, fora a Sra. O’Keefe na cadeira de balanço. O gatinho foi pateando até ela e pulou no seu colo, ronronando, flexionando as garrinhas afiadas.

— Charles Wallace ainda não voltou? — perguntou Meg.

— Ainda não. Você está bem, Meg? — perguntou a mãe.

— Estou bem.

— Parece pálida.

— Quem sabe eu aceite a proposta de *bouillon* de Sandy e Dennys, se ainda for possível.

— Claro, Mana —disse Sandy. — Eu faço. De galinha ou de carne?

— Meia colher de cada, por favor, e um esguicho de limão. — Ela olhou para os gêmeos com uma nova compreensão. Ela estaria mais próxima de Charles Wallace do que dos gêmeos por eles serem gêmeos, suficientes em si? Ela fitou o telefone, depois sua sogra. — Mamãe... Bezie, você lembra de Zillah?

A Sra. O’Keefe olhou para Meg, assentiu, balançou a cabeça, fechou os olhos.

— Mamãe: Zillah chegou mesmo a Vespúgia, não chegou? — Meg olhou para a idosa, em busca de confirmação.

A Sra. O'Keefe aconchegou os braços em si e balançou.

— Esqueci. Eu esqueci.

A Sra. Murry olhou nervosa para a filha.

— Meg, o que foi?

— Faz toda diferença saber quem eram os antepassados de Branzillo.

Sandy entregou uma xícara fumegante a Meg.

— Mana, o passado aconteceu. Saber quem eram os ancestrais de Branzillo não vai mudar nada.

— Houve uma época em que ainda não tinha acontecido — Meg tentou explicar, percebendo que soava estranho. — É o Pode-Ter-Sido que Charles Wallace devia alterar, e acho que alterou. É o encargo que Mamãe O'Keefe lhe passou quando lhe deu a runa.

— Pare de falar! — A Sra. O'Keefe se levantou da cadeira de balanço. — Leve-me até o Chuck. Rápido. Antes que seja tarde demais.

Entre mim e as forças das trevas

Eles correram, os pés moendo o solo congelado em corridas curtas, Meg, os gêmeos e a Sra. O'Keefe. Correram pelo gramado coberto de geada e pelos corredores das árvores de Natal dos gêmeos, até o muro de pedra.

Meg estendeu a mão para a Sra. O'Keefe e ajudou-a a subir o muro baixo. Depois, ainda segurando a mão da sogra, puxando-a, ela correu pela trilha, passou pelas duas rochas glaciais até a rocha de observação estelar.

Charles Wallace estava lá deitado, de olhos fechados, branco como a morte.

— Beezie! — gritou Meg. — A runa! Depressa!

A Sra. O'Keefe estava arfante, a mão apertada contra o flanco.

— Com... — falou ela, arfante. — Vovó...

Dennys ajoelhou-se na rocha, curvando-se sobre Charles Wallace, procurando sua pulsação.

— Com Chuck nesta hora sinistra — A Sra. O'Keefe perdeu o ar, e Meg juntou-se a ela, a voz clara e forte:

*Disponho o Céu em toda sua força,
E o sol em sua alvura,
E a neve em sua brancura,
E o fogo em sua potência feroz,
E o relâmpago em sua ira veloz,
E os ventos na velocidade atroz,
E o mar em sua profundez,
E as rochas em sua ingremidez,
E a terra em sua aridez,
Todos disponho eu
Com a graça e auxílio do onipotente Deus
Entre mim e as forças das trevas!*

A luz voltou aos poucos. Houvera dor, e trevas, e de um golpe só a dor se aliviou e a luz tocou as pálpebras. Ele as abriu ao brilho da luz das estrelas. Estava deitado na rocha de observação estelar com Gaudior ansiosamente curvado sobre ele, fazendo cócegas em sua bochecha com a barbicha crespa e prateada.

— Gaudior, o que houve?

— Mal conseguimos sair a tempo.

— Matthew...

— Morreu. Não esperávamos que fosse tão cedo. Os Ectroi...

— Então acho que chegamos a 1865. — Charles Wallace olhou para as estrelas.

— Levante-se. — Gaudior parecia irritado. — Não gosto de ver você deitado aí. Achei que nunca fosse abrir os olhos.

Charles Wallace correu para ficar de pé, ergueu uma perna, depois a outra.

— Que estranho poder usar minhas pernas de novo... que maravilha.

Gaudior ajoelhou-se ao seu lado.

— Suba.

Charles Wallace, com as pernas trêmulas como se por desuso, impulsionou-se àquelas costas amplas.

Ele cavalgou um Gaudior que havia ficado minúsculo como uma libélula, cavalgou entre os vagalumes, unindo-se a sua dança brilhante, cintilando, piscando, correndo sobre a rocha de observação estelar, pelo vale, cantando a música deles, e ele também cantava e ele era ele, e ainda assim ele era tudo que havia aprendido, ele carregava dentro de si Brandon e Chuck e a música deles e a música era glória...

E ele cavalgou um Gaudior que havia ficado do tamanho de uma constelação, cavalgou entre as galáxias, e ele era ele, e também era Madoc, e era Matthew, Matthew voando pelas chuvas de estrelas, capturado pela alegria da música das esferas...

parte da harmonia, parte da alegria...

• • •

O relincho prateado do unicórnio soou por toda a rocha de observação estelar, criando ondas sobre Meg e os gêmeos, a Sra. O'Keefe e Charles, e a noite se iluminou com o lampejo do chifre, que os tocou um por vez e cegou-os com o apagar da memória.

Meg achou ter ouvido Charles Wallace dizer:

— Gaudior, adeus... oh, Gaudior, adeus...

Quem era Gaudior?

Antes ela sabia quem era Gaudior.

Mais uma vez ela ouviu seus sinos prateados tocando um adeus.

— Ei, viram o raio? — perguntou Sandy.

Dennys parecia abismado.

— Está muito frio. E olhem as estrelas.

— O que foi aquele lampejo então?

— Não faço ideia. Como tudo mais dessa noite. Charles, o que houve com você? Eu não encontrava pulsação e de repente começou a latejar sob meus dedos.

Aos poucos a cor voltou às bochechas do garoto.

— Vocês chegaram bem na hora. — Ele olhou para a Sra. O'Keefe, que ainda estava com a mão no flanco e respirava com arfadas dolorosas. — Beezie. Obrigado. — Havia tristeza infinita na sua voz.

— Foi assim que Meg a chamou — disse Sandy. — O que está havendo?

— Mamãe O'Keefe me encarregou de uma coisa...

— Nós dissemos que era loucura você achar que ia deter Branzillo sozinho — disse Dennys. — Caiu no sono ou algo assim? Podia ter congelado. — Ele parecia preocupado, inseguro.

— Agora entre — complementou Sandy — e chega dessa besteira.

— Depois do telefonema do presidente, você chama de besteira? — inquiriu Meg, feroz.

— Meg, você não devia estar aqui no frio — interpôs Dennys.

— Eu estou bem.

Charles Wallace tomou as mãos da Sra. O'Keefe.

— Obrigado.

— Chuck não é idiota. — A Sra. O'Keefe socou Charles Wallace no ombro.

— Vamos — insistiu Sandy. — Vamos nos mexer.

Dennys segurou o braço da Sra. O'Keefe.

— Nós ajudamos.

Eles voltaram à casa, Sandy e Dennys segurando a Sra. O'Keefe; Meg segurando a mão de Charles Wallace como se os dois tivessem voltado a ser criancinhas.

• • •

Ananda os recebeu em êxtase.

A Sra. Murry correu até o filho mais novo, mas conteve-se de tocar nele.

— Ela nos adotou mesmo, não é? É de se pensar que esteve sempre conosco.

— Cuidado com o rabo. — O Sr. Murry passou entre a cadela e o modelo do tesseracto. — Uma rabada sem querer e você vai desmontar anos de trabalho. — Ele virou-se para a filha. — Meg, você não devia sair nesse clima com seu resfriado.

— Está tudo bem, Pai. Meu resfriado melhorou e eu não passei frio. O presidente já...?

— Não. Nada ainda.

Meg tentou pensar. Do que ela lembrava? Da ligação do presidente, claro. Da runa da Sra. O'Keefe, e da reação do clima. Da chegada de Ananda. De desvelar com Charles Wallace no sótão, desvelar por éons do tempo, desvelo que havia se desfeito em sonho porque o unicórnio...

Unicórnio? Era absurdo.

Houve o telefonema da Sra. O'Keefe no meio da noite. Sandy foi buscá-la e trouxe-a para a casa deles, e ela tinha uma carta antiga... de quem? O que dizia?

— Ora, Charles — O Sr. Murry fitou seu filho, seriamente. — E o seu encargo?

Charles Wallace não respondeu de imediato. Estava estudando o modelo do tesseracto e tocou em uma das varas de lucita com cuidado, de forma que o modelo inteiro começou a vibrar, a cantarolar com delicadeza, soltando centelhas de brilho.

— Ainda não entendemos muito do tempo, não é? Eu acho... — Ele pareceu perplexo. — Pai, acho que vai ficar tudo bem. Mas não porque eu sou inteligente, ou corajoso, ou porque estou no controle. Meg tinha razão, nesta noite, quando falou de tudo, em todo lugar, em inter-reação.

— Você passou mais tempo fora do que esperávamos.

— Passei muito tempo fora. Um tempo inacreditável.

— Mas o que você fez? — complementou Dennys.

— Fiquei mais perto da rocha de observação estelar...

— Pai! — exclamou Meg. — A carta que Mamãe O'Keefe trouxe. Charles ainda não viu.

A Sra. O'Keefe entregou o papel amarelado ao Sr. Murry.

— Leia pra mim, por favor, Pai. — Charles Wallace parecia pálido e exaurido.

— Meus caros Gwen e Rich — leu o Sr. Murry:

Obrigado por corresponderem-se tão prontamente quanto à morte de Papai. Zillah e eu ficamos gratos que ele tenha falecido em paz, dormindo, sem o sofrimento que temíamos. Sei que vocês dois, e a pequena Zillah, são um consolo para Mamãe. E Papai

teve a satisfação de ter Rich como sócio, de saber que o nome de Maddox e Llawcae não se perderá, pois nosso pequeno Rich fala com muito entusiasmo de ir a Merioneth quando tiver idade.

Nosso pequeno Matthew é um garoto que cresce rápido. Eu esperava que ao sair da primeira infância ele se chamaria Matthew, mas ele mantém o apelido que recebeu das crianças indígenas, Branzillo, mistura do meu nome com o de Zillah. O pequeno Rich tenta acompanhar o irmão mais velho de todas maneiras...

O Sr. Murry ergueu o olhar.

— A carta se encerra aqui. Estranho parece dife... é a mesma que eu li antes?

A Sra. Murry franziu o cenho.

— Não tenho certeza. Não pareceu a mesma... mas estamos todos exaustos da tensão e de não dormir. A memória prega peças esquisitas nessas horas.

— Tem que ser a que o Pai leu antes — disse Sandy, sem mudar o tom. — Isto ofende minha mente sensata, mas parece mesmo possível que os antepassados de Branzillo tenham vindo destes arredores.

— A carta veio do sótão da Sra. O'Keefe — disse Dennys. — Então é provável inclusive que ele seja descendente distante dos antepassados dela, o que os tornaria primos em enésimo grau.

— Mas que efeito isto teria em ele iniciar uma guerra nuclear? — protestou Sandy. — Ou... assim esperamos... não iniciar?

Charles Wallace desviou-se do argumento, olhou para o tesseracto de novo, depois dirigiu-se à Sra. O'Keefe, que estava de novo aconchegada na cadeira de balanço na frente da lareira. Meg deixou os gêmeos e foi atrás de Charles Wallace.

— Beezie — perguntou ele, delicado —, o que aconteceu com Chuck?

Beezie, Chuck. Eles estavam no desvelo que sumiu. Meg chegou mais perto da cadeira para ouvir a resposta da Sra. O'Keefe.

— Ele morreu — disse ela, sinistra.

— Como?

— Eles o levaram embora e internaram num hospício. Morreu lá, seis meses depois.

Charles Wallace soltou ar longamente, triste.

— Ah, Beezie, Beezie. E o bebê?

— Seguiu os passos de Duthbert Mortmain. Morreu na Penitenciária Estadual. Fraudatário. Deixe estar. O que se fez foi feito. O que se foi se foi.

Ananda apertou-se contra Meg e acariciou sua cabeça erguida.

Beezie. Chuck. Paddy O'Keefe. O desvelo piscava brevemente na mente de Meg. Beezie deve ter casado com Paddy mais ou menos pelos mesmos motivos que sua mãe havia casado com Duthbert Mortmain. E ela aprendeu a não sentir, a não amar, nem mesmo seus filhos, nem mesmo Calvin. A não se machucar. Mas ela deu a Charles Wallace a runa, e disse a ele que a usasse para deter Mad Dog Branzillo. Deve restar nela um pouco da Antiga Música.

— O livro de Matthew — disse Charles Wallace. — Está acontecendo, tudo que ele escreveu.

O telefone tocou.

A Sra. Murry olhou para o marido, mas não disse nada.

Eles ficaram aguardando, tensos.

— Sim, Sr. Presidente? — O Sr. Murry ficou escutando, escutando e sorriu. — El Zarco está preparando um congresso para traçar planos de paz e a distribuição justa e preservação dos recursos terrestres. Como é, Sr. Presidente? Ele quer que eu vá para ser conselheiro quanto ao uso do espaço para a paz? Ora, sim, é claro, algumas semanas... Notícia esplêndida. Obrigado por me ligar. — Ele soltou o telefone e voltou-se para a família.

— El Zarco... — sussurrou Meg.

— O apelido predileto de Madog Branzillo, você sabe — disse o pai dela. — O de olhos azuis.

— Mas as ameaças dele...

O pai olhou para ela surpreso.

— Ameaças?

— De guerra...

Todos com exceção de Charles Wallace e a Sra. O'Keefe estavam olhando para ela.

— O telefonema antes do jantar... — disse ela. — O presidente não tinha medo da guerra?

— El Zarco já depôs os membros militantes de seu gabinete. Ele sempre foi conhecido como um homem da paz.

Charles Wallace falou baixinho, de modo que só Meg conseguiu ouvir.

— Eles não viajaram com um unicórnio, Meg. Para eles não havia El Rabioso. Quando Matthew mandou Zillah para ela casar com Bran, e quando Gedder foi morto, deu-se o Pode-Ter-Sido. El Rabioso nunca nasceu. Sempre foi El Zarco. — Ele apertou tanto a mão dela que doeu.

A Sra. O'Keefe olhou para Meg, concordando.

— O bebê vai nascer.

— Ah, Mamãe... — Meg chorou. — Você vai ficar contente de ser avó?

— Está muito tarde — disse a idosa. — Me levem pra casa. Chuck e Vovó

estão me esperando.

— Como é? — perguntou o Sr. Murry.

— Chuck e Vovó... esqueçam. Só me levem pra casa.

— Eu levo — disse o Sr. Murry.

Meg deu um beijo de boa noite na sogra. Era a primeira vez que lhe dava um beijo.

— Até, Mamãe. Até breve.

Quando o carro partiu, Dennys virou-se para a irmã.

— Não sei bem se ela vai chegar a ser avó, Meg. Acho que o coração dela está parando.

— Por quê?

— Os tornozelos bem inchados. O tom azul nas unhas e nos lábios. Respiração curta.

— Ela correu até a rocha de observação estelar.

— Já estava sem fôlego antes. Não sei como não morreu. E o que foi essa coisa toda eu nunca vou saber.

— Essa noite inteira foi confusa — concordou Sandy. — Eu sugiro que esqueçamos e que vamos para a cama. E a Sra. O’Keefe nunca teria voltado sem Dennys e sem mim, Meg. Mas você tem razão, Mãe, ela é uma moça bem velha.

— É mesmo — concordou a Sra. Murry. — E concordo com você, Sandy, quanto a ir para a cama. Meg, você precisa dormir.

O bebê na barriga de Meg se remexeu.

— Você está mais do que certa quanto a Mamãe O’Keefe, Mãe, mais certa do que qualquer um de nós poderia imaginar. Há muito, muito mais nela do que se percebe. Não gosto da ideia de perdê-la bem quando estamos descobrindo-a.

Charles Wallace havia voltado a contemplar o modelo complexo do tesseracto. Ele falou baixinho com a irmã.

— Meg, independente do que acontecer, mesmo que Dennys esteja certo quanto ao coração dela, lembre que foi ela mesmo que se dispôs, pelo bem do bebê, e o seu, e o de Calvin, e de todos nós...

Meg olhou para ele com ar interrogativo.

Os olhos de Charles Wallace ao lhe devolver o olhar eram o azul da luz quando reflete um chifre de unicórnio, puro e transparente e infinitamente profundo.

— Nesta hora sinistra, ela se dispôs entre nós e os poderes das trevas.

A série *Uma dobra no tempo*:

Uma dobra no tempo
Um vento à porta
Um planeta em seu giro veloz
Muitas águas
Um tempo aceitável

PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Alice Mello

COPIDESQUE
Tháís Lima

REVISÃO
Anna Beatriz Seilhe

PROJETO DE CAPA
Maquinaria Studio

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DE MIOLO
Julio Moreira | Equatorium

CONVERSÃO DE E-BOOK
Guilherme Peres

CHEGOU A HORA DE SE TORNAR UMA HEROÍNA

UMA
DOBRA NO
TEMPO

MADELEINE
L'ENGLE

 Harper
Collins

Uma dobra no tempo

L'Engle, Madeleine

9788595082205

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico da fantasia e da ficção científica emerge! Após uma noite de forte tempestade, uma visita estranha chega à casa da família Murry e convoca Meg, seu irmão Charles Wallace e o amigo deles, Calvin O'Keefe para uma aventura muito perigosa e extraordinária – uma viagem que ameaçará suas vidas e o nosso universo. Uma dobra no tempo é o primeiro da aclamada série em cinco volumes de Madeleine L'Engle. Sua adaptação cinematográfica chega às telas em uma megaprodução Disney em março de 2018.

[Compre agora e leia](#)



Circo Mirandus

Beasley, Cassie
9788569514244
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

VOCÊ PRECISA CRER PARA VER. Ephraim, o avô de Micah, sempre contou ao neto histórias maravilhosas do Circo Mirandus, um lugar mágico que ele visitava quando era criança. Mas agora o vovô Ephraim está doente, e a chata e rabugenta tia-avó Gertrudis chegou para tomar conta de Micah e silenciar as histórias do avô. Toda a magia da infância do menino parece perdida, até que o vovô Ephraim finalmente lhe conta a verdade: o Circo Mirandus é real, e o Dobra-Luz, o melhor mágico do mundo, deve a ele um milagre. Com sua amiga Jenny Mendoza encarregada das pesquisas e descobertas científicas nessa busca, Micah está decidido a encontrar o circo e o homem que ele acredita ter o poder de salvar seu querido avô. O problema é que o Dobra-Luz não quer cumprir sua promessa. E agora depende de Micah conseguir o milagre de que tanto precisa... Cheio de encantamento e sagacidade, Circo Mirandus é um clássico para todas as idades, que vai testar sua crença em magia... E recompensá-la.

[Compre agora e leia](#)

Harper
Collins



NOVA WEETMAN

O verão da minha vida

Weetman, Nova

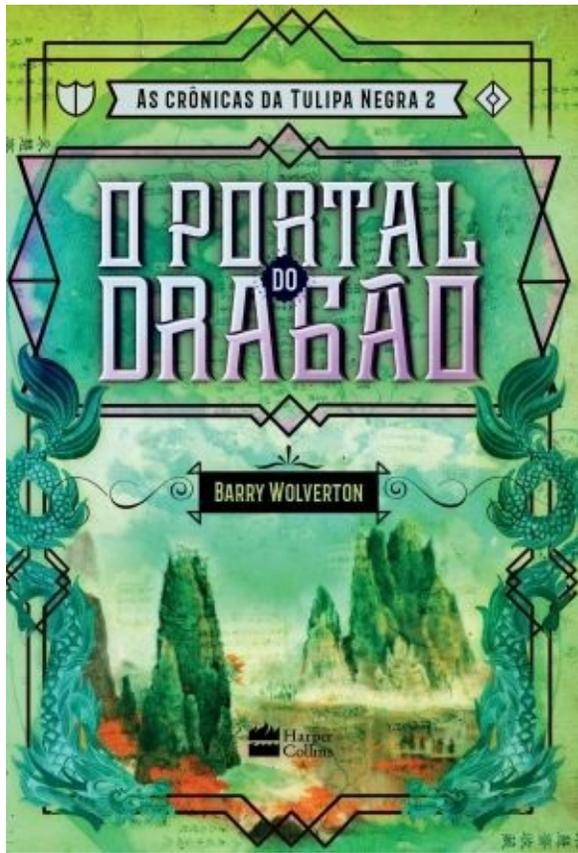
9788595082199

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida é feita de escolhas, e ninguém sabe melhor disso do que as meninas! Terminar o dever ou ir para o shopping? Juntar a mesada para aquele celular incrível ou comprar o box da sua série mais amada? São tantas decisões... As personagens da coleção Escolha o seu felizes para sempre também têm muitas opções — aqui cada escolha delas é sua, e é você quem decide o caminho que elas devem tomar. Siga o seu coração e veja aonde ele leva, ou volte atrás e escolha tudo outra vez! É o último dia de aulas e Frankie só consegue pensar que seu verão não está prometendo: um calor de morrer e seu violão como única companhia... Isto é, até que surge uma oportunidade de ir para Londres nas férias! Isso pareceria ótimo se não significasse reencontrar Jake, o menino que partiu seu coração. Além disso, Frankie ainda precisa decidir se férias na praia com o pai são uma saída perfeita ou uma torta de climão, já que seu pai está com uma namorada nova, que também tem uma filha! Será que ela vai perceber que esqueceu Jake de vez? Ou vai acabar enterrando a nova "irmã" na areia? Cabe a você decidir o que Frankie vai fazer em O verão da minha vida!

[Compre agora e leia](#)



O portal do dragão

Wolverton, Barry

9788595082120

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma pedra mágica e um mapa esculpido em osso podem ser as chaves para um mistério ainda maior. Depois de enfrentar os sete mares para encontrar o tesouro da Ilha Perdida, Mouse está decidida a chegar ao Portal do Dragão, convencida de que lá encontrará a explicação de sua origem e de seus poderes. Bren, por sua vez, acredita que já viveu aventuras suficientes, e só deseja voltar para sua família. Mas nada segue de acordo com o plano quando os sobreviventes do Albatroz são resgatados por Lady Jean Barret, uma arqueóloga carismática em busca dos Oito Imortais, artefatos antigos cuja localização permanece um segredo há quase dois mil anos. Para todos conseguirem o que querem, precisam trabalhar juntos nessa jornada perigosa até o coração da China. Uma fantasia envolvente, uma aventura em alto-mar, uma história alternativa épica. Este é o segundo livro da série de imaginário rico e lindamente criado por Barry Wolverton, As crônicas da Tulipa Negra.

[Compre agora e leia](#)

O APOCALIPSE FOI
SÓ O COMEÇO

VIVIAN =CONTRA A= AMÉRICA

KATIE COYLE

AGIR
NOW!

Vivian contra a América

Coyle, Katie
9788569809661
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

O APOCALIPSE FOI SÓ O COMEÇO"Uma visão assustadora do que acontece quando um mundo moribundo e desesperado está disposto a acreditar em qualquer coisa para sobreviver." — MTV.com"Imprevisível e único. Os leitores vão ficar boquiabertos, desejando ter tanta coragem e graciosidade quanto Vivian Apple." — VOYAVivian Apple tem um currículo surpreendentemente variado. Aos 17 anos, passou de boa moça estudiosa a revolucionária procurada, atravessou os Estados Unidos de carro com os amigos, lutou contra um bando de adolescentes doutrinados, encontrou uma irmã que nem sabia que existia e descobriu segredos sombrios sobre um culto que dominou a América. O próximo passo? Tentar determinar o paradeiro de Peter, seu meio-que-namorado, antes que o mundo acabe (de novo), em três meses.Perdidas em São Francisco, perseguidas por grupos religiosos e caçadores de recompensa e enfrentando uma sociedade cada vez mais próxima do colapso, Vivian e Harp estão em perigo e nem sabem por onde começar a busca por Peter. Até que uma pista as leva a Los Angeles, para o hotel Chateau Marmont, o improvável quartel-general da Igreja Americana, onde supostamente grandes nomes esperam pelo fim do mundo. Parece que Vivian precisa salvar o país, seus amigos e a si mesma, ou arriscar perder tudo que ama mais uma vez.Vivian, Harp, Peter e seus amigos são retratos de uma geração que tenta encontrar seu lugar num mundo que parece enlouquecer. Idealistas e ao mesmo tempo pé no chão, não vão parar por nada até descobrir a verdade nesta continuação de Vivian contra o apocalipse. Com personagens bem-construídos, diversos e apaixonantes, e uma trama cheia de ação e reviravoltas, Vivian contra a América é uma maravilhosa adição a qualquer biblioteca, que vai fazer você questionar tudo, até suas próprias crenças e convicções.

[Compre agora e leia](#)